

Le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

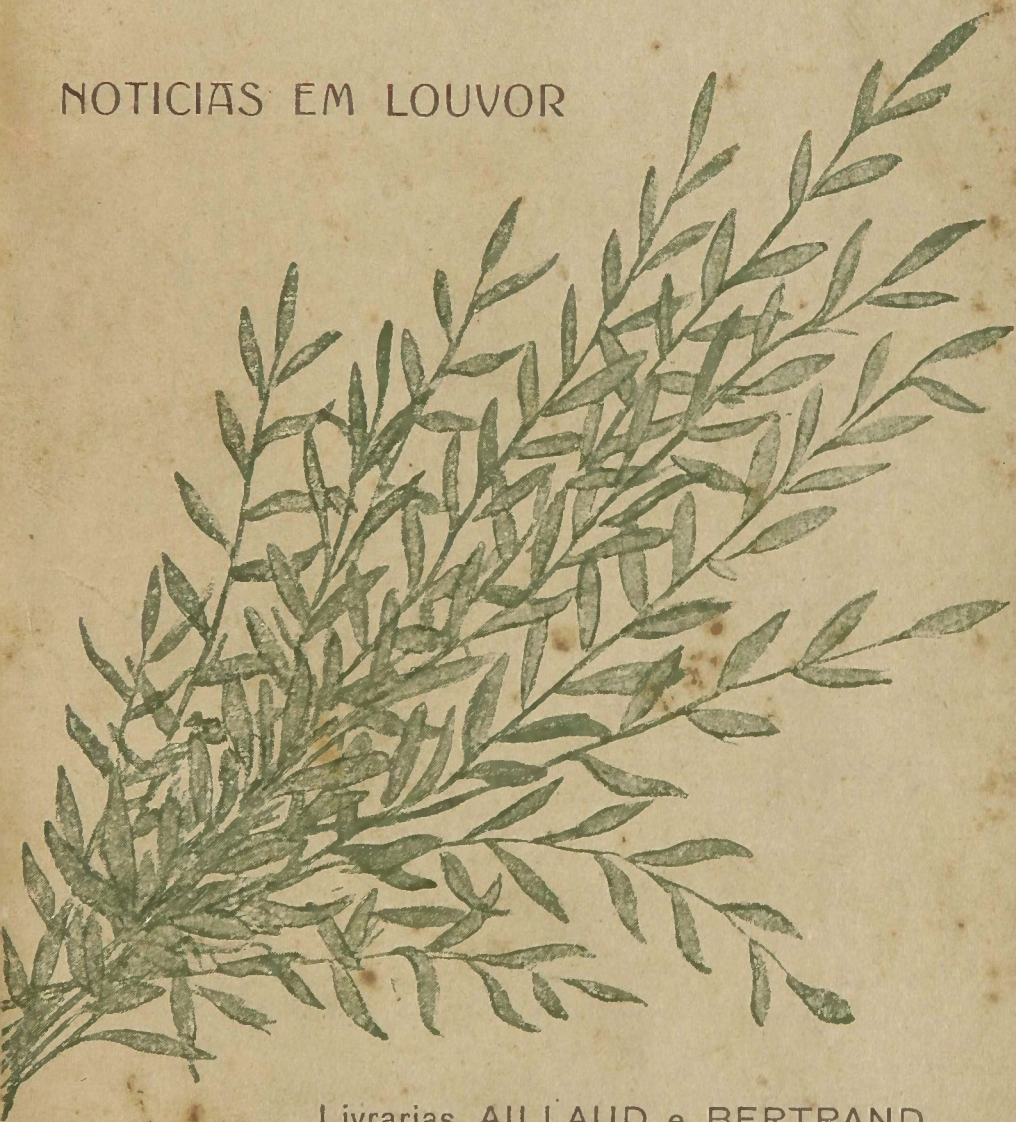
Ex Libris
José Mindlin

JOÃO DO RIO

Da Academia Brasileira e da Academia de Ciências de Lisboa

RAMO DE LOIRO

NOTÍCIAS EM LOUVOR



Livrarias AILLAUD e BERTRAND



RAMO DE LOIRO

Obras de JOÃO DO RIO:

Crónica Social

RELIGIÕES NO RIO, 20.º milheiro.

ALMA ENCANTADORA DAS RUAS, 4.º milheiro.

VIDA VERTIGINOSA, 2.º milheiro.

CINEMATÓGRAFO.

OS DIAS PASSAM.

CRÓNICAS E FRASES DE GODOFREDO DE ALENCAR.

PALL-MALL RIO DE JOSÉ ANTÓNIO JOSÉ.

NO TEMPO DE VENCESLAU.

Inquêritos

O MOMENTO LITERÁRIO.

NA CONFERÊNCIA DA PAZ, 1.º vol.: *Do Armistício de Foch à Paz de guerra*; 2.º vol.: *Aspectos de Alguns Países*; 3.º vol.: *Algumas Figuras do Momento*.

Contos

DENTRO DA NOITE, 10.º milheiro— editor Garnier.

A MULHER E OS ESPELHOS.

JUCA DE S. JORGE E OUTROS TIPOS— a aparecer.

ROSÁRIO DE ILUSÕES.

Teatro

A BELA M.^{me} VARGAS, peça em 3 actos — editores Briguiet & C.a
EVA, peça em 3 actos— editores Vilas-Boas & C.a.

HORROR, TRISTEZA E RISO, a aparecer, peças em 1 acto —
editores Vilas-Boas & C.a.

Conferências

PSICOLOGIA URBANA, 3.º milheiro.

SESAMO.

ADIANTE.

Viagens

FADOS E CANÇÕES DE PORTUGAL.. }
PORTUGAL D'AGORA..... } editor Garnier.
SENSAÇÕES DE VIAGENS— a aparecer.

Traduções

Obras de OSCAR WILDE:

SALOMÉ..... } já publicadas pela
INTENÇÕES..... } Livraria Garnier.
O RETRATO DE DORIAN GRAY..... }
TEATRO..... } a aparecer.

Romances

DESEJO..... } de próxima publi-
PROFISSÃO DE JACQUES PEDREIRA } cação.
A CORRESPONDÊNCIA DE UMA ESTAÇÃO DE CURA.

JOÃO DO RIO

Da Academia Brasileira e da Academia de Ciências de Lisboa

RAMO DE LOIRO

— notícias em louvor —



Livrarias AILLAUD e BERTRAND
PARIS-LISBOA

Livraria CHARDRON
PORTO

Livraria FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO

JOÃO DO RIO

RAMO DE LOIRO



LIVRARIA ALLARD & BERTRAND

PARIS-1862

Imprensa PORTUGAL-BRASIL, Rua da Alegria, 100 - LISBOA

Um grande poeta

Um grande poeta

EXACTAMENTE, há dez anos, por uma fria tarde de inverno, em Lisboa, o polígrafo-artista, Manuel de Sousa Pinto, apresentou-me mais um poeta. Era João de Barros, de volta de Bruxelas, de Londres, de Paris. Homem muito civilizado, com a alegria espiritual que fazia o génio de Bilac, denominá-lo «luz em movimento». Não tinha as virtudes inofensivas e amáveis que nada adiantam. Tinha a virtude que o grande escritor Malheiro Dias chamaria algum tempo depois: — «a virtude da ave», aquela que nos faz ver o céu no risco que pelo céu traçam as àsas.

E não falava dos seus versos.

Essa qualidade excelente concorreu assaz para a simpatia subitânea que lhe votei. Os poetas, em Portugal e Brasil são abundantes. Mas talvez o falarem dos próprios versos seja a sua predominante qualidade poética. De facto. Uma das maiores tristezas contemporâneas vem da falta de poesia dos poetas...

Como oito dias depois partisse, recebi os

seus livros a bordo. Eram *Algas*, *Pomar dos Sonhos*, *Entre a multidão*, *Dentro da Vida*, *Caminho do Amor*. Como não conversara de arte com João de Barros, li êsses volumes com cuidado para conhecê-lo. Nós só somos o que dizemos nos nossos livros:—tudo o mais é literatura. Notei nesses livros de formação o «multiverso moral» de que fala James. A inquietação é o manómetro da vida. Êsse método de verificação dava a João de Barros um lugar. O seu pensamento ardia em cada poesia do desejo de abraçar a vida no seu multiformismo. Apenas.

Com egoísmo não pensei mais no poeta, pensei no excelente camarada, com o qual de-certo tornaria a palestrar de passagem para Paris.

Algum tempo depois, no Rio de Janeiro, Medeiros e Albuquerque diz-me:

— ¿ Temos um notável poeta em Portugal.

— Qual ?

— João de Barros. Terminei a leitura da *Terra Florida*. Há lá mesmo uma poesia dedicada a Você.

Oh! sim! Nesse volume em que os poemas tinham a sobriedade de linhas e o fervor de esculturas helénicas, havia um tal ímpeto de vida nova, que se sentia o pasmo fatal diante

do eterno-novo. João de Barros anunciava-se o portador da alegria. Êle acreditava. Na poesia contemporânea dividida entre as luxúrias secundárias da forma e da saudade, êle tinha a sã sensualidade de amar a vida.

Nesse livro da *Terra Florida* havia um poema denominado *Alegria*.

Alegria! Alegria!

Ó céu do meu País

Onde as nuvens até são quási luminosas;

Ó Sol de Maio a rir nos canteiros de rosas,

Ó Sol alegre, ó Sol vibrante, ó Sol feliz

Para quem o Inverno é um momento apenas;

Sol d'ingénuas manhãs e de tardes serenas,

Ó Sol quente de Julho, ó Sol das romarias

Queimando e endoidecendo as multidões sadias...

Sol candente do Algarve, ó Sol doce do Minho,

Florindo amendoais, ou a espumar no vinho;

Sol das searas d'ouro e dos vergéis d'Outono

Palpitantes de côr como um largo poente;

Sol que ao dormir a terra o seu fecundo sono

Lhe dá sonhos de luz, voluptuosamente;

Sol das eiras de milho e da roupa a corar,

Sol dos verdes pinhais e das praias trigueiras,

Ó Sol moreno e forte a resplender no mar

Tisnando as carnações mais as velas ligeiras;

Ó Sol moreno, ó Sol alegre, ó Sol feliz

Sendo ainda clarão na agora da agonia,

— Canta a glória da luz, canta a glória do dia,

Em todo o meu País!

E a alegria não era só do céu, era do mar,
era da paisagem, era da Beleza das mulheres

Ó Beleza fecunda e trigueira e singela,
Maternidade honesta a sorrir por viver,
Sê cada vez mais bela
Em todo o meu País, que te não sabe ver...

— Em todo o meu País, que em ti não soube amar
A alegria do Sol, dos campos e do Mar!

¿Que vida era essa, que dionisismo de afirmações num país em que os poetas achavam canônica a tristeza?

¿Que alegre pequeno deus grego vinha cobrir com o seu riso fecundo as belezas da terra viúva dos arroubos e ansiosa por êles? Negar é fácil. Mefistófeles vence, graças ao mêdo dos crentes diante dos scépticos. Mas os scépticos sabem que são a raposa de Emerson.

Ninguém duvida da influêncía da nossa natureza passional sôbre as nossas opiniões. Quando a natureza passional se apropria da natureza, sempre inteira plasticidade e indiferença — uma transformação refulge. E' o milagre da juventude da Arte.

¿Teria João de Barros a consciêncía do que realizava? Uma das suas epígrafes era aliás

um verso de Signoret:—*Le sourire du monde a mes lèvres grandit*. E nesses apelos jucundos da *Terra Florida* em que descreve *A Romaria*, termina assim:

Para que os abraços por detrás das sebes
Sejam mais estreitos,
E melhor confundam vidas palpitantes,
Corpos ofegantes,
Bôcas murmurando
Aos ouvidos dóceis o indomado cio!
Para que só velhos durmam hoje, quando
Já os galos cantem, já desmaie a lua
E num arrepio
Fuja do Céu alto, negro e que flutua
Sôbre aquelas vastas, agitadas bodas!
Do Céu onde morrem as carícias tôdas.
O arquejar sensual,
A ansiedade imensa desta multidão!
Do Céu que, saudoso do calor fugido,
Oiça com ternura
E repita ao longe tôda a confusão
Do grito que sobe pela noite escura,
Calma e nupcial,
Do suspiro fundo desta Primavera
Que se espalha, doido, cresce, irreprimido,
— Num erguer de vaga, num tremer de chama .

— Como se já fôsse quási que o vagido
D'uma raça nova que o destino espera,
D'uma raça alegre que o futuro chama!

¿Surgiria na época de descrença e de dissolução amarga, um grande poeta animador? ¿Depois de Camões, que como Homero cantava o passado para animar o seu presente, depois de Junqueiro que amaldiçoara e chorara tanto que a sua voz se fêz clangor de derrocada e as suas lágrimas estrêlas guiadoras da remodelação, teríamos um poeta solar?

Dizem que os grandes homens não podem ter amigos. Teem apenas: invejosos e parasitas. Eu tenho a incoercível sedução do génio. Mas por isso mesmo temo de lhe endereçar o banal elogio. Para os filósofos antigos havia acima do tempo e do espaço um mundo em que moravam as verdades possíveis. As verdades humanas tanto mais verdadeiras eram quanto mais fielmente as copiavam. A crítica não existe senão como instrumental de louvor. E' a palavra pela qual fala o mundo acima do tempo e do espaço.

Eu temi dizer, antecipadamente, um elogio. O meu acanhamento foi tão grande que nem mesmo agradei o livro que me chegava. Em cinco anos de relações tínhamos estado no máximo juntos dez dias, o poeta e eu...

De repente, porém, na montra de uma livraria, eu vi o *Anteu*, poema de João de Barros. O *Dicionário da Fábula* diz: «Anteu, famoso gigante, filho de Neptuno e da Terra.

Hércules combateu com êsse gigante, e por três vezes o levou debaixo, porêem debalde: porquanto a Terra, sua mãe, lhe ministrava novas fôrças, apenas êle a tocava.»

— ¿Que fará João de Barros do grande mito?

Tomei do volume. E horas depois tinha a certeza de ter nas mãos, um novo poema de beleza universal.

Uma grande vida interior irradia, projecta-se, resplandece no entrançado das rimas dêsse canto admirável, e nós não lemos, não assistimos, não vemos apenas. Acontece-nos o que acontece com a *Electra* de Sofocles e o *Prometeu* de Esquilo: sentimos tôda a nossa humanidade, tôda a nossa esperança, tôda a nossa energia vivendo, sofrendo, agindo com o herói...

Um poema vale em eternidade pelo que revela à sua Raça e à Humanidade. Todos os grandes poemas misteriosamente tomam da humanidade o ânimo para o coração da sua gente. Eu creio que os sêres de eleição denominados poetas, tão raros são na terra e tão miraculosos, que a obra se lhes cria no cérebro independente da vida diuturna, pois é mais: é o concêrto das ideas celestes que o fazem instrumento.

O *Anteu* de João de Barros comove a quem

o lê em qualquer parte da terra. É a sua estranha humanidade.

O semi-Deus está na cidade que edificou, orgulhoso da energia do sonho realizado. E recebe Hércules.

Hércules, sê bemvindo :

i Tu que trazes nas mãos, como um pássaro abrindo

As àsas frágeis ao ar livre e puro

Todo o mistério do meu Futuro!

Êle sabe que Hércules vem lutar por ordem divina. Mas é o homem bom que não teme o Deus porque a consciência do seu eu é ainda maior que a divindade. Mas é a humanidade que só pensa na realização do seu imenso sonho, que se dilata e aumenta e cresce e é infinito sempre, a cada nova conquista. O próprio Hércules o diz nesta eclosão de versos :

Ah! o homem é hoje o maior inimigo!

Emquanto immortalizo os meus feitos mortais

Para, entre os Deuses, ser em breve um Deus a mais,

¿O que procura e tenta êsse filho do pó,

Vivendo só consigo, amando só consigo

A vida, o sonho, a fé, que edifica êle só?

Sem preces, desdenhoso,

Nêle mesmo encontrou sua dor e seu gôzo,

E o refúgio melhor das suas ansiedades,

Não sonhou ilusões e não forjou quimeras
A que não desse um' dia a fôrça de verdades.
Quis a Terra: — e a Terra entregou-se-lhe riudo:
A cada novo beijo um sulco ia florindo,
Cada abraço acordou latentes Primaveras!
Quis o Mar: — para o ter fêz a concha das velas,
Prendeu nelas a fuga, a loucura do vento,
E as mãos crispadas sôbre o leme das galeras,
Abriu o espaço, galgou ondas e procelas,
;E rasgou no horizonte o véu do firmamento!
Então para que a terra o seduzisse ainda
Com mais graça e beleza, e a voz terna do amor,
A mulher soube ser mais dócil e mais linda,
;Receosa que um dia a embriaguez do longe
Afastasse do lar o Amante e o Senhor!
Assim criou o seu império sôbre o mundo,
Assim ficou feliz, assim viveu fecundo,
E um dia,
Certo da sua paz e da sua ousadia,
— Sem mêdo de perdê-las —
Varrendo o Céu com os seus braços desvairados,
Julgou trazer, dentre o silêncio das estrêlas,
Os Deuses — algemados! . . .

E Anteu responde:

Todos os Deuses, todos! Na cidade,
Não há um templo onde se acoite a divindade,
;Nem um altar modesto ao Deus desconhecido!
Nem o fumo sequer dum sacrifício pobre
Sobe à tardinha, no poente comovido.

E repara: — é tranqüilo êste céu que nos cobre,
O solo é fértil, não há frio, não cai neve,
O amor é casto, o sonho é doce, a vida é leve,
E as tristezas — serenas...

Antes de entrar em luta, porém, sonda a sua tristeza ao rever a própria obra no momento de descer a escadaria do palácio. É a história do homem construindo a Cidade, rasgando a terra, açaimando o mar, edificando.

Arquitecturas de beleza e energia,
Terraços para o azul, portas acolhedoras,
Tôrres esbeltas, prolongando na distância
A sombra juvenil e a eterna vigilância.

Todo o orgulho do sonho realizado, o que entretanto a tristeza vestia, tôda a tristeza do Super-Homem vendo que a multidão não compreendera a sua obra:

Que importava criar humanos paraísos!
Se o homem, ao olhar o sonho realizado,
Quási o julgava um sonho alheio, uma quimera.
E de esforço maior que a alma que o fizera,
Cheio de incerto medo
Ante a obra ideal dos seus próprios ideais
Buscava já, ó Dor!
À sua criação, um outro criador:

Por isso, entregando-se à luta, Anteu exclama:

Tu que buscas o Céu, eu que nasci da Terra,
Vamos juntos quebrar esta dor que me encerra.
— Porque venças ou não, sejas ou não vencido,
;A vida vai dizer-me o seu mistério, emfim!
E eu darei à cidade, aflita e fatigada
De dúvida e terror,
Ou o orgulho de ter trabalhado e vivido,
Ou a alma submissa, a alma resignada
De quem busca, vivendo, um outro, alheio fim.
Herói, vai terminar, na luta que desejas,
A luta mais feroz de muitos corações...
Vais dar certeza, vais trazer desilusões
Ou a ilusão maior, ;que ficará florindo
Eternamente, os corações!
;Bemvindo, pois, Herói, bemvindo sejas,
Hércules, sê bemvindo!

E vence Hércules, e prosta-o e domina-o
Hércules, no pó confessa-o:

Nunca mais! Nunca mais!
O mundo é grande; e nós, mortais ou imortais
Só o achamos pequeno ante a nossa ilusão.
Não cruza com o teu, agora o meu destino,
E mesmo que eu voltasse, eterno peregrino
À beira do teu campo, à porta do teu lar
De-certo não seria, Anteu, para lutar...

Porque em ti me subjuga uma fôrça tamanha
E tão profunda e estranha,
Que nem eu sei vencê-la!

Mas Anteu despede-o como o homem a que
uma vitória só faz querer a realização de
maior vitória:

Tu que, vindo buscar a glória, só levaste
A ânsia de temer que ela de ti se afaste
E nem sequer te beije à hora de morrer
— Herói, parte sem dor: revelar é vencer
E rasgar o mistério é sempre triunfar!
E eu...

... Eu volto para a luta e não para sonhar.
Volto para tornar mais bela e mais acesa
Esta chama de fé, de vida e de certeza
Que o teu gesto abateu
E o meu triunfo acende — e alarga em cada olhar!

Tôda a nobreza da juventude na eternidade, todo o incentivo que as almas sedentas de amor e luta e trabalho que são vitória e vida, almejam, vibra e estrela nesse canto.

Mas, o poema estaria incompleto, seria apenas um canto de triunfo se não assistíssemos ao sacrifício do expoente máximo da espécie pela espécie sem fôrças para compreendê-lo e o fatal aceno da continuidade da superior fôrça latente de esperança e de energia,

que, morto um herói, em outro desabrocha o mesmo sonho, e arrasta a humanidade. E' o segundo capítulo.

Os barcos saíam pela manhã e voltavam ao sol pôsto, com mêdo da noite. O mistério tenta Anteu. Êle vai só uma noite e descobre que quando o sol deixa de guiar as naus, a estrêla polar fica no céu para iluminar a rota. Então arma naus cheias de moços e fá-las partir ao caír da tarde, sem êle, porque os moços querem liberdade. No primeiro canto assistimos ao embate primeiro entre Anteu e a Multidão, que teme pelas naus e o culpa. O filho de Anteu, nos braços da Mãe, estende os bracitos, aponta os navios. O pai exclama:

Oh! a avidez dos seus bracitos...

Dizem a fome de infinitos

Um mundo novo a conquistar.

Quem lhes pudesse conservar,

Por tôda a vida,

Esta ambição que não duvida

Porque não foi desiludida,

Porque não sabe ainda hesitar...

E logo para a mulher, falando do seu desejo de chama:

Mas para tudo é dêle assim, em frente à vida,

Aos homens sôbre a terra, às ondas sôbre o Mar,

Aos horizontes que ninguém pode alcançar,
iÉ sempre esta ambição, esta febre insofrida
De conhecer, de dominar, de conquistar!
Ah! i segurar nas mãos o mistério do mundo
E sabê-lo prender no meu peito profundo
Em vez do coração!
Para depois ouvir, latejando nas veias,
Seivas da Primavera e do Outono fecundo,
Os ritmos do Universo, o erguer das marés cheias,
Bater perdidamente a cada pulsação,
Não sofrer nunca mais a dúvida certa
De sómente abranger minha própria incerteza :
— i Ser mais do que homem, ser a consciência inteira
De tôda a natureza!...
... i Nem tu calculas, meu Amor, como êste sonho
Me exalta e me deprime!
i Quanta vez, quanta vez, loucamente suponho
Tê-lo alcançado emfim, numa hora que redime
A angústia de prevê-lo inalcançável, sempre!...
i Mas depois, mas depois, que triste desengano!
Como desejo então, eu, pobre ser humano,
Êbrio de tudo o que é maior que o meu desejo,
Calar a voz, cerrar o olhar, parar o braço,
E, já que não abranjo o mundo em meu abraço,
Ser dêle ao menos, ser como êle inconsciente,
Fumo que o vento leva, ou pó que nada sente
Semente que ficou sem germinar, no ar.

Êste frenético desejo de compreender no seu delírio panteísta é bem o sonho da juven-tude. Mas João de Barros não só aí fixa o

sentimento universal do arquetipo humano no momento. Pouco adiante, por exemplo, Anteu diz estas palavras de verdade:

Ouve: — o triunfo, ainda que raro e fugitivo,

Ensina a amar a Dor.

Nela bebo a paixão, a verdade, o vigor,

Nela me exalto e vivo

— Pois sabe libertar-me o coração cativo

Da mentira banal de tentar ser feliz.

Feliz ou não — é sempre grande um grande amor,

¡Sempre grande e fecundo um grande sonho altivo!

Chorar — não. Mas sofrer é nobre: cala o pranto

E não deixes correr as lágrimas febris.

Como a água que banha e alimenta a raiz,

¡Elas fazem florir em pétalas de encanto

As próprias desventuras!

E para mim a Dor é isto — ¡um ninho d'águias

Perdido nas alturas!

Quando parto de lá, fremente de energia,

Para lutar,

Já não oiço, não sinto a voz da cobardia,

Cá em baixo a gritar, a tremer, a hesitar...

A cobardia vem, porêm. E' a multidão que o acusa de mandar os navegantes à noite para os perder. Anteu consegue com a palavra dominar os receios dos pobres. Leva-os ao terraço do palácio, mostra-lhes as estrêlas, conta a sua viagem antes de mandar os rapazes sem êle e a descoberta da estrêla polar:

— As estrêlas, ouvi!, as estrêlas dançavam,
 Como um côro ideal de virgens aureoladas,
 ¡De mãos dadas, pisando um prado de violetas!
 Dança lenta, que nem o vento acelerava...
 E todo o céu era uma abóbada harmoniosa,
 Que o silêncio da Terra ouvia, confiante,
 Que a minh'alma escutava, entre alegre e medrosa...
 Um só astro ficara imóvel, e brilhava
 Com uma luz mais bela entre a ronda faiscante:
 ¿Seria Apolo que de novo ali voltava
 Presidir a um milhão de Musas fugitivas?
 ¿O que importava, meus irmãos, o que importava?
 Se um clarão fixo ardia entre luzes esquivas,
 Se uma certeza havia entre tanta incerteza,
 Praia sempre a acenar aos olhos de quem fôr
 — Na suprema avidez do novo e da beleza —
 ¡Abrir caminho a mais esfôrço e a mais amor!

E como a turba protesta por ter êle ficado,
 Anteu indaga:

Se eu naveguei tôda uma noite, ¿que terror
 Posso eu ter, pobres velhos?
 Ir com êles, p'ra quê? Dar-lhes fôrça, conselhos?
 O que é preciso é dar-lhes sonho e liberdade,
 ¡Abandoná-los ao Futuro na ansiedade
 De viver sempre, e mais, além da própria vida!
 Quero, quando morrer que est'alma, revivida,
 Triunfe noutras, ¡como um dia triunfará
 Na carne de meu filho, ansiosa e ardente já!
 Deixá-los ir, deixá-los ir! Vão aprender
 Como a vida é melhor, se há mêdo de a perder.

! Como ela aguça, intensifica o seu clarão
Entre a noite que nos enubla o coração!
Deixá-los ir, deixá-los ir! Não de voltar...
E serão para vós, contra a vossa descrença,
O pensar que a domine, a vontade que a vença.
Deixá-los ir, deixá-los ir. Não de voltar,
Trazendo a rir, a resplender em cada olhar,
O brilho nítido e cortante, essa alegria
Da seta que partiu, silvando, pelo ar
! E se cravou, por fim, na prêsa que fugia!

Três dias depois, como os barcos não voltam, a Multidão, instigada pelo Tribuno, torna furiosa. Ela impreca e atira pedras ao Herói, mas o Tribuno que no poema resume e sintetiza e incarna a pequena inteligência invejosa de tôdas as épocas, a que se remorde contra o génio e se acobarda no momento da vitória para gritar e açular a matilha nos graves momentos, o eterno Tribuno quer a sua morte. Quer a sua morte sem saber porquê, quer a sua morte porque é êste pavoroso e hórrido crime da Natureza: o semi-amputado cerebral, a pequena inteligência. Anteu, para satisfazer o povo, vai embarcar só, em busca das naus. Com tristeza diz à multidão:

— E fui grande! Fui grande! As minhas mãos calosas
De trabalhar convosco, infatigavelmente,
! Souberam amoldar as formas gloriosas
Do meu desejo, cada vez mais exigente!

¡Ó desejo que vais além do que é provável!
 Ó realizador de tudo o que não temos,
 ¡Criando sôbre o mundo os momentos supremos
 Em que o mistério se abre ao homem indomável!
 Ó desejo! não há beijo que em nós inflore,
 Que traga em si tanta volúpia, como aquela
 De encontrar para a vida uma expressão mais bela,
 ¡De encontrar para a alma a perfeição melhor!
 ¡Nesse esforço imortal ninguém sente o cansaço!
 ¡Tudo o mais é mentir ao sangue insatisfeito!

Mas quando as gentes se apartam para deixá-lo passar, o Tribuno desesperado clama e a multidão cai à pedrada no Herói que não resiste. E' o grande instante. O sangue jorra das largas feridas de Anteu que expira. O sol no ocaso ensangüenta terra e mar, como se se fizesse do sangue do próprio Anteu. A multidão torvelinha.

A mulher de Anteu aparece desvairada, larga o filho. Neste momento aparecem na linha do horizonte as três galeras. Só o pequeno as vê. Estica o bracito. Quem as poderá mostrar melhor? Dá com o Tribuno.

¡O meu navio, que lindo volta

P'ra me buscar!

— Ergue-me ao alto! Pega-me ao colo! Quero embarcar!

¡E é a miserável pequena inteligência, é o Tribuno que ergue inconscientemente ao alto

a continuação do Grande Desejo Humano, o outro élo da cadeia triunfal dos que querem para além e vêem para além!

E' inebriante. Nesses versos admiráveis palpita a idea, que convence; na sua idea fulge a beleza que irradia; na sua beleza demora um grande, um imenso sonho de orgulho e de luz, que eleva a humanidade e lhe dá o divino ardor das obras super-humanas. E isso sem um excesso, com a simplicidade impressionadora das metopes helenas, com a pureza antiga da ressurreição de um mito valorizado.

¡Nem um requebro de rima, nem um esforço de roupagem que faz da obra dos poetinhas génios entre camaradas, uma espécie de cortesãs afrancesadas! Apenas o grande sôpro de ar puro, uma imensa energia avassaladora, o poeta génio, o poeta-Esquido, o Vate, aquele que com a arte anima a Vida e prevê e exalta e faz triunfar a aspiração incerta da alma de uma época.

Anteu é um pequeno volume de menos de cem páginas.

E é, entretanto, o grande poema da certeza na pureza e na fôrça das energias terrenas. E' a convicção no próprio eu, é essa convicção que se tira do próprio eu, quanto mais educados somos e quanto mais temos de lutar, pela nossa obra, com os inferiores que aplau-

diram no momento da vitória, para nos matar no primeiro momento quando a dúvida pairar...

A arqueologia demonstrou que a arte tem a sua vida própria, herança e evolução quasi biológica, em diversos graus nos quais podemos encontrar — tanto como no grau de desenvolvimento das crenças religiosas e das instituições sociais — certa coincidência cronológica e acção recíproca, que impedem a aceitação da coincidência de ambiente como única explicação das características da arte.

Eu desejaria saber a razão contemporânea de certos grandes e raros poetas, que exprimindo a aspiração humana, são, independentes da sua vontade, os incitadores da raça, cantando nos seus versos os seus mais secretos desejos. Era assim Walt Whitman. E' assim João de Barros. Pode haver grandes poetas em Portugal e no Brasil. Eu não contesto a sua perfeição e a sua beleza. Êles nada tem de guiadores, entretanto. Leopardi era um grande poeta. D'Anunzio é muito maior. Quental foi um sensibilíssimo filósofo artista. Seria a agonia do mundo segui-lo.

Se meditarmos um pouco na obra de João de Barros, veremos que há uma filosofia pre-natural que lhe estabeleceu o traçado ascensional da poesia. Dos seus poemas, dessas

polifonias prestigiosas de gritos roucos, claros pregões de vida, perfumes de pureza, fúrias de amor emana como a decifração do enlace da natureza e do sentimento. Os que são tristes são sempre tristes. Já o Dante dizia

... Tristi fummo

Ne e' aer dolce dal sol s'allegra
Portando dentro accidioso fummo.

João de Barros instintivamente acredita «que a fé ajuda a criar.» E' uma forma de misticismo, — de hedonismo, mas ao contrário de Novalis, com a base da alma material, conforme os Padres da Igreja de Basílio a Agostinho: *animam nihil esse si corpus non sit*. A sua filosofia é a alegria de viver procurando um fim: produzir-se; é o *lebens genuss* de Kant.

Com certeza êle jamais pensou em tais coisas complicadas da análise. Se as pensasse não teria escrito os seus poemas. Mas facilmente poderíamos tomar para epígrafe da sua obra a frase de Shelley: — *tempo, forma ansiosa*, — e fazer definição da sua obra os versos do mesmo divino poeta no *Prometeu*: — «Eu sou a Terra, tua mãe, aquela que nas veias de pedra até às últimas fibras das árvores mais altas sente correr a alegria como o sangue num corpo vivo, quando tu te ergues

como nuvem de glória... » Os homens devem viver na grande ânsia da Vida. Criar, trabalhar, amar, viver freneticamente, gozar tôdas as dores e todos os prazeres a ponto de fazê-los acorde dissonante.

Les minutes, mortel folatre, sont des gangues
Qu'il ne faut pas jeter, sans en extraire l'or

Disse Baudelaire.

Como se perde o tempo ! ; Quantos minutos passam, sem que dêles nos apercebamos ! Vivamos ! Viver é não esquecer a consciência do tempo, é absorver, é projectar, é trabalhar. Vivemos pensando, amando, realizando, sofrendo. A dor é o laboratório da bondade. Cada homem deve possuir totalmente o grande verbo regente.

A obra de João de Barros é uma confissão de fogo. Êle resume o seu sentir no poema da *Ansiedade*

A vida, sei-o bem, não é aquela presa
Que eu julgara alcançar num combate lial,
A vida é fumo, é pó, é névoa — ou ideal...
Mas de tal modo esquiva e fugidia tanto,
Que forma alguma encerra e molda o seu encanto,
; Que forma alguma exprime a sua imensa dor !
Curvo sôbre ela, inquieto, o meu olhar, no amor
De quem, gesto insofrido,

! Só pode lamentar não ter nunca sabido
Viver mais, viver sempre em torvelinho e acção!
Ah! prendê-la, a tremer, junto do coração,
Ah! senti-la ofegar, — ie sorver, bôca a bôca,
O seu hálito ardente!
Sua face irreal, que eu sonho que se touca
De rosas a florir, de espinhos a rasgar,
! Vê-la um dia fitar-me e, dócil, desmaiar
No meu peito de herói, voluptuosamente!
Quebrar nas minhas mãos seu mistério orgulhoso,
! Domar ao meu capricho e envolver no meu gôzo
O seu capricho incerto!
Enlaçá-la melhor, possuí-la tão de perto
Que dêsse longo abraço, a fremir de paixão,
Nascesse, belicoso e moço e nobre e puro,
Um mais belo Futuro,
! Filho da minha fôrça e da minha ambição!...
— Morreria depois tranqüilo, morreria
Como o sol, quando o ocaso é doce nostalgia
De mais um dia bom de trabalho risonho;
Deixaria sereno a existência, o meu sonho;
Partiria sem dor e sem mêdo, clamando
O triunfo maior do meu combate rude,
! Num impeto final ao mundo arremessando
Uma aurora de paz, de graça e juventude!

Oh! Êle ama o perigo, êle ensina o amor
da tempestade, êle realiza

! Ter a febre que exalta, a ambição que desvaira!...
E quando a tempestade estalar, uivando,
Relampejando, trovejando, soluçando,

No seu desatinado e pânico alvoroço,
 ¡Sofreá-la, a espumar, como um cavalo moço
 Cujas rédeas de fogo apertamos na mão!
 E, porque é sempre fraco o sonho mais divino
 Contra um destino adverso ao nosso coração,
 ¡Brandi-la, despenhá-la — e esmagar o destino!...

Quando êle ora, a sua prece é à Vida, não
 para pedir piedade, mas uma fé maior, um
 desejo maior que o seu sofrimento

Só um bálsamo cura esta imensa tristeza:
 — O amor ou a ambição.
 Vida! ¡Crava sem dó tuas garras de presa
 Sôbre o meu coração!

Êle chora, soluça? Há gritos, rebeldia?
 ¿Há sangue moço a arder, a espumar, a ferver?
 Isso basta!... Porque eu, nest'hora de agonia,
 Quero apenas viver!

Mas nesse livro da *Ansiedade*, que sucedeu
 ao grande poema *Anteu*, se está a floração
 perfeita dessa alma dilatadora, está por com-
 plete explicado o secreto mistério que o faria
 renovar o ciclo histórico da raça na ideologia
 do Futuro. Livro de ânsia, de amor delirante,
 de glória, de orgulho êle é a réplica poética
 da aspiração da Pátria há séculos. *Anteu* não
 foi um mito no ar. *Anteu* para o Poeta é Por-

tugal. João de Barros começou na juventude cantando a alegria do céu, do mar, da paisagem, da carne da sua terra. Na idade viril do pensamento *Anteu* fez-se a história da sua terra com o desejo de continuar no filho de *Anteu*. Na *Ansiedade*, de novo êle quer o mar, êle sente o perfume do mar, êle almeja completar-se do outro lado do oceano. Não há de-certo poema tão cheio de dor, de desespero, de soluços, de fúria, poema tão cheio de angústia de uma raça como essa grande vergastada de sol que é o comando ao *Velho Navio*

¡Quebra as amarras,

Navio triste, adormecido junto ao cais!

¡Não oiças mais

A voz nervosa, a voz chorosa das guitarras

Nas mãos inquietas dos marujos, dos arrais!

Quebra as amarras!... Vem no ar um arrepio

Do amor vendido nas tabernas, sôbre o rio,

Amor brutal, que mal abraça, logo esquece,

Amor sem dor, beijos sem prece,

Beijos que mordem, que magoam — mas não prendem...

¡Deixa o Passado junto ao cais, ó meu Navio!

Vagas de sonho, espumas brancas, longe, estendem

O gesto fluido para a tua indecisão.

¡A lua nasce, iluminando todo o Mar!

(Olha a carícia das espumas, ao luar...)

Parte de-pressa, foge breve, ó meu Navio

!É o futuro que te chama, ó coração!

Vai para o Mar!

Pois só o Mar, que é traiçoeiro, é que não mente :

Floresce em ilhas para o náufrago impaciente

E para o sonho que deseja repousar.

Simples miragem?... O que importa?... Se a miragem

Nos trouxe a febre de partir e de aportar,

A Primavera renascente da viagem!...

¡Deixa o Passado junto ao cais, ó meu Navio!

— Soluça lento o fado triste nas guitarras,

Há beijos quentes nas tabernas, sôbre o rio...

Vai para o largo, para o Mar, quebra as amarras,

¡Não oiças mais o seu encanto doentio!

Mas, ao partir, para galgar com rapidez

A noite e o espaço,

Atira ao fundo com teu lastro de amargura,

Com o teu lastro de agonia e de cansaço,

— De vida morta, de vida impura —

E a proa em riste, entre gaiotas a cantar,

Vai para o Mar!...

E quando o Poeta chega ao Brasil — porque a sua vida é sempre a luminosa expressão da sua Pátria, — o seu coração bate tão forte que êle pede :

Vinde... Curvai sôbre êle um gesto amigo e atento,

Sua escondida voz escutai, devagar.

E dir-me heis depois se já, nalgum momento,

Alguêm assim clamou um hino tão violento

De respeito e fervor, de vitória e desejo,

Como êsse que eu não sei, que eu não posso cantar
— ¡Á Terra que hoje piso e que no entanto vejo
Entre os astros do Céu, altíssima, a brilhar !

Os poetas medíocres perderam nas multidões o sagrado respeito pelos Poetas. A acção da arte é hoje indirecta e as multidões tem pejo de admirar. Assim o mundo perdeu, não o sentimento, mas a forma externa da veneração à Beleza. Eu imagino a eclosão dessa fôrça de luz na Grécia, no tempo em que Píndaro tinha a sua cadeira de ferro. Seria tôda a Vida a aclamar o cantor da Vida. E por isso compreendi o pudor daquele poeta que há dez anos era a «luz em movimento» e não falava de poesia.

Em pleno esplendor mental, êle entretanto ascende espalhando a claridade da vida radiosa. ¿Tôdas as pequenas glórias que serão para o seu orgulho? Êsse orgulho fê-lo dizer num dos seus últimos poemas

Ása de fé? Ása de glória?... Incerta
Eu a oiço pulsar...

— Que me importa a amplidão, se a amplidão é deserta,
Se a minh'alma, acordando, é uma clareira aberta,
E se dentro de mim é que eu posso voar !...

Êsse orgulho, tão bom e tão nobre no seu altruísmo fê-lo escrever com a consciência ao

ver concluída a primeira parte da sua vida de perdulário criador, de Dionisos triunfal:

Foi uma vida vitoriosa, é certo,
A vida que vivi nesta jornada...

— Não da vitória que se vê de perto,
E que se alcança, apenas desejada.

Não do triunfo que sorri, incerto,
E logo é fumo, e é pó, e é cinza e é nada...

— Mas doutra glória que ao meu peito aperto,
E só eu vejo, pura e recatada.

Porque em silêncio conquistei, lutando,
— Quantas vezes perdido e miserando,
Quantas vezes vencendo a própria dor —

Esta alegria de passar na vida
Sendo uma fôrça, que jamais duvida,
¡E uma voz clara como a voz do Amor!

Se a crítica não fôsse a prova inferior dos que não criam e a admiração não estivesse sempre abaixo daqueles a que o Destino torna possuidores do incentivo de Beleza, eu tentaria dizer que expressão inebriante é êsse Poeta na vida d'agora para a sua Raça e para a emoção universal. Mas de-certo, ainda assim falharia. Porque para dizer o que êle é seria preciso ser como o Rei de Stephen Phillip: — pensar com palavras d'oiro e falar com palavras de prata.

Ao entrar um poeta
na Academia

Discurso de recepção.

Sr. Luís Guimarães Filho.

Em certa montanha existe
Uma pedra branca e triste
Que dentre as mais se destaca . . .
; Deu-lhe a imortal Natureza
A extravagante beleza
De ser translúcida e opaca!

No enxuto rosto ninguém
Lhe enxerga as mágoas que tem
Como escondidas num cofre . . .
; Mas se a molhais de repente
Logo se põe transparente
Para mostrar o que sofre!

Não pouco acertado é pensar na pedra que o vosso verso gravou, se com olhos de ver olhamos a alma daqueles que desta casa o umbral transpõem. Á pedra basta a água para mostrar que sofre; ao homem sobram queixas e afirmações, ideas e sentimentos, quando o ungem louvores. Confessa a dor ao contacto da linfa a pedra indiferente; elogio e carinho

são incentivos provecos para que homens de norte feliz, como vós, ou de esfôrço sob a intempérie hostil, realizem, ao chegar à Academia, o heroísmo da confissão. Nem sempre no desejo de declarar mais uma palavra com outra palavra lembram alguns, os passados ataques ao nosso instituto, porque o estar entre nós tanto lhes mostra o próprio êrro antigo como o perdão da nossa companhia a movimentos sem cura de reflexão. Todos, porém, contam amargores e entusiasmos, todos logo a alma põem transparente para dizer o pouco que são no muito que desejariam ser.

Chegais assim também. Nos vossos formosos períodos os espíritos de análise poderão afirmar uma dessas confissões que se chamam retratos íntimos para uso da posteridade. Os menos profundos sentem como a vossa expressão social é diversa da expressão característica do insigne confrade morto, ao qual substituíis. Garcia Redondo era um sensibilíssimo sonhador sob o pêso inclemente da vida; vós sois a ardente mocidade com a certeza prática do sonho. Êle foi engenheiro e professor, cuja literatura não passava de fêria boémia, dando a rever na sua imperfeição; vós sois poeta e diplomata distintamente — de modo que é obra fácil elogiar o político representante no exterior sem recorrer aos

méritos do poeta, como não se faz preciso pensar no protocolo quando a nossa alma se extasia na harmonia dos vossos versos. Êle era um enorme coração que muita vez ria; vós sois o optimista a que a fortuna dispensa o riso. Êle comprehendera a resistênciã aspérrima da vida e multiplicava-se, desiludido, sem da desilusão mostras dar desalentadas; vós seguís deixando o suave côro das musas apenas pelos cortejos de homens fardados em cidades várias, onde à vossa passagem os sons do nosso hino estrugem como tremendo boato — o unico às vezes da nossa existênciã entre povos longínquos. Desta arte vós continuamente pensais em maravilhas que se realizãõ; êle, doce alma de idílio, que aprendera cálculo diferencial, ser de bondade e fantasia obrigado a ensinar botânica e zoologia, espírito de Filetas a subir andaimes para construir teatros, tomara da vida o dissabor, e só, no profundo e quási espantoso amor pela espôsa e os filhos, de tanto ver a impossibilidade fraterna dos homens, reduzira a sua arte a contar anedotas que faziam rir os outros.

A anedota é a espuma da mal sucedida experiência dos tímidos. Ao vencedor, tempo não sobra senão para vencer. Ao tímido serve a anedota de concha, fazendo defesa ao ridi-

culo para se imaginar vencedor com as fraquezas e os vícios de outrem. Dentro da anedota defende-se o tímido principalmente de si mesmo, de modo que no mais presente é pretérito, e no auge das peripécias adia o contrato da realidade.

Não tendes vós, tristezas que desiludem, nem dores que o cérebro façam o coração repetir o desolado «para quê?». Seria felicidade ao indagar da vossa estadia nos quatro pontos da terra, obter uma anedota sem consequência. Por mais ausente, estais sempre presente; e se olharmos os anos havemos de os confundir no momento, tão a mesma é a vossa mocidade desejosa, ao vir de Coimbra há três lustros bacharel poeta, como ao saltar ministro outro dia de um pôsto, onde o vosso tato realizara vários tratados económicos — únicos laços fortes dos povos no planeta. A mocidade é em vós entusiasmo. Como não há entusiasmo sem fé, e fé sem sinceridade, tal a pedra de que falais, ao louvor realizais o prodígio de ser sincero sinceramente. E com transparência confessais nobres sentimentos e até mesmo a turbação que ao vosso entendimento causam os erros consolidados pela pretensão da rotina e em vão espalhados pela gastralgia crítica da maledicência.

Senhor Luís Guimarães Filho.

Nunca de nós falamos tanto como quando dos outros falamos. Dizeis de vosso pai, vosso padroeiro na diplomacia e nas letras e falais de vós—que, perdendo o seu auxílio na mais verde adolescência, soubestes ilustrar ainda um nome já de si famosamente illustre. Peza-vos ver um dos nossos maiores poetas com outros acamado numa prateleira de classificações literárias; e vós, poeta, protestais. Como dos homens insignes dimanam o fulgor das profissões que abraçaram e as regras pelas quais se pautam as almas nobres, em tórno de Luís Guimarães, diplomata, vós, diplomata, desenvolveis a defesa da diplomacia só atacada pelo grande mal nacional de não ter o que fazer. Em tórno de Luís Guimarães, mais patriota quanto mais ausente, vós, por fôrça da carreira, ausente e patriota, insistis no aperfeiçoamento que a distância traz ao amor desta terra, onde, como dizeis no vosso hino cantado pela infância nas escolas,

Quando a gente adormece ao teu luar de Outono.

!O Cruzeiro do Sul das noites silenciosas

Abre os braços de luz e benze-nos o sono!

De modo que com o que foi vosso pai dizeis o que desejais vejam em vós, e com a

tríplice explicação, suposto que insistam em êrro críticos e os tiros-maiores de todo o demais trem de julgadores, ensejos nos dais de opinar também.

¿Por que discutir a teimosia que classifica os admiráveis em escolas literárias? ¿Por que fazer detença sôbre a incompreensão? Aborrece-vos o vozeio das opiniões restritas e esqueceis que outro seria o mundo se a democracia não fôra demagogia no domínio mental, e o fado dos filisteus de todos os tempos pretender desnaturar a inteligência, dando opiniões.

A vida outra coisa não tem sido senão uma conflagração de zeros contra alguns números afirmativos. Por fim, os zeros colocam-se no seu lugar, e o futuro não os vê para ver aumentados pelos zeros à direita as afirmações das unidades que contam. Assim é em todos os aspectos da actividade humana. E nisso está também a explicação das escolas literárias.

Diante dos vossos versos, em que o sentimento abrolha na beleza da forma, quási vos assustá que teimem em tomar um rótulo (que é mais receita de farmácia), para decretar que todos os poetas, cuidando da forma, são impassíveis—de mármore, como dizem certos senhores convencidos de que o mármore não

sente, só porque ainda não ouviram gritar ou gemer o mármore. Mas é vão o temor! Diferença há e radical entre o poeta e o homem que faz versos.

Estudemos as escolas literárias, cujos títulos, nascidos de coincidências fortuitas, a princípio nada exprimiam — à lua de uma filosofia arejada, e veremos que elas se formam na esteira dos espíritos de escol para que os críticos generalizem e a mediocridade possa operar borbulhas nos acrópoles do pensamento com a convicção de realizar uma obra.

A democracia científica do século passado, classificando tudo para satisfação de medianos imitadores, mesmo quando classificava errado, não podia deixar de catalogar com verdadeira fúria o que lhe era vedado: a arte. Aos espíritos delicados a pretensão assusta. Aos menos sensíveis mostra um esforço de aparência, no apoio das opiniões feitas. O Brasil, cujo único grande mal tem sido não se conhecer para melhor conhecer os outros, tomar sem trabalho de pensar o que lhe exportam e com açodamento adaptar, seguindo a moda, em vez de guiar ideias, absorveu tôdas as classificações literárias. A pequena inteligência exulta. Se assim não fôra, cidadãos chamados críticos não poderiam com fácil arrogância igualar o talento. Se assim não fôra, inumeráveis

o cristal que o vidro; e cada pedra preciosa brilha e mostra nobreza e riqueza e cõr à luz do céu e cada uma é iluminada em graça e glória, segundo a sua aptidão para o sublime.»

Estão nestas palavras a arte e a razão dos grandes poetas — caminhos da perfeição, auroras das almas. As pequenas inteligências, porém, não ascendem jamais a tais altitudes de compreensão. Escapa-lhes sempre a aptidão para o «sublime» das pedras iluminadas, ignoram a dor profunda que a história prenatal das grandes obras mostra nos ideais e nos sentimentos que os génios vão adivinhando, neste mundo que não é divino para todos só porque nem todos o podem ver. E principalmente por falta de pureza para admirar aqueles que são os decifradores da perplexidade da natureza, donos das chaves do entendimento, dos sentidos, encaminhadores dos humanos no desejo do Além que é a verdade...

Os poetas são amados pelos povos e venerados pelos que dêles recebem a dolorosa herança. E se o resto continua a classificar e muita vez a agredir por ser incapaz de compreender, é êsse o imposto da pequena inteligência contra os altos espíritos em todos os tempos: a injustiça que fazia perder a paciência a Píndaro na sua cadeira de ferro, a injustiça que de latrocínio acusara Fídias, a

tretanto, cuja carreira parece por milagre a repetição da dêle, já outro tanto não podeis fazer. Tendes de protestar e mesmo defender entre coisas de arte a diplomacia e o mal que dizem das ausências como factor do esquecimento.

Ainda bem. O assunto é interessante. No Brasil quási todos os diplomatas querem ser escritores, e quási todos os escritores almejam a carreira da diplomacia política e comercial. E' possível que os diplomatas, apesar da complacência com os amadores, não venham a ser escritores. Arte não pode estar ao alcance de qualquer, mesmo ministro plenipotenciário. Em compensação não há um só escritor que não tenha sido um excelente diplomata. À frioleira que censura a diplomacia com argumentos de confeitaria ao domingo correspondente a futilidade dos que usam da carreira como de uma prenda de bom tom. Nunca se poderá argumentar contra uma classe exigindo nela batalhões de talentos sem falha. Teríamos a falência de tôdas as profissões, se na representação dos espíritos não houvera o entremez nos sorrisos. Mas esta companhia, coroadora do esfôrço de homens ilustres, esta companhia da qual fizeram e fazem parte notáveis escritores que são diplomatas de alto brilho, poderia provar, firmada nesses diplo-

injustiça que sorria diante de Shakespeare e considerou Balzac escrevinhador — a justiça da eternamente terrível pequena inteligência, êsse terceiro sexo filho do lugar comum e da pretensão inane.

Que fazer? Não ouvir e seguir. Roberto Burns dizia: — «Duas coisas invejaria eu: o cavalo nas selvas da Ásia, e a ostra em alguma costa deserta da Europa. Um não tem desejo nem satisfação. A outra não tem desejo nem medo...» A sina dos artistas, porêm, não pode ser essa, desde que a sua razão de ser é desejar freneticamente para dar ao patos a refulgência astral da luz divina. A pequena inteligência poderá não o compreender, mas jamais o domará, classifique-o embora de impassível ou ardente, parnasiano ou lírico, simbolista ou coisa alguma.

A obra de vosso pai illustre teve essa glória. Com a consciência da verdade tão grande que a sua forma era simples e pura e perfeita, a carreira diplomática, as viagens, as ausências da pátria não só lhe fizeram uma sensibilidade excepcional, tornando-o o aristocrático expressor das saudades do mundo, como lhe desenvolveram um dos mais senão o mais nobre amor: o da pátria. E como os tempos eram outros, não lhe foi preciso escrever nem pela sua arte nem pela sua classe social. Vós, en-

matas, de que inteligência e cultura são integralizadoras da noção do dever nas carreiras de maior responsabilidade. Poderia mesmo demonstrar àqueles que medíocrementemente julgam os artistas incapazes de acção, que o Artista em qualquer época tem acendrado o sentimento do dever no serviço público, porque nenhum outro homem se lhe pode comparar em entusiasmo e no pensamento da sua pátria. A Academia torna-se a faculdade aberta aos entes de crença exígua para que aprendam a fôrça activa que a beleza incute nos homens tocados pela graça divina.

E' possível sorrir dos diplomatas que tentam a literatura por desfastio e não ter o que fazer. Nunca foi possível censurar os artistas que submeteram o seu saber à profissão, para ilustrar a pátria longe. Êsse mesmo afastamento que as gralhas consideram desnacionalização, realiza nas almas perfectas, não o esquecimento, não a indiferença, mas o entranhado, digno, grande amor pela pátria. Goethe dizia que viajava para conhecer-se. Os homens nobres distantes da pátria só a desejam maior. Longe dela, Rio Branco foi o primeiro e grande patriota, desejoso de realizar o princípio da sua pátria igual às melhores; longe dela, Joaquim Nabuco ligou na simpatia do seu verbo as duas Américas; longe dela, os nossos

maiores artistas fizeram como vosso pai as mais belas obras de emoção brasileira; longe dela, e cercado de glórias pelas outras, José Bonifácio criou-a no seu sonho de alma suprema. Para os insignificantes o estrangeirismo que corrói o sentimento canhestro dentro da pátria pode ser fora dela o requinte do bom tom. Para os ilustres, não! A ausência é crisol de entusiasmo.

Vós sois dêsses que acima de tudo amais a vossa pátria.

Pois tudo é belo aqui: os céus, os horizontes.

A planta que rasteja, e as garças altaneiras...

Há suspiros de amor nas lágrimas das fontes

!E gritos de paixão na voz das cachoeiras!

A' Academia parece-me, não é indiferente tal virtude. Entre os muitos erros circulantes há o querer fazê-la uma réplica da francesa, julgando como com êrro a outra julgam, que o seu fim é catalogar génios para o cemitério, de modo que a honra de um lugar nesta casa não passa de uma ociosidade fardada, de título de glória descansada a descontar jamais. A Academia é, entretanto, a alta esfera de onde deve irradiar a chama condutora do bem da pátria. Em vez de ser uma congregação desconexa, ela é a expressão congregada do

escol da raça. Não se imagine nada mais activo que a fôrça da idea — propulsora de todos os actos terrestres. Não se julgue o Pensamento senão pelo que êle é: forja da energia humana. Longe de diminuir com o coroamento, a responsabilidade de cada um aumenta na responsabilidade colectiva da Academia. E nela cada um tem a realizar sempre e cada vez mais a obra da pátria: criando vida, reflectindo vida, prègando os bens magníficos, agindo, guiando, transformando, melhorando, ensinando o Além, realizando, emfim, Beleza. O sistema nervoso da pátria é o seu amor, dela por ela. A medula da arte, o centro sensitivo do mistério universal, foi, é, será o amor da pátria.

Mas, entretidas que somos a ilustrar matéria de perpétuo interêsse, vós, com sciência e candura d'alma, eu suprindo com entusiasmo as falhas da inocência — nem vós pensais no esplendor da vossa obra, nem eu vos digo a admiração por ela. Seria fôrça que a vossa modéstia violentasse o meu dizer, se as vossas opiniões não fôssem a marginalia dessa apoteose de cambiantes côres. Ao pensar na beleza dos vossos versos, logo na mente se nos fixa o mistério das revelações. E' como se Attar, o espírito perfumador dos Persas,

no ar houvera derramado o perfume dos segredos...

Apraz-me — je só desta arte a compreenderíamos! — encarar a vossa obra como uma daquelas lendas árabes que em tórno do «raio da felicidade» se teceram nas miragens dos desertos e nas riquezas dos serralhos. Eu vos vejo adolescente mediterrâneo, eleito das musas, abençoado de Apolo, amado de Venus. Dos risos e alegrias o sobressalto é a nostalgia do ignoto. Cantais, e de súbito paraís a canção. E' que ao vosso olhar acenam países de porcelana entre festões de glicinas. Partir! Faz-se necessário partir. O destino manda. E caminhais. O vosso verso espelha a perfeição das coisas; a cada novo amor abandonado, as estrofes do vosso estro desnastram rosas. Seguis inebriado, a memória de Venus dentro d'alma:

Lembro-me ainda dessa esbelta e fiava

Carícia dos teus braços amorosos...

¡Por mais que evite o encanto os impiedosos

Perseguem sempre a minha carne escrava!

Eram suaves, cálidos, cheirosos

Como doces damascos!... ¡eu beijava

Aquela morna pele que tentava

O paladar! Oh braços deliciosos.

¿ Como esquecer as núpcias perturbantes,
Os longos desalentos delirantes
Que sem misericórdia vós me dáveis?

Ah! ; Torna Venus para o sacro Eleusis!
Fui condenado à morte pelos deuses,
; E quero-a nos teus braços implacáveis!

Êrro melancólico. Do alto Venus sorria. E os deuses, todos de concôrto, seguiram o predestinado com o olhar suave da bondade. De repente o ar escureceu. Sôbre os combros das ladeiras e os torrões dos valados, as flores vermelhas de Proserpina anunciavam a morada do fogo. E no vento sufocante a voz de Hermes Trimegista cantou o vaticínio: «Tu serás o renovador do eterno e grande e palpitante pasmo. Tu tornarás a explicar aos homens o segrêdo perpétuo das luzes sólidas. Tu escreverás o novo lapidário! Retomarás a multi-forme explicação do mundo e a teus pés terás o mundo sem reflexão; as religiões e as negações, as superstições e as volúpias, os artistas e as mulheres, os rajás da Índia e as odaliscas do Grão Mogol, as Imperatrizes romanas e os sábios de Alexandria, as doze tribus da Bíblia e as bayadeiras de Visapur, O Rational e Satanás, a cinta do Papa e os feiticeiros medievos, tôdas as tentações e tô-

das as virtudes. E Helena a que se dá, e Margarida a que se colhe, sob a gargalhada infinita de Mefistófeles. . .

Disse, e tôdas as flores desfolharam-se em jóias. Diante de vós a terra era miraculoso tesouro de gemas a luzir. Com a graça de Deus, no vosso olhar em vez do êxtase morava a sabedoria acumulada; e vós, em vez de bolantim correndo sôbre maromas de côr a jogar com as pedras os signos zodiacais, éreis de súbito o explicador transcendental do írio subterrâneo. O inicial Teofrasto, Demócrito, que dizia haver nas pedras alma elementar, Dioscoridão que lhe deu propriedades médicas, o Cônsul Rutilianus, Plínio. Da Vinci, e os anónimos escritores dos lapidários chineses que classificavam a pedra o ôsso da terra, e os ignorados receitistas filósofos dos lapidários asiáticos, e os tropologistas da sombra da decadência dos Impérios — abriram-se ao vosso entendimento. E o grande segredo atribuído na idade média a Evax, Rei da Arábia, a Enoc, ao Rei Salomão e ao próprio anjo Ragiél — vós o revelastes, contando a correlação de cada uma pedra, com os astros, com os mares, com os campos, com os meses, com a moléstia, com o amor, com a Beleza. No enorme tesouro refulgente amontoavam-se as pedras da Kabala que jamais ninguém viu;

a aletótica que se encontra na cabeça de um certo galo, a aquilária que só se via nos ninhos das águias na Pérsia, a silonite formada no corpo das tartarugas da Índia, a mefite que afasta a dor, a feripendanus e a androdamas, pedras de fogo. E, recordando penugens de pássaros irreais cristalizadas, pedaços de astros frios e vidramentos de flores eternizadas, sob a regência indomável de adamas, o diamante, scintilava a sinfonia das pedras que todos vêem. Mas vós dizíeis a cada uma o próprio segrêdo. Entre as águas marinhas azúis, brancas, verdes, de um pálido translúcido — o vosso verso aconselhava :

Fugi dêsses vagos

Clarões aziagos

¡O' ruivas Princesas, ó loiras rainhas!

Fugi, para serdes

Ditosas, das verdes

¡E falsas pupilas das águas marinhas!

Diante da ametista da «côr dos olhos de S. João Baptista» murmuráveis os versos de óleo perfumado :

Tens os fulgores, débeis e frouxos,

Da luz das tochas no altar dos santos...

Corres nas veias dos lírios roxos

E nas umbelas dos agapantos...

Nas florescências da Natureza
Vejo-te aos montes pelos canteiros,
Pois as violetas são, com certeza,
As ametistas dos jardineiros.

Entre os aludes rubros dos rubís, o vosso
engenho via, além, a tragédia do bem :

Parece, ao ver-vos, que ao drama assisto
Rubis purpúreos que eternizais
Todo o Calvário de Jesus Cristo
Na luz dos vossos febris cristais...

Enxergo o lenho da atroz tortura...
Os vis insultos da plebe escrava...
¡E o sangue vejo na santa e pura
E rôta carne que palpitava!

Da Dor nascestes, rubis do Oriente!
¡Das mãos do Cristo, pregado à Cruz!
Sois frias gotas de sangue ardente...
Gotas de sangue... cheias de luz...

Caminhais entre ardores e chispas como
numa fauna em que metamorfoseais as pedras
— ágatas, corais, berilos, «onixes», granadas,
pedras da lua, crisólitos, topásios, safiras, es-
meraldas, sardónicas, pérolas, feitas das gotas
do orvalho da manhã na válvula das ostras. E,
como à procura de um enorme acorde univer-

sal, diante da opala, dizeis estas palavras divinatórias:

De blasfêmias coberto e de afeições alheio,
 Teu nome faz fugir os crédulos mortais...
 Há feitiços na luz dos teus olhos fatais...
 E's a fonte do mêdo e do perpétuo anseio...

Mas eu que sempre amei teus raios siderais,
 Eu oiço no teu claro e matizado seio,
 Um canto luminoso... um rútilo gorgueio...
 ¡O hino da tua alma a todos os cristais!

A safira, o topásio, a pérola, o berilo,
 Buscam no teu regaço um fulgurante asilo...
 E embora o amor te evite e o mundo te rejeite,

E's a pedra imortal dos mágicos faquires...
 Um pedaço de céu destacado do arco-íris...
 ¡Um naufrágio de luz... numa gota de leite!

Sôbre essas pedras animadas pela nigromância do vosso estro, luzia Venus. O descobridor do conto árabe não podia deixar de ver, ao fenómeno da autoglíptica, nas pedras gravadas: — andromedas, berenices, floras, dianas, as mil e uma visões da forma feminina. Assim, cada pedra nas vossas mãos é um gamaheu providencial e conta do vosso anelo, aquele que vos fazia dizer:

Opala: ¡muda sempre e serás a harmonia!

Poeta: ¡ama a mulher nos braços das mulheres!

Aquele anseio de perfeição que ainda agora gravemente vos fêz prègar todos os direitos para a mulher fiel às palavras que os evangelhos apócrifos fazem de Jesus :

«Respeitai a mulher, porque é a mãe do universo e tôda a verdade da criação vive nela. Ela é a base de tudo quanto é belo e bom, como é o gérmem da vida e da morte. Dela depende a existêcia dos homens, porque é para êles o apoio moral e natural em todos os trabalhos.»

Hermes Trimegista, a vós eternamente jovem, dera os lapidários para compor a maravilha. Do alto Olimpo Venus vos seguiu — Venus, que está nas flores e nas pedras, sendo íris a aliança das côres, Venus, que é a vida no céu, porque abre o dia e fecha o ocaso, sempre perto da lua. Venus-Mulher, bálsamo do coração. Assim realizastes, no «claro obscuro de um esplendor resplandecente», a vossa obra, a revelação das pedras com a fôrça persuasiva do único valor positivo : o amor ! E de nenhuma sei que a fama diga mais encantadora.

Sr. Académico.

O grande poeta escreveu : «O homem só conhece o seu valor pelo próprio reflexo nos outros. A virtude que aos outros não aquece

a ponto de irradiar é miséria. Nenhum homem é dono de coisa alguma, enquanto da fortuna com os outros não compartilha. O aplauso é o reconhecimento do que êle deu». Se os aplausos das multidões fôsem falaz engano, a vossa entrada nesta casa seria o reconhecimento do que nos deram já a virtude do vosso espírito e a riqueza do vosso engenho.

Suave Ascensão
de Gilberto Amado

ESPIRITO de Beleza, fica ainda um pouco... ¿Porque, de repente, a lembrança lunar dos versos de Wilde?

Há vários tempos — tempo de combate e de alegria! — eu lia a *Chave de Salomão*, obra primeira do mais ilustre espírito — Gilberto Amado. E desejava escrever períodos de reconhecimento pelo que êle dava.

Mas, cada página rumorejava como uma colmeia de ideias douradas. Insensivelmente eu ia do paradoxo que arrasta à imagem que scintila, da frase indelével à visão de um sonho imenso. Já estava noutra página e outra vinha já desvendada e ainda cheia do segredo cristalino das intenções formosas. Eu só amo no mundo o prazer e o pensar — porque são as dores irremediáveis do homem consciente. A crítica possível seria a de criar o autor. Mas êsse autor era intensamente pessoal para tentar fazê-lo outro e intensamente contemporâneo para julgá-lo como uma lei.

— Escrevamos!
Por que não escrever? Ao deixar o volume,

tentei-o ainda. A Banalidade prostrava a minha imaginação. Era como quem vem de gozar. A beatitude na incapacidade. São, de-certo, raros os artistas que conseguem agir assim irresistivelmente sôbre a minha imaginação.

Aqui, no Brasil — é talvez o único Gilberto Amado. Estilo impecável? Não há estilo impecável — nem o de Vergílio, nem o de Flaubert. Trama cerrada de concepção? Mas de aparência êsse livro é como um jardim de Ispahan ou o bazar das essencias de Constantinopla. Há ideas, pequenas ideas e grandes pensamentos. Estão como soltos.

O fio invisível que as prende é a sedução.

De novo folheava o volume. Cérebro inebriante! Que quer êle de nós? ¿por que assim nos prende, por que assim domina, quando não quer nada, quando nada almeja? Certo uma outra esfera se faz nosso ambiente ao lê-lo. E' a meditação em um Academus contemporâneo com a ansiedade sob o sorriso da calma.

Os nossos escritores nem sempre teem preocupações de ver acima do comum. Contentam-se com mostrar. Gilberto é diverso. A cada choque de emoção dá um arranco e ascende. Não vê da terra: vê do alto. Tem análises que parecem fúrias d'ave de rapina esfomeada, e sonhos que se confundem com

o corte espalmo dos milhafres d'África quando fixam a prêsa. Não lhe vemos a formação das ideias. Por isso parece leve, e julgamos que as adivinha. Subitâneo, instintivo, é um cérebro animal carnívoro, perpétuamente inquieto...

E' possível pensá-lo por momentos no Brasil um ponto de convergência de sentimentos e ideais contemporâneos. Há coisas que prolongam e completam o que sentimos no seu livro e as mais das vezes é o livro que nos acorda o horizonte emocional da ideia...

Qual o segrêdo dêsse domínio? Quis ver na maneira por que Gilberto Amado renova a intenção dos adjectivos comuns, uma das razões do seu êxito. Êle tira os efeitos mais espantosos da simples colocação do adjectivo. Aliás, é essa uma propriedade básica dos verdadeiros escritores, e apenas uma das suas qualidades — tanto maior quanto é conseguida com os adjectivos comuns usados sóbriamente. Há mais, há a sua atitude moral, há o seu tipo, criado pela impressão dos leitores. Os escritores teem uma segunda vida, a da sua obra — que é a única verdadeira. Vemos escritores Gargantuas, escritores Ravachol, escritores a pedido anónimo, mesmo quando elogiam, escritores que não o são, pois não deixam impressão alguma.

Gilberto Amado é o Fascinador.

Ninguém age sem o desejo de agradar. E' o movimento no animal que se agita. Mas assim como no amor há os homens fatais, há na arte os caçadores de simpatias irresistíveis. Êles agradam, seduzem, porque não lhes é possível deixar de agradar e seduzir intensamente. A vida se lhes resume em tomar de assalto as simpatias dos cérebros. Tem todos os encantos empregados com uma sciência instintiva. Não encontram inferiores ao seu poder. O comum dos homens quer agradar como os balões, vagamente, ao sabor dos ventos. Êles vão para a sedução como os aviões em vôo recto e matemático. Há do animal carnívoro nesses excepcionais, mas há muito também da serpente.

O romântico encontra-o de cabeleira revôlta, à beira de um rochedo; o analista goza-o na sua crueldade álgida; o amoroso há de vê-lo soluçar profundamente a demência de amar; o gozador sente o apetite orgíaco no flamular dos seus períodos cheios de pâmpanos; o misantropo mais entenebrece a alma na pulsação isócrona da sua alma; o radiante respira alalás euripedianos e a felicidade cansada de Anacreonte, na sua fé vital. Insensivelmente, todos sentem a simpatia, a atracção, a fôrça secreta dêsse domínio delicioso, e êle

fica, impassível no fundo sem temor, nem mesmo do «convidado de pedra», acorde de tôdas as emoções, que são larvas de ideas, a agitar mais sedutoramente sôbre a vida transitória o leve e perpétuo adejo dos ideais vários, como a palpitação de um bando de borboletas de todos os matizes.

Gilberto Amado possui o virtuosismo divino. A sua chave de Salomão é o seu engenho. A atitude que se intensifica nesse livro ondeante e agudo é bem, mentalmente, a rival da alma dos sedutores, dos quais não se explica o poder, mesmo depois de pretender decifrá-los. Sabe consolar, sabe dar esperanças, brinca com o perigo, despreza o próprio dom, tendo dêle, aliás, um desmedido orgulho, amima e fere, seduz os outros por estar apenas de si próprio seduzido, joga o jôgo perigoso da fascinação, pelo prazer de mostrar ideas, que são imagens e imagens cheias de ideas de um poder irresistível.

Foi ontem isso. Eu julgava-o Alcebiades, D. Juan do espírito, na prosa feita de fascinações.

Ei-lo por milagre da dor, Poeta.

Espírito de Beleza, fica ainda um pouco...

Spirit of Beauty! Tarry with us still

It is not qubuched the torch of poesy,

The star that shook above Eastern hill
 Holds unassailed its argent armoury
 From all the gathering gloom and fretful fight.

Espírito de Beleza! Connosco fica um pouco mais. Não se apagou ainda o facho da poesia. A estrêla a refulgir no alto cimo do Oriente, contra as trevas espêssas, contra a fúria inimiga, a argêntea armadura defende invencivelmente...

¿Por que os versos de Wilde abrem na minha mente a sua lembrança lunar? ¿Por que na noite silenciosa a quietação da sala está cheia de harmonia transfiguradora da Inteligência? E' tão raro encontrar a Beleza, é tão difícil... E quando a Beleza vem, sentimos dentro do peito a convergência da luz de todos os astros e andamos vendo a alma das coisas, a confissão do inanimado, a ânsia dos objectos e, para cima das baixezas, dos torvelins de homens ignaros — pela sua revelação simples, a doce ternura imanente do amor universal.

Eu tenho entre as mãos o livro de Gilberto Amado. Chama-se *Suave Ascensão*. O poeta ilustre explica num dos seus poemas:

Sobe, às vezes, em mim uma revoada
 De tantos versos soltos murmurando,
 Que eu me assemelho a uma árvore encantada
 Cujas fôlhas são pássaros cantando,

E o canto dessas aves prisioneiras
Enche-me o peito de harmonia tal,
Que eu fico sem sentir, horas inteiras
Debaixo de uma sombra musical.

Aves de um plumário celeste, aves cujos gorgeios tenham sido aclarados na fonte azul do firmamento, rouxinóis cantando ternuras, cotovias como esperanças matinais entre o turturinar vespéral dos pombos doces, soluços tão espiritualizados que são arquejos de ideas, e tristezas aladas que ficam entre as estrêlas e a terra chorando e pensando...

Na sala silenciosa frondeja a árvore estranha. E eu sinto a cada acorde da sinfonia dêsse aviário em que as àsas batem como corações e os cantos unem amarguras, desejos, pasmos e desolações em dissonâncias de dor, os objectos que acordam e meditam e dizem o além terrestre da bondade humana.

¿ Como surgiu Poeta essa intelligência de diamante? ¿ Terá a desgraça o dom de afinar os sentidos pelo poder divinatório dos arcanjos? Para que perguntar? O facto existe. Existe maravilhosamente. E' o próprio vate illustre que, na solidão da noite estrelada, diz:

A noite sonha a imaginar a aurora
E por isso de luz assim se cobre,

Tal em êxtase o vate visionário
 Que ao pensar na beleza do universo
 Vai ficando êle próprio resplendente
 Da luz das grandes coisas que imagina.

Com a alma envolvida no peregrino encanto do livro de Gilberto Amado — eu desejaria mostrar o prestígio dessa musa «de voz de lírios», tal aquela de que falava Hesíodo. ; Como a crítica foi feita para o vulgar ! ; Como a crítica é explicação mofina diante da imaginação sonora e do Ritmo que incide intenções nas pedras translúcidas das palavras ! Seria preciso desdobrar ao luar, à beira das ondas, a maciez de um largo manto de veludo branco, agitar no ar véus cendrados e inconsutis, e murmurar: «Assim vê êle a Natureza e ouve macia e tristemente a dor da vida». Seria preciso pensar no ouro líquido das colmeias, no puro riso ingénuo das águas que fluem das fontes, e misturá-los na bruma das agonias, ver o rosário dos astros através cristais que chorem de frio. E depois ninguém imaginaria a visão de *Melancolia*, a concentração da *Solidão*, ninguém sentiria o poder patético do *Vento da Noite* :

Velho vento da noite...
 ¿ Donde vens, melancólico pastor
 De ansiedades e sombras ?

Ouço o teu passo trémulo e sonoro
Na amplidão caminhando vagaroso
Na minha alma, subtil, repercutindo...

Quero vagar contigo noite a dentro
E ouvir da tua bôca merencórica,
Ó sereno rapsodo solitário,
A narração dos mundos que percorres
De longas éras por estradas ermas.

Seria preciso lembrar o sofrimento de uma alma acorrentada ao mundo, olhando o mundo com tristeza divina, para, de repente, fechar os olhos e mergulhar no sol da própria beleza. E mesmo assim, ninguém imaginaria o esplendor de *Helena*, ou êste soneto das *Viagens interiores*:

Demandando o esplendor das divinas paragens
Que à minha alma, ó Beleza, apontas e revelas
Em mim, como num mar de exquisitas miragens
Correm as naus do Sonho abrindo as grandes velas.
; Que propícias monções protegem essas viagens!
Nem sombras pelo céu, nem brumas, nem procelas
— Brandas vagas azuis ao frescor das aragens
— Auroras cada dia a alvorecer mais belas.
; Quantas vezes as naus não param de surpresa!
Formas feitas de luz surgem da água, serenas...
E o mar que as leva em mim é côr azul turquesa.
Saúdam então de perto o ar ilustre de Atenas
Vendo passar fulgindo, ao teu olhar, Beleza,
Théanas, Alemenés, Djaniras, Helenas...

Ninguém poderia conceber a doçura de açucena das *Imagens da Infância*, o imprevisto das imagens como a que na sua aldeia, dentro do vale, fêz o poeta a olhar o rio, dizer :

Nos seus rústicos flancos enrolado,
Um velho e manso rio serpenteia ;
É tão velhinho e trôpego, coitado,
Que não anda, não corre : cambaleia.

Vem de longe, e, cansado da viagem
Estende a repousar os membrós lassos,
Na doçura propícia da paisagem.

Terna, a aldeia acalenta-o nos braços
E de Antígona, pobre e agreste imagem —
Sustenta dêsse Edipo os tardos passos.

Mas, há livros que não são para o entendimento da crítica vulgar. Serão aqueles feitos para a meditação, acalantos do espírito dos crentes da Beleza, cristalizações sonoras do que pensamos, choramos, amamos, sofremos, marcos estelares de apoio das almas, ressô dos gemidos e dos brados da fragmentação múltipla da tristeza humana. A sua substância é o sofrimento, a sua aspiração é divina. De modo que, acima da profissão de poeta, uma das formas mais típicas da pretensão daquelles que mais não possuem além da pretensão, de repente, sem razão de terra ou de tempo,

vemos erguer-se o predestinado agitando entre o céu e a terra o próprio coração. E à luz que dêsse coração dimana, na austera harmonia das suas ideas — encaramos a Beleza, ouvimos as nossas lágrimas.

Poesia! Ela tem muito mais do céu do que da terra. Quando da terra é o desejo ascensional da fronde e da corola; quando do céu é a dor compreendendo tudo o que não se compreende. Êste livro de Gilberto Amado é a dor compreendendo. Não se classifica, não se analisa; sente-se o seu poderoso encanto. E entre os poetas que vestem o sentimento na língua portuguesa seria inútil procurar algum a que êle se assemelhe, como não se assemelha aos artífices de França e da Itália. Tal a sua espiritualidade, tanta a beleza incorpórea do seu canto, que êle é, certamente, único nas línguas neo-romanas — e só comparável àqueles semi-arcangélicos espíritos como Shelley e Keats, Swinburne e Rossetti, que acordaram nas almas o lirismo infinito de um novo Cosmos em que as coisas e os entes, os astros e os corações, as flores e as ideas se confundem num permanente dilúvio de divino amor. E quando êle diz :

... na minha alma há tanta dor bradando,
Que os versos saem por si mesmo soltos
Como pedaços dela soluçando.

Vemos que êle paira e que a surdina dos seus versos é a transfiguração dessa dor em melodias, como a do poema de Shelley, em que o demiurgo vê as almas dos próprios elementos.

Nunca na língua portuguesa o lamento da fatalidade foi ouvido como nesse dilacerante poema da *Melancolia*; nunca a fôrça espiritual do sonho palpitou tão dolorosamente como na *Solidão*; nunca se evocou tão gloriosamente a glória da Inteligência como na *Musa Transfiguradora*. São dessas belezas supremas que comovem os génios e os simples com o poder prestigioso do milagre que faz tangíveis os pensamentos e cria nas imagens roteiros de mundos desconhecidos. Nunca a poesia do Brasil e de Portugal teve assim essa feição espiritual, cortando o infinito no remígio imenso da dor pensante, ecoando nos céus o abismo da vida na angústia do soluço prescrutador.

Há na nossa língua livros que não morrem, livros em que a poesia é esplêndidamente humana, livros de amor carnal, livros de desalento terrestre, epopeias de conquistas, de ambições, de destruição, labores de doçura amorosa. A nenhum dos poetas preclaros elevou a Musa à contemplação criando assim a miragem de um mundo através a amargura.

A diferenciação entre êsse livro e todos os outros é que o teceu de lágrimas no espaço o espírito da poesia.

Assim, na noite erma, eu continuava a ouvir *A Suave Ascensão*. Na sala, o próprio silêncio parecia ouvir, dilatar-se. Nessa harmonia que diz para além do que se pode dizer, eu senti o sentimento do perecível, do precário, da exiguidade da humanidade que não é tôda iluminada pelo mesmo génio. Ao meu coração tornaram os versos de Wilde. Então, no mesmo desejo da súplica, eu pedi, na noite erma :

— Oh! não. Espírito de Beleza, connosco ficarás. Não se apagou ainda o facho da poesia. A estrêla a fulgir do oriente acima, contra as trevas espêssas, contra a fúria inimiga o argênteo broquel defende invencivelmente.

E na noite erma o silêncio ouvia o fragor do meu preito ao livro admirável.

A primeira coisa que se deve fazer é
 estabelecer a ordem da leitura. Não se
 deve ler tudo de uma vez, mas ir
 lendo pouco a pouco, para não se
 cansar. É importante ler com
 atenção, para não perder nada do
 que está escrito. Quando se ler,
 deve-se fazer perguntas sobre o
 que está sendo dito, para não
 ficar apenas lendo sem entender.
 É importante também fazer
 anotações, para não esquecer
 o que foi lido. Isso ajuda a
 lembrar-se das coisas mais
 importantes. Além disso, é
 importante ler coisas diferentes,
 para não ficar limitado a um
 único assunto. Isso ajuda a
 desenvolver a mente e a
 aprender coisas novas.

Carlos D. Fernandes
na "Palma de Acantos,,

COM a *Palma de Acantos* nas mãos, o livro de versos de Carlos Dias Fernandes, tornei a ler o seu soneto *Briareu e Centimano*. O soneto diz assim, confidencialmente a um amigo :

Solitário coqueiro miserando,
Que as tormentas não deixa sossegar,
E, de contínuo, as palmas agitando,
Pareces um vesânico a imprecar;

Desgraçada palmeira, é como e quando
Irão teus pobres dias acabar;
E com êles o teu destino infando
De cativo da terra ao pé do mar?

Hemos conforme nossos tristes fados:
Tu, gemente Briareu dos vendavais,
Eu, Centimano de cem mil cuidados.

Um retorcido aos ventos outonais,
Outro com os seus anelos sossobrados
; Não sei qual de nós dois braceja mais! . . .

E nenhum poema diz tão bem a alma de um homem e resume tão magistralmente um

livro de libertação, de angustioso e dramático desejo de entendimento, de amor, de fúria e de inebriamento como é a *Palma de Acantos*. Que homem êsse Carlos! Êle é de tal forma primitivo e requintado, consciente e cego, esplêndido e triste, êle é de tal forma «uma natureza» que não se lembra a gente do seu nome literário por inteiro, e diz Carlos como diz oceano, torrente, árvore. Forte, retacado, um corpo de acrobata sôbre o qual dançam as roupas, o crânio ao vento na sofreguidão do eterno imprevisito, as mãos fortes contraindo-se na ânsia de sentir, o olhar como um raio partido em dois, êle quer, êle deseja: o bem, o mal, o amor, a glória, o sofrimento, as estrêlas do céu, os ventos que correm. ¡Com que volúpia abafaria temporais, com que ternura perpetuaria a doçura das rosas! Êle quer! A sociedade não pode ser para êle senão a tormenta dos ventos outonais.

E prêso à terra, títan no frenesi das escaladas, os seus braços bracejam exigindo o infinito.

¿Que fazer na banalidade diuturna da vida? O prazer dos outros é tédio para êle. Então rola nu na areia das praias pedindo ao sol o baptismo da saúde; novo Lucrecio indaga o segrêdo dos orbes, mergulha no êxtase da harmonia natural, e para aquietar a alma vul-

cânica, antes de fundir no ouro dos versos o tufão dos desejos, monta a cavalo, parte.

Vamos eu e *Flegon* cortando estradas
Aonde nos leva o doido galopar?
Agita o vento as árvores molhadas
E ao longe os seus cachões revolve o mar.

Eis Tambaú de areias prateadas...
Alguns minutos mais vamos chegar.
Encurta as tuas céleres passadas;
¡Sossega, meu corcel; mais de vagar!...

Talvez não saibas que «quem corre cansa»
A vida é breve, a terra não tem fim
E a méta do destino não se alcança.

Não iludamos nosso mútuo *spleen*
Nem a chorosa e plácida esperança
De quem nos veja galopando, assim.

A extraordinária sinceridade dêsse artista!
Os poetas mostram-se com uma certa vaidade
vã, e mesmo os menos vaidosos pensam no
verso ou pensam no que vão dizer de delicioso
ou tormentoso. Êle não. Êle é o coração que
rebenta de amor, êle se faz a voz de mil vozes
do patos...

Torno a folhear *Palma de Acantos*. Decididamente é impossível manter o equilíbrio nervoso nessa onda sonora que envolve fôlhas

e frutos, almas e árvores, astros e amores, gérmes e ruínas, — o Cosmos. Quási à fôrça, pelas semelhanças eu penso em Lucrecio moço, transformando a velha língua, e compondo um sistema de interpretação do universo por excesso de amor, por excesso de faculdades devinatórias, pela tristeza com que o circundam os despeitos da vida áspera. O inebriamento lucreciano prende-o, aliás na realização da epopeia de *Antropos*. E é aos astros que êle pede:

— Pátrias minhas, em que já fui átomo outrora,
De onde vim a rolar pela amplidão sidérea.
Trazido pelo céu no regaço da aurora,
Para as composições múltiplas da matéria;

Por essa tão saudosa e tão vaga lembrança
Dos vossos arrebóis onde esvoacei perdido
Na poeira cósmica avivai-me esta esperança
Já quási morta e o estro meu desiludido;

Para que vos celebre o esforço milenário,
Que se concentra em mim, nas tramas do meu verso,
— Mágica evolução de gemido primário
E sintética voz das vozes do universo.

E a cada poema a idea atômica do Amor formador scintila no arrebatado de estrofes que são como derrocadas de gemas e desmoronamentos de sóis. Daí a sua imponderável, en-

volvente, assustadora ternura sensual — ternura animal pelos animais, ternura vegetal pelas plantas, ternura de semi-deus homérico pelos elementos, ternura luxúria pela carne e pelas ideas. Daí êsse maravilhoso poema *Canção de Vesta*, obra prima de arte, em que o poeta é o eco sonoro dos mistérios universais. Daí o seu grande e compreensível amor patriótico que o fêz cantor patriota traçando hinos altivos e contundentes como os de alguns poetas da Grécia heróica.

¡Como êsse livro na sua imensa superioridade mostra a inanidade dos princípios da crítica e o afundamento das regras de arte! Só as decadências teem escolas, como só as nulidades copiam. O artista é o revelador, o solitário, o fanal guia. O resto imita. A crítica não poderia classificar êste livro onde a paixão e o conhecimento emanados do poeta tentam em vão a consoladora ilusão para o poeta. Os pobres pequenos fabricantes de versos certos, contentes uns dos outros na mesma mediocridade não saberão dizer dessa voz, que não é parnasiana, posto seja perfeito o verso, não é clássica posto seja pura a língua, não é simbolista posto de cada poema irradie a luz de um símbolo e não é científica posto ao saber arraste o pensamento como aos mineiros da Colchida arrastara Jazão.

— A arte é a religião, ciência e filosofia:
Harmonizam-se nela a fé, crença e razão.
A Pintura, a Escultura, a Música e a Poesia
Não precisam de leis ou regras de indução.

Sente-se a côr, a linha, a plástica, a harmonia
Das formas e dos sons. Cérebro e coração
Fremem, vibram de amor, nessa augusta magia,
Que dentro em nós acorda a estética emoção.

Êste é o fecundo, o real, o único postulado ;
A primórdia razão coroada de luz
A que o demais saber vive condicionado.

Êste é o supremo ideal, que à perfeição conduz,
Irmanando, no tempo e espaço ilimitado,
Praxitelis, Plátão, Buonaroti e Jesus.

Mas, como diante da alta e incomparável
espiritualidade de Gilberto Amado, talvez o
maior espírito das letras brasileiras, diante
dessa saúde cheia de amor, dessa perfeição
cheia de pensamento, dêsses arroubos fixados
em esculturas — os homens de bom sentir
curvam-se. E é o consôlo único dos artistas
em um país, em que cada vez menos se com-
preende a arte no fácil elogio ao vulgar ama-
dor e ao filisteu hostil...

Sob a exaltação a que nos arrasta a *Palma
de Acantos*, paro no último soneto. Carlos
teve desilusões, está triste. Mas não é homem

para recuar. Sente-se que êle ergue a cabeça de leão, contente com a fatalidade, obediente ao destino :

Ergue-te, que já vem repontando a alvorada
Quem trouxe o fado teu, tarde ou nunca descansã,
;Eis-te na guerra, sua alma tantalizada!
Cavalga o teu corcel, pega na tua lança.

Recomeça de novo a interminada Cruzada,
Põe no teu amuleto as àsas da Esperança;
Beija em face de Deus a cruz da tua espada
E de encontro à legião dos bárbaros avança.

E' um assédio! Vês: — Moiros por tôda a parte;
O Reino de Aragão dos teus nobres cuidados
Prêsa dos Infiéis... Rompe-se o baluarte;

Entra a moirama hostil... Solta ao vento os teus brados
E morre, proclamando o teu Símbolo d'Arte,
Na trágica invasão dos muros derrocados.

Apenas, jamais a moirama derroca os muros do reino de cada artista, quando êsse artista, o constrói do alicerce às mais altas tôrres de amor e de bondade, de entusiasmo e de saúde, de fé e de alegria, de desejo frenético com a Terra e o Céu para ser o Infinito. E sob a *Palma de Acantos* as nossas almas no inebriamento triunfal do desejo sem par...

À Margem das “Solitudes”

De Pereira da Silva.

HÁ vinte anos, pouco menos talvez, apresentaram-me certa tarde, no Boqueirão do Passeio, um homem de gestos simples, poucas palavras, passos lentos. Era magro, tinha a bôca rasgada e dois olhos de extrema bondade, que olhavam francamente. Por desagradável coincidência êsse homem era acompanhado de um bando de pequenos tagarelas, pelo vulgo conhecidos por literatos. Eu sempre abominei palestras literárias, já nesse remoto tempo, como agora. E o bando de cidadãos que passa o tempo a falar sem compreender de coisas sérias e a atasalhar os que dêle não fazem parte, irritava-me. Mas, de repente, eu estimei o homem magro, de olhar bondoso e irrevogável. Foi difícil a conquista da sua sinceridade pelo meu conceito. Nessa lenta prova senti o prazer de não me ter enganado. As qualidades de distinção, entrevistas nesse simples encontro, êle as tinha superiormente e na sua tranqüila modéstia, nenhum carácter eu vi tão sincero, nenhum coração mais bondoso e ne-

nhum espírito que da arte tivesse uma tão alta compreensão. Foi há vinte anos, pouco menos talvez, e o homem magro chamava-se Pereira Da Silva...

Digo:—o homem magro. Na época do nosso encontro, Pereira Da Silva devia, quanto à idade, não passar de um menino. Nem êle, nem eu estávamos perto dos vinte anos e éramos simples estudantes. Acontece, porém, com alguns entes influir o carácter de tal modo que êles nunca são meninos, nunca são velhos, porque são sempre um homem destinado a exprimir uma determinada feição universal. Os versos de Pereira Da Silva podiam não ter o simples e puro vernáculo de hoje. Mas Pereira Da Silva era um homem sem infantilidades, sem postiçarias, sem literatura, dizendo sinceramente o seu sentir e principalmente o seu pensar.

Assim, as nossas relações, em vez de se estreitarem, tomando *cock-tails*, a falar mal do próximo ou em jantares, trocando amabilidades sem fundamento, fizeram-se de modo imprevisto, ao sabor do acaso que nos reunia.

La eu por uma rua deserta, a pé. Ia para ver, com êste mal de andar sòzinho que Deus me deu. De súbito, avistava só, também caminhando, o homem bom. Conver-

sávamos de filosofia, de estética. Nem êle indagava de onde vinha eu, nem eu lhe perguntava para onde ia êle. Só muitos anos passados descobri a razão daqueles passeios, na rua do Senado, à 1 hora da madrugada.

— Admiro como vocês compõem com papel e tinta. Eu não escrevo um poema sem o ter completamente acabado dentro do cérebro. E só posso compor andando. Ontem, para acabar um soneto, andei tôda a cidade de Niteroy...

Êle dizia isso e eu explicava, emfim, a razão do forte cunho original da sua poesia. *Solitudes* é um dos grandes livros de poesia da língua portuguesa. O poeta exprime todo o seu ser nesse livro admirável. Da primeira à última linha não há uma alegria em *Solitudes*. Mas, em vez de um Leopardi, ou de um António Nobre, o primeiro sofrendo dores, o segundo talvez mais artificial, *Solitudes* apresenta-nos não a amargura de um isolado, não a tristeza de um descontente, mas a poesia de uma alma de bronze e de cristal, que se isola em meio da multidão para pensar na eternidade e sôa o seu austero som tocada, todavia, dos mil e um rumores do ambiente. Ao contrário do que podia parecer, *Solitudes* é o grito ardente de quem, pela fatalidade do

pensamento, tem que estar acima, nas solidões, sem desejar de facto essa solidão. A cada instante a Cidade está na mente do poeta. Apenas êle vê para além, enquanto os outros gozam o instante que passa. E, não podendo reagir, a sua sinceridade obriga-o a dizer o que pensa. Não sabemos o que mais o entristece: se as solidões da vida, se as da natureza. Entre os admiráveis poemas do livro admirável há dois que frizam o curioso estado de alma, ora diante do carnaval, ora diante da paisagem. A *Odisseia de Arlequim*, que é uma alucinante descrição do carnaval, diz o poeta com o desejo frenético de se divertir como os de mais. Faz tudo para isso, apenas vendo para além do delírio. O resultado não podia ser senão o sentimento que os versos tão resignadamente exprimem:

Era uma espécie de furor sagrado
Na qual eu, Arlequim,
Fiz a Cidade inteira rir de mim
De modo desbragado
Mas rir de tal maneira
Que ela, a Cidade inteira
Chegou a compreender
Que em meu ser
O seu Ser-Colectivo
Tinha o tipo herói-cómico mais vivo.

Éramos dois a rir: eu — da Folia
 Ela — de tudo que o folião fazia.
 Então, vi quanto pode na verdade
 Rolar um clown ao léu de uma cidade,
 Tanto mais louco quanto em vão procura . . .
 Como Arlequim, a Musa da Loucura,

Mas, diante da Natureza, só, realmente só, o ilustre poeta sente a obsessão da vida e ouve e vê cada fenómeno com uma dor muito maior. São dessa parte de *Solitudes* os maravilhosos sonetos *Hiematio* e *A Linfa*. Vale relê-los alto, para notar como, afastado da cidade, a Natureza exerce no seu pensamento sensibilíssimo visões atrozes ou o desejo de resignar-se, para voltar à vida, que, aliás, o entristece. No soneto do inverno, «semelha a Serra um grande mausoléu», e a chuva é um chôro insistente, «tal como o chôro da Miséria humana». Na *Linfa*, êle conta como ouviu a lição amarga e forte:

Tenho no ouvido a sua voz e trago-a
 Como a expressão de uma evidência dura:
 Era uma linfa de uma tal alvura
 Que parecia a própria Deusa d'Água.

E me disse na queixa em que murmura:
 — «Tu que me bebes ouve: que de mágoa
 De calhau em calhau, de frágoa em frágoa
 ; Venho sofrendo para ser tão pura!

Pois é preciso esta existência rude
 Correndo sôbre a rocha que me farpa
 Para não ser como qualquer palude...

E dizendo tais coisas, ao dizê-las
 Caía em jôrro do pendor da escarpa
 Entre imortais scintilações de estrêlas...

¿Que é a vida senão isso? Pereira Da Silva, depois de ouvir a água que corre, volta à cidade. Aí a sua tristeza permanece, mas a solidude é a de quem pensa acima do turbilhão, sentindo o calor da vida. E, por isso, raros serão os poetas que tenham tão sentida e justa delicadeza para dizer das mulheres, para contar sentimentos puros, para falar às crianças. E por isso, vendo o oceano da vida, êle compôs *A Etopeia do marujo*, poema esplêndido pela idea e pela forma, que é a sua etopeia.

Aí o velho marinheiro que correu o mundo inteiro e conta a sua história sôbre as águas, termina assim:

Mas seja como fôr o pensamento
 Do nauta é sempre o mar calmo ou violento,

— O mar, divino espelho de safira,
 ¡Que a Terra embala e o próprio céu admira!

No livro profundo e ilustre das *Solitudes*, o poeta excepcional conta as dores, os temporais, a tranqüilidade, as ânsias vãs, os tormentos, os ais e o que viu de porto em porto humano. A sua lembrança é austera, porque é sincera; é triste, porque vem do coração. Mas, seja como fôr, o seu pensamento é sempre a vida, «que a terra embala e o próprio céu admira».

Raramente é possível encontrar a nobreza mental e a superioridade sensível das *Solitudes*, livro que pertence à corrente celeste da grande poesia, livro cândidamente pessoal, livro que pensa na vida e ama a vida dolorosamente, vendo para além da vida. Se Carlos Dias Fernandes é o vate cosmogónico, o poeta magnífico do entusiasmo; se Gilberto Amado dotou a língua portuguesa com o seu espírito de estrêla, Pereira Da Silva, ao lado dessas mentalidades privilegiadas, é uma das mais empolgantes expressões do génio poético, capaz de, na forma eterna, cristalizar as emoções e as ideas, no dizer de Platão: — «As imagens sensíveis das substâncias invisíveis que enfeixam o movimento da vida».

Celso Vieira, o Revelador
de Endimião

Casa Vieta e Revelador
de Eudimiao

NOVALIS dizia só haver um templo no universo: o homem. Cada ano, que sôbre o nada da minha vida passa, faz-me pensar na profundez devinatória e eternamente jovem dos símbolos helénicos. Êles exprimem e explicam as almas contemporâneas. Êles estão esquecidos, a dormir nos livros como as pedras mágicas das revelações. De repente, incide na chama apagada de um o rádio intelectual do poeta. Logo o mundo fulge, maior por mais compreensível, menor porque de nós mais perto. Goete disse de novo Helena; Shelley deu-nos depois de Esquilo à palpitação subjectiva de Prometeu. Sim, o homem é um templo, é o intérprete dos eternos sinais da vida criados na terra miúda do Mediterrâneo, há milénios. Apenas há multidões e há homens, os profetas que as guiam, os poetas que as animam. E êsses são raros, pois é preciso ter nascido com a luz das estrêlas no cérebro para ser profeta ou poeta.

Há alguns anos conheço um homem que

em moço devia parecer um daqueles pastores iberos que Roma desejava e desejavam Roma. Forte, atarracado, o cabelo sôbre a testa, os dentes carnívoros na bôca fresca, êsse homem pensava e escrevia. Pensava por volúpia, escrevia como se forjasse, na dúvida das inexactidões da verdade, martelos de bronze, broquéis de ouro, lanças de prata. Nunca nêle encontrei a ânsia exterior de publicar. Mas, ao ouvi-lo, vi um cérebro que coordenava tôdas as ideas do mundo e punha-as a caminhar; ao lê-lo, senti nas suas páginas a grande malha da vida, aquela malha que He-faistos lançou sôbre a Fôrça e a Beleza para uni-las até compreendê-las.

Êsse homem é Celso Vieira. O tempo esperou que, num instante de génio, êle descobrisse o sentido de um símbolo grego e nos desse, em uma prosa de baixo relêvo, a revelação da sua alma, o apoio belo dos pensadores. Aí tendes *Endimião*.

¿Que pensastes vós até hoje do formoso pastor, que adormecia para amar a única deusa virgem de tôda a Grécia, a Lua? ¿Que medistastes acêrca dessa remota legenda de um zagal que adormece no sonho do luar? ¿Acreditais que Endimião não vos interessa e nada tem de contemporâneo? Não! O pastor que para sempre dorme adolescente na gruta de

Caria, à espera de amar Selene, é o pensador, é o poeta, é o pastor das ideias no sonho insofrido da Beleza perfeita e jamais obtida.

Celso Vieira diz o seu sonho, as vozes do seu sonho, após o derradeiro sono. Sistemas filosóficos, heróis, guerreiros, trágicos, explicam-lhe o dormir; as escolas e as ilusões interpretativas, o lirismo, o espiritualismo, o misticismo gorgeiam suavidades, a ciência informa, a experiência murmura, os poetas divagam, Zaratustra é amargo. E Celso Vieira, após exprimir essas vozes em sínteses que são poemas instantâneos, deixa Endimião a dormir com estas palavras:

«Assim reflorescem para a lenda imutável os princípios de toda a metafísica, e os sentimentos de todos os corações, e as fórmulas de todo o saber. Porque o sonho lendário nos recorda um lago, em cuja profundidade omnicolor se espelham os signos da Inteligência humana e sobre o qual se debruçam com avidez os nossos desejos entreabertos na sombra, à maneira de grandes flores nocturnas.

Vem aí remirar-se as ideias que se desprendem subtilmente da filosofia, como os nimbo vaporam dos alcantis; vem aí reflectir-se como lampejos efémeros ou nuvens multiformes, raiando um céu vespéral, devaneios e ardores, enganos e ambições. Mas a fascinação

do abismo guarda inviolável o segrêdo perturbador: monstro que dorme, tesouro que fulgura ou naiade encarcerada na sua móbil teia de água e de luar...»

¿Mas para que acordar o pastor Endimião, se êsse poema esplêndido no-lo revela, emfim, a êle e ao seu sonho extraordinário? ¿Para que em vão fazê-lo tomar do cajado e seguir pela aurora tangendo o rebanho, se Endimião continuará sonhando, se Endimião são todos aqueles que pensam e vivem no sonho da Beleza, se Endimião é a Inteligência e essa descoberta Celso Vieira a fêz, vendo sangrar o seu próprio coração e arder a sua própria mente no sonho de luar impalpável de chegar à meta da perfeição?

Não há na língua portuguesa poema de tão profunda e aguda revelação. Celso Vieira explicou o turbilhão extático dos que param diante das dúvidas, contradições, arrogâncias, conflitos, do rebanho das ideas; mostrou-se a êle e a quantos passem ideas, no desejo de eternos sonhadores — terem o contacto sagrado e fecundo com a virgem fugitiva que é a Lua, que é a Beleza, que é a Paz, que é o Bem...

Feliz Endimião! Após mandar gravar a sua revelação nas bibliotecas e nas escolas, Celso Vieira poderia recolher-se à gruta de Caria e

continuar no sonho, certo de ter explicado, luminosa e inebriante no símbolo do pastor, a alma dos poetas e dos pensadores, a ansiedade da alma universal, Endimião eterno na fascinação da naiade encarcerada na sua móbil teia de água e de luar.

¡Mas, não fôsse êle Endimião, antes que os deuses o imobilizassem, sonhando à espera da lua! O esplêndido poema é apenas o pórtico dêsse livro de estrutura pouco igualável na literatura moderna, é a epígrafe à porta da Caria cerebral, onde, pastor de ideas, Celso Vieira vem esperar a Beleza, reflectindo, meditando, chorando, sorrindo, sonhando acima da terra com as coisas da terra. E então, após a doçura sidérea da *Alma cristã*, tendes essa escultura dramática do *Demónio do orgulho*, após a sátira mortal dos *Diálogos* em que Aristofanes se juxtapõe a Luciano para rir e desprezar a miséria humana, friza ágil e macabra de símbolos do nosso vazio de agora, assistis à admiração tropical diante dos delírios da multidão, do esforço do homem e do esplendor da natureza. Para o fim parais. Endimião continua a sonhar na *Elegia da terra*, poema de um Lucrécio que não se aterra com o fim, e quer sonhar para realizar, e almeja a esperança da humanidade para a incoercível fôrça de realizar, mesmo em

vão. Nos quadros dramáticos do fim da terra, o poeta que tudo sabe, o pensador que tudo embeleza em um estilo feito de ouro e de azul, êsse Celso Vieira magnífico, leva-nos no pesadelo de tôdas as hipóteses, no giro final da terra-cadáver valsando em tórno do semi-apagado sol. É a vertigem do infinito, é o horror da morte, é a inutilidade da nossa agitação febril e do longo sonho formoso do formoso Endimião. Mas, o poeta alça-se, esquece a morte fatal a pensar no desdobramento de energias dos homens para domar a terra e reter a impossível Verdade sempre mais além. E no seu verbo estonteante:

«Através do espaço e do tempo os homens laboram, confiam, superam o homem louvado pelo côro grego. . . De um a outro pólo, de um século a outro, êles scindem as correntes aéreas e as correntes submarinas; conduzem sôbre fios de arame a electricidade ou sem fios transmitem o verbo na propagação das ondas electro-magnéticas. Violentamente debastam as rochas; subtilmente liquêfazem o ar. Sequiosos de potencialidade, esgotam o ouro e a hulha das jazidas; sequiosos de universalidade, perfuram o seio das montanhas e vinculam os oceanos. Como prendiam, outrora, os cavalos de espêssas crinas ao jugo, deslumbrando Sofocles, acorrentam hoje as que-

das de água, espumejantes, ao carro solar das suas indústrias. Aqui, ensinam a formação das nuvens, e a dos cristais, e a dos mundos; além, esculpem no bronze ou na pedra os músculos dos heróis espartanos e a graça das ondinas escandinavas. Desdobram as leis do seu génio estético em sinfonias, e quadros, e epopeias. Lavram e pugnam, edificam e semeiam, ou descem aos mares em busca de uma pérola e galgam as cordilheiras em busca de uma flor.

Só, ante o prodigioso espectáculo, no alto da sua montanha, Zaratustra abençoa o heroísmo implacável, tendo aos pés o desejo e o sorriso das escravas. Menos arrogantes do que êle, interpretemos a Vida como trabalho renovador e bemfeitor, pelo qual se desnublamos, se exaltamos os nossos dias amargos e vãos, aspirando à luz inefável da gruta de Caria, onde a beleza e a mocidade helénicamente sonham...»

Ruysbroeck, o admirável, julgava que o homem não é homem enquanto não se «ensimesma». É preciso estar dentro de si próprio para ver o mundo e interpretá-lo subjectivamente. Celso Vieira, antes de escrever um livro, ensimesmou-se muito tempo. Depois, com as regras dos architectos da frase pura e o aluvião do conhecimento, saíu na noite en-

luarada e construiu no ar um templo de mármore e bronze, onde fulguram a luz reveladora e a eterna juventude subjectiva do símbolo grego de Endimião pastor. Razão tinha Novalis, julgando o homem templo. Razão tinham os gregos, criando os signos belos que guardam os nossos segredos, em busca da perfeição inatingida. ¡Mas consoladoras razões e feliz impossibilidade de realização final! Graças a elas, encontramos às vezes architectos espirituais como Celso Vieira. Graças a elas, o nosso coração, o nosso cérebro, o nosso amor à Beleza encontram de súbito alento, apoio, fé, entusiasmo, transmutações ideais da alma em livros esplendentes como *Endimião*.

A Autoflagelação
de um génio patriota

— «Barbear», «Pentear»! Veja você. Para provar a decadência do Fialho basta êste título, escolhido por êle para um livro que estava para sair há anos.

— Mas que afinal sai...

— Inferior, inferior, livros feitos de bocados. E sai porque, morto êle e herdeiro o Teixeira, o Teixeira não tem receios da crítica e o próprio autor pode beneficiar com essa posição do além-túmulo.

— Parece inclemente.

— Faço apenas o que o Fialho fazia com tôda a gente. Fialho estava gá-gá mas um gá-gá convulsivo esparrimando-se em diatribes e falta de senso.

— Oh!

— Você ofende-se? Que quer? Foi o próprio Fialho que escreveu a propósito do Eça «Porque o respeito devido a nomes célebres entendemos não deva simplesmente cifrar-se no melindre piegas de se estranhar que a crítica à obra dos mortos tenha a rudeza lú-

cida e a imparcialidade levantada da que qualquer pode fazer à obra dos vivos.»

—Peço permissão para discordar da crítica.

—E eu respeito muito a sua opinião, mas faço questão de lho provar como ando justo. Disse-lhe que o Fialho estava decadente, de todo gá-gá. Mostro-lho já. ¿Que andou o Fialho tôda a vida a dizer dos editores? Mal. Dizia de tudo mal; mas, dos editores ainda mais e com razão. Ainda neste «Barbear», «Pentear» vem um trabalho incompleto que devia ser prefácio a um dos livros do vosso Coelho Neto. Abra-o, leia-o. E' um ataque tremendo aos editores, naquele estilo documentativo e silogístico que êle às vezes tomava. Fialho mostra pela milésima vez como os editores nos roubam. E aqui tem o período de conclusão: «Escusado seja encarecer com palavras a injustiça revoltante de uma tal partilha. E' olhar o quadro, logo se advêm na urgência d'acabar com essa maneira despótica de compensar o trabalho intelectual e dar de mão à cupidez do editor, que não é afinal senão um odioso patrão da pior espécie. Claro equacionei o problema nos seus termos modestos, de sorte a deixar supor que num caso de escritor com público e venda excedente aos 2.000 exemplares, as coisas se passem

por forma ainda mais depressiva para o interesse e brios do pobrezinho homem de letras.»

Pois bem. ; Sabe o que fêz, no seu testamento, êsse explorado revoltado dos editores? Em vez de deixar a propriedade da sua obra a um escritor amigo e necessitado, que por ela tivesse o necessário respeito — ; deixou propriedade de obras impressas e todos os originaes a um editor! Que diz V. a isto?

Era em Lisboa, dias antes da minha partida para o Rio. O homem de letras lisboeta estava diante de mim como uma interrogação maldosa. Não lhe respondo, sorrindo apenas. Para que responder? Portugal como o Brasil sofre de uma moléstia endémica nos povos sem cultura: o desrespeito aos seus grandes homens, a incompreensão do valor moral de cada um. «A crítica é uma criação dentro da criação», disse um génio inglês. A crítica entre nós ou é a camaradagem ou o achincalhe estúpido daqueles com que embirramos. Fialho foi tôda a vida um grande sentimental e um sincero. Era a maior figura viva da literatura portuguesa e um dos maiores, mais afervorados patriotas que conheci. Bateu-se pela República com a clava destruidora da sua formidável ironia, só comparável entre vivos e mortos à de Juvenal. Com todo o

amargor satírico queria melhorar, endireitar, concertar. Portugal só entraria no bom caminho por uma radical transformação. Veio o conselheiro João Franco, que o convenceu dos seus bons intuitos. Veio o crime do Terreiro do Paço, que o chocou — porque êsse feroz era boníssimo. Fialho deixou os republicanos. E de um momento para outro ficou só, inteiramente só, alvo dos ataques dos seus companheiros da véspera. Os que o chamavam gênio dias antes, escreviam dêle como de qualquer escriba secundário. Êsse sensível! Como devia ter sofrido!

Conheci-o por êsse tempo, justamente. Vivia com uma infinita desesperança íntima. Só, possuidor de um cérebro de gênio e por consequência necessitando mais do que qualquer outro de respeito e carinho do ambiente, bom como só os profligadores cruéis dos costumes o sabem ser, de uma sensibilidade hiperdolorosa, as menores pilhérias deixavam-no arrasado. E os jornais republicanos diáriamente o insultavam. Fiz-me seu amigo, vencido pelo seu gênio e a sua paternal ternura. Portugal literário tinha sido excessivamente gentil para mim — gentil e hospitaleiro. Êle, porêm, era mais, era o que me lera, o que me compreendera, o que me avaliara com uma nota justa, sem destemperos de elogios.

E era também o que se interessava de facto pelo Brasil e pelas suas manifestações de cultura e d'arte. ¡Quanta vez o acompanhei rindo com a sua cáustica ironia, mas admirando o patriota ingénuo que sonhava tôdas as cousas boas para o seu país e a sua raça! Quando parti, nunca mais deixámos essa ligação espiritual, que é a correspondência. Fialho vivia no Alentejo, em Cuba. Lia e escrevia imenso. Além das horas devidas ao cultivador, tôdas as outras vivia-as em estudo, e conhecia tôdas as literaturas vivas, e conhecia a Espanha como raros espanhóis a conhecem e estava a par de todos os movimentos: o da sciência, o da arte, o da filosofia. Tão formidável aparelhamento ao serviço de um cérebro raro fazia-o um artista «sui-generis», um maravilhoso instrumentista da prosa, uma espécie de Wagner peninsular conseguindo em períodos que não eram da língua de Camões, uma irradiação de ideas, uma justeza de motivos emocionais, uma tal fôrça de exteriorização passional desde o cómico ao lírico, que ninguêem jamais alcançará.

¡E como amava êle o seu Portugal e a sua Lisboa! Génio absolutamente moderno, no «gulf-stream» de tôdas as ideas, de todos os sentimentos, de todos os apetites contemporâneos, vendo mais e querendo mais, claro a

sua obra era na mor parte de censura tremenda, mas precisamente porque amava de mais. A censura nunca talvez fôsse feita com tão sumarenta e poliforme capacidade e nesses livros, como «Pasquinadas», immortal livro de sátiras, «Á Esquina», na série trágico-cómico-lírica dos «Gatos», em cada período, em cada obra êsse ímpeto complexo de qualidades máximas existiu sempre té a «enquête» sôbre a educação em Portugal, que serve de prefácio ao livro de Chouzel «Regicídio e Reguicídio», e em que não se sabe o que mais admirar; se o professional erudito, se o patriota exaltado, se o zurzidor sem peias, se o extraordinário estilista capaz de nos dar bocados com o da pândega cruel dos estudantes com os campónios numa noite de Coimbra. Mas essa censura, de que Lisboa teve o maior quinhão sempre, escondia um amor quási excessivo. Fialho conhecia de Lisboa tôdas as ruas, todos os tipos, tôdas as casas, tôdas as árvores. Lembra-me que uma vez fui com êle do largo de S. Domingos à Mouraria e que nunca tive uma tão inédita e imprevista lição de estética animada e enternecida do horrível. Lembra-me que doutra feita saímos à Avenida e que, num acutilante «impromptu» sôbre paisagem urbana, Fialho conhecia até de cor, o local onde mudavam as diversas

árvores que arborizam a grande artéria, válvula da Lisboa-nova.

E' de imaginar o choque brusco, a minha dor, quando de volta da Itália, em Paris, li, nos jornais do Rio a notícia da morte do grande artista. Morrera assim, quando não devia morrer o formidável destruidor e o maravilhoso criador — de súbito, em meio ao desencadear de instintos do seu país em reforma. Morrera, sem o barulho que o desaparecer de tal vulto num momento de calma de-certo causaria. Morrera, deixando incompleta uma extraordinária e rebrilhante obra, obra de Bizâncio, obra de bárbaro aguçadamente artista, obra em que os soluços e as gargalhadas se amoldam, em que o calão grosseiro se este-reotipa ao lado das frases nunca feitas, dos adjectivos nunca empregados, das sensações nunca assim expressadas, obra em que a lama das sarjetas, o gargarejo das imundícies, o arrôto e o horror, a desgraça e a indigência do vício, da inconsciência, da gente se fundem na feição de um estilo que tem do granito, tem dos veludos, tem das pedras duras, tem das pedras finas para compor trágica, passionalmente, uma espécie de frisa colossal da vida contemporânea de Portugal, — frisa em que há os grotescos das cathedrais medievais, as luxúrias de Rops, o rebrilho perverso

de Moreau, os carvões e os caprichos de Goia, a graça angelical dos Murilo.

Mas, ainda assim, a morte tão imprevista de Fialho foi como um clarão para a justa compreensão do seu trabalho que se poderia definir: a autoflagelação de um génio amoroso da sua terra.

Fialho deixara Portugal acabrunhado pelos ataques dos seus ex-amigos e correligionários. Viajou o estrangeiro, passeou, quis esquecer, e afinal voltou a Lisboa no dia 5 de outubro. Estavam na República. As repúblicas no seu início, mesmo quando são feitas com flores lembram sempre a ancestral das repúblicas modernas: a de 39. A multidão excitada pretendeu vaiá-lo. Dizem que o vaiou mesmo — o que é uma vergonha de que não nos podemos queixar, lembrando Atenas, que expulsou Aristides por ser justo. Os que, entretanto, deviam acolher o grande homem com carinho, acolheram-no com hostilidade. Cheio de fel e de dor, Fialho partiu imediatamente para o Alentejo, para as suas propriedades de Cuba. E não voltou a Lisboa porque não podia, mas, tomando da pena, iniciou para o Brasil, para o «Correio da Manhã», as suas célebres cartas: «Saibam quantos»... em que, suprepujando o partidário havia sobretudo o filósofo capaz de friamente estabele-

cer um processo verbal do momento. Á quarta ou quinta carta aparecida, as autoridades da República, velando pelos créditos do país, no estrangeiro, significaram a Fialho, distante, que seria preferível mudar de assunto. Isso, enquanto os jornalistas sem piedade atiravam contra o Mestre uma diária chuva de frases desagradáveis. Fialho poderia mandar a carta e sair de Portugal. Mas, exilar-se por tempo indeterminado, para êsse coração cheio de ternura, de amor, de sentimento era impossível já. Guardou a carta, represou cóleras, amores, desesperos, alentos, e, vendo a vida impossível como a sonhara, êste Juvenal moderno, êsse coração extraordinário, estalou.

¡Morto êle, os jornais trataram-no ainda com frieza inacreditável — como se o credo político e transitório pudesse escurecer as páginas do «Sérgio» e da «Madama do Campo Santo», como se a arte que é a criadora da Vida tivesse que ver com os partidos, as instituições, a morai e outras insignificâncias que agitam a verrina diária, como se um Artista, o Artista por onde a história afere sempre o grau de elevação intelectual de uma raça, tivesse que ser tratado pelo lado perecível das suas simpatias pessoais e os seus sentimentos políticos! Balzac seria assim um pobre homem e Flaubert um homem lamen-

tável. Os jornais de Lisboa, porêem, estavam quentes de partidarismo. Um dêles deu esta simples nota: «Faleceu ontem o sr. Fialho de Almeida, conhecido escritor». E só a «Luta», de Brito Camacho, do intelectual Brito Camacho, velho amigo de Fialho, com êle de relações cortadas desde o franconismo do autor dos «Gatos», esqueceu a poística e enalteceu o morto.

Fialho, entretanto, fizera um testamento que era ainda o seu coração. A biblioteca deixara-a à Lisboa, ao irmão enfêrmo o sustento assegurado, os livros ao editor Teixeira — que durante anos fôra o amigo dedicado, o admirador contínuo, o homem que admirava, admirava sem sentimentos de classe, e enquanto Fialho escrevia sôbre o preço dos editores, ia aumentando a promessa de uma soma grande, para editar um romance do seu grande homem. ; E era isso ainda que fazia a geração nova e republicana censurá-lo, atacá-lo ! E' preciso ser sensível, para compreender os imprevistos dos corações sensíveis... Êsse rapaz que me falava não era mau.

Não há ninguém mau de todo. O momento fazia-o apenas não compreender. Fialho, no futuro, fatalmente terá de Portugal República aquilo a que tem direito.

Eu, porêem, deixei-o logo, quási a correr, para

ver o editor Teixeira. Teixeira fica na praça dos Restauradores. E' uma casa de duas portas, modesta. Teixeira edita uma porção de livros, já esteve no Brasil, tem dez filhos e não é rico. Foi lá que, pela primeira vez, vi Fialho. Teixeira acha-se agora riquíssimo, com o legado moral do mestre. Quási chora ao falar-me. E mostra-me por trás do balcão volumes, volumes, volumes, uma obra colossal e inédita daquele que acoimaram de já não escrever. E ao lado dessa obra, que vai sair breve com os cuidados de Albino Forjaz de Sampaio, o autor da «Lisboa Trágica», a quem Fialho tanto amava, vejo os retratos de Fialho, petiz ainda, jovem com a sua testa genial, homem de chapéu mazantino e gravata à «Lavalère», do tempo dos «Gatos», e enfim o melancólico Fialho solene, de barbas e gravata-manta.

Que infinita melancolia! Não sustenho a curiosidade e passo uma hora a ler alguns dêsses originaes, não dos livros, não das notas sôbre Espanha, sôbre o norte português, livros que serão maravilhas, mas das cartas, das nótulas, dos bocados de papel inacabados. Os escritores estão todos sempre nestes pedaços, em que a sua alma nua se debruça.

E precisamente aí encontrei a decifração

dessa amarga desilusão de Fialho ; e precisamente aí, como talvez não o tenha dito êle em livro publicado, deparei com o maravilhoso artista, cujo único culto, cuja única moral era a Beleza. Dizia o primeiro bocado de papel :

«*Domingo.* — Saio de casa numa disposição particularmente amarga e melancólica, com todo o pêso da vida no peito e uma irritação por cada sorriso feliz que vai passando. Porque tem tôda essa gente o ar de beber néctar por um copo, onde eu não sinto vasa e travos d'asafétida.

Aí está o castigo de quarenta anos de divergência e fuga ao «trivial». Águia das nuvens, cuidei que poderia passar a vida nos magníficos cimos da idea e da ironia, longe das fertildades do vale gorgolejante, onde a felicidade é feita de símplies e nenhum repto corta a impassível reedição das cousas naturais. Oh ! blasfémia de envelhecer com a cabeça afona de tantas teorias e sistemas...»

Só. Dizia o outro :

«Á hora de envelhecer, verifico que, ao passo que tudo em redor de mim murcha e esvai-se, duas cousas no meu espírito vão

florindo e subindo como arbustos, enchendo-o e calmando-o de uma turbação religiosa.

Uma é êste instinto complexo da beleza, que é a mais alta faculdade do homem culto na terra, e só tem os raros que puderam ver, no fim dos sonhos, tôda a panacea insuficiente dos sistemas e tôda a vacuidade quimérica do «alêm». Instinto que é uma das formas eternas da justiça, e ao fim de quarenta anos, nesta terra de alarves, ainda me faz passar por um ser confuso e mal explicado à face da moral.

Outra é esta angústia de envelhecer, antes de se haver completado, no seu âmbito supremo, o meu ciclo mental, de sorte que mercê de uma encerebração defeituosa que faz que a consciência só dê testemunhos íntegros, quando já o corpo é incapaz de acção e de vontade, a mocidade que seria uma tão bela festa em nós mesmos, o homem só pode admirá-la nos outros, em cataplético, seguindo o psalmejar do seu próprio encerramento. Por isso a idea da morte teve sempre para mim um sentido infame e repulsivo, que a teoria católica mais agrava, pois deroga a beleza que é uma das divinas máscaras da justiça, e pelo instantâneo da vida quási não deixa dar fé na mocidade.»

Amara a Beleza, uma das máscaras divinas

da justiça, amara a mocidade que era a Beleza, fôra a águia das nuvens incompreendida e, sentindo a hórrida angústia de envelhecer, só, no meio que o não entendia, debatera-se contra a idade trágica apenas com o seu coração sangrento. Era a verdade, era a revelação da causa de tôda a sua obra.

Fiquei por muito tempo calado, a ouvir o Teixeira. Já estava à venda o «Barbear, Pentear», que começa por essa maravilha de sátira, de ironia e de estilo, intitulada «Um juízo do ano». Virão depois, sucessivamente talvez mais seis volumes. A reedição dos «Gatos», esgotada há tempos, está a sair... Eram informações do editor. Então despedi-me e saí. Fora o sol esplendia no azul do céu. Era a primavera. Estavam as árvores tôdas enfolhadas, uma doce alegria sensual pairava no chilro dos pardais. Caminhei assim Avenida acima até à Rotunda que Fialho dizia feita para «coração proposital da nova vida cívica» e onde de facto se fêz a República. E o ar, o canto dos pássaros, o encanto do céu consolaram-me da melancolia a que me arrastara a leitura dos papéis de Fialho. ¿Que importava morrer êsse homem num momento em que os seus irmãos não o queriam entender? Lisboa de vinte anos para cá não existiria na história da arte, se não fôsse a obra

de Fialho. O grande artista, no seu secreto sofrer enganara-se. A mocidade está na eternidade. O máximo prazer é dar à expressão de uma época o seu próprio cunho integral.

Fialho de Almeida teve, sem o sentir, êsses dois gozos. Foi o mais português e o mais raro dos escritores portugueses, foi o mais delicado, e o mais intenso, o mais brutal e o mais subtil dos laboradores da língua contemporânea. Todos os amargores e ataques e indiferenças e acintes e calúnias e ataques, ¿ quem não os paga quando é o Superior? São os habituais direitos do fisco proibitivo na incomensurável e universal alfândega da estupidez humana.

Um grande actor

Por amor da juventude e da beleza.

ESTES quatro anos últimos, não sei se pela polarização nervosa causada pela guerra, se por consequência também da misteriosa e subitânea crise de transformação do mundo, paralela aos desastres da guerra, tenho a impressão de que do outro lado do Atlântico, com a hecatombe bélica, há uma ceifa apressada de homens de talento e homens de génio nas letras, nas artes, no teatro — criaturas que, pelo seu brilho divino, sempre me pareceram incapazes de morrer. Assim, raro é o mês em que um telegrama não me traga o sobressalto da morte de alguém notável. Não há muito tempo, após a notícia da morte de Gourmont e de tantos outros, tentava pôr em ordem as impressões de uma longa palestra com Rodin, o Supremo, quando vi a nota da sua morte. Deuses! E' possível que Rodin tivesse muitas dezenas de anos. ¡Ouvi-lo, porêm, vê-lo, compreendê-lo entre as suas obras, era afastar dessa alta figura demiurga a hipótese da morte! Rasguei as notas com mêdo pueril. De re-

pena eu via, via nitidamente, que fôra contemporâneo e convivera com as expressões maiores da intuição terrena num certo momento. Mortas essas expressões, a falar delas eu envelheceria talvez sem poder compreender o futuro, única realidade da vida... E, nervoso, no silêncio do gabinete, contava os desaparecidos e os que teriam em breve de deixar a luz solar. Foi como um transe de angústia. Tanto mais amargo quanto era evado da macabra tristeza de ver chorando na morte de Rodin um pouco da minha exaltação admirativa a expirar. O mundo inteiro, o meu mundo interior parecia atravancado de recordações, de impressões, como um céu negro, onde brilha a luz de estrêlas mortas há muito tempo.

Um dos maiores tormentos do ser que pensa é a memória da existência do dia anterior. Recordar é assistir a uma representação em que tomamos parte, é renunciar ao prazer de agir. A saudade é a esperança dos fracos, porque viver é alegremente continuar agindo com a fé no futuro, que é a eternidade, a única eternidade possível...

Estes pensamentos de que procuro me desembaraçar, eram presentes quando li o telegrama da morte de Augusto Rosa, actor de grande engenho, um dos mais notáveis do

palco contemporâneo. E achei coincidência curiosa pensar eu assim, justamente quando morria um dos poucos homens em Portugal, cujo drama íntimo fôra sempre não envelhecer, não recordar, continuar, multiplicar-se, ir para o futuro.

A profissão de actor abraçada por um mariola qualquer (e o teatro, a imprensa e a literatura são profissões invadidas pela impudente inconsciência) é insignificante. Exacerba os baixos instintos, nulifica os bons. Quando, porém, a escolhe uma inteligência é a multiplicação da personalidade, é o eu-proteu na ilusão de mil vidas, é a conquista da falta de idade na travessia do sonho, é o sentimento de um mundo dentro do mundo, de que somos parte essencial, correndo os séculos com o sorriso da eternidade. Balzac rebentou de fazer uma sociedade. Ellen Terry viveu de criar no tablado durante cinquenta anos personagens de todos os séculos.

Augusto Rosa, com ser o mais illustre actor português, era o mais perceptivo dos artistas de palco que tenho conhecido. Os outros envelheceram, isto é, fixaram-se em regras, que julgavam definitivas, por serem a dos seus passados triunfos. Raros são aqueles, mesmo notáveis, que não sejam cabotinos, palavra que resume egoísmo, pretensão, tolice

e outros pulhismos irritantes. Êle foi sempre um sumptuoso discípulo da Arte, espalhando com os outros o que incessantemente aprendia. Não há notável actor que deixe discípulos. O pouco que o teatro da nossa língua tem de aproveitável em actores e actrizes, deve-o, entretanto, exclusivamente a Augusto Rosa.

Não acreditem êsse esforço uma obra de missionário que se sacrifica. Não. Nem teria valor. Augusto Rosa trabalhava no teatro para gozar a ilusão da eternidade; ensinava para aprender, aprendia para conservar a juventude. Quantos actores foi Augusto Rosa? Conservando as suas qualidades intrínsecas, êle mudava e corrigia-se de ano para ano. Emquanto os artistas do centro, onde o teatro é uma preocupação geral, estudam peças três e quatro vezes para serem medíocres sempre, como Antoine, ou repetirem-se, como todos os franceses, êle ensaiava os outros e numa temporada criava cinco, seis e mais peças, com a felicidade de fazê-las melhor que os seus intérpretes primeiros. Foi assim com o «D. César de Bazan», foi assim com o Duque de Sentmont, da «Estrangeira»; foi assim com o «Roi», que o interessante Brasseur não poderia ver sem despeito; foi assim em todos os seus trabalhos. Os maiores acto-

res de Paris tratavam-no com respeito. Augusto Rosa representava as peças do repertório de cada um para as representar melhor. Era o mais parisiense dos parisienses e o único artista português maleável, graças à ânsia do seu talento, para não lembrar senão o futuro.

O público do Brasil conheceu-o pouco. De espírito aristocrático, o lucro das «tournée» sem ambiente estético não o tentava. Quando da revolta êle teve no S. Pedro uma temporada interrompida e os jornais exploraram o jacobinismo por «interviews» publicadas em Lisboa. O público do Rio tornou a ver todos os artistas lusitanos, menos êle. O teatro português foi estragado em grande parte pela ambição sem pudor de vários empresários que iam de cá, de modo que o espectador brasileiro não podia sentir surprêsas d'arte em Lisboa. E eu guardo viva a minha admiração quando, em 1908, vi de repente surgir, no «Roi» o delicioso artista.

— Mas é o mestre de Brasseur falando português!

Tão escandalosamente o aplaudi, que me mandou pedir para ir ao seu camarim. Desde então, nos dias das minhas passagens por Lisboa, ia tentá-lo para a vinda ao Brasil. Via-o sempre elegante e sóbrio, como o duque de Chesterfield, conservando parado o

tempo no desejo de ser sempre novo; vi-o criar papéis em oito dias e suportar com o desinterêsse dos superiores as picuinhas e as invejas da caixa, açuladas pela inconsciência crescente do velho Braga empresário. Um dia em que mostrava fotografias suas, teve esta reflexão:

— Não sei se esta vida é má. Ela dá-me, porê[m], a única possibilidade de viver no encantamento de existir. Assim eu só me lembro do meu tempo de rapaz e continuo nesse tempo, porque conservo as ilusões.

Graças a isso, convenci-o a vir ao Rio. Organizada à pressa a companhia — como organizam «tournées» os empresários do Brasil, sem o reclamo necessário, Augusto Rosa representava com artistas pouco certos do que iam dizer para um determinado público que não era o de Guitry. A sua passagem por aqui foi assim melancólica. Quando se tratou da sua récita, êle achou impossível — (no que fêz aliás muito bem) — mandar bilhetes. De modo que demorou, como sempre, «gentleman» elegantíssimo, em rodas literárias, escapando dos espectáculos para as recepções e dos ensaios para os chás em que o louvavam.

A última vez que o vi foi três meses antes da guerra.

— Eterno passeador!

— Mas, Augusto, há um ano...

— ¡Hoje, meu amigo, foi hoje que nos vimos! Para que pensar no tempo?

Êle estava realmente tal qual, com a sua face neroneana, o oitão-reflexos mais reluzente do que nunca, as mãos enluvadas de suède beije, brincando airosamente com a bengala.

-- Tem você o segrêdo da mocidade.

Êle sorriu, curvou a cabeça para aspirar as violetas da botoeira (era admirável o talhe da jaquete que o vestia) e alegremente:

— Faço apenas um vasto dia de tôda a vida.

Quando recebi as suas memórias, escrevi-lhe indagando como era possível um dia sem fim ter memórias. Êle respondeu: «Nos intervalos dos ensaios classifiquei apenas velhos papéis, que representei fora e dentro de scena neste mesmo grande e alegre dia».

A sua morte, segundo me informam, foi de uma beleza, de um amor à juventude bela, tão grande que todos os estetas da terra lhe devem ter inveja. Nem o fabuloso Petrônio morreu assim, e nós devemos chorar que Wilde não tenha tido a possibilidade dessa morte de artista extraordinário.

Augusto Rosa sabia que ia morrer. Apro-

veitou os minutos do seu dia sem o caso numa presente festa de arte. Roído de dores, sem poder falar, concertava a face destroçada pelo mal, e elegantíssimo sôbre os divans do seu salão, assistia a verdadeiros saraus literários, ouvindo versos e músicas. A sua sensibilidade sentiu o dia da morte. Então fêz escrever as criaturas mais belas das suas relações, pedindo para vir vê-lo nos últimos instantes. Eram senhoras lindas da alta sociedade, eram jovens no viço túmido da mocidade—que acederam a essa súplica com a bondade que só a beleza tem.

Augusto Rosa preparou-se. Vestiu-se de sêda no seu leito de brocado, entre alfaias raras. E, deitado, esperou a morte vendo desfilar os entes belos que lhe vinham trazer a saudação de vida jovem e bela...

! Morreu assim o ilustre e comovente artista, incessante Hércules incansável de trabalhos admiráveis para manter a ilusão da juventude perpétua, compreendido incompreendido, a que o teatro na nossa língua deve imenso sem o incômodo de pagar, actor criador de actores e de mil personagens mais riais que os riais! A notícia da sua morte dava-lhe a idade. Cruel e tremendo ataque. Não compreenderam que Augusto Rosa foi tal qual foi, usando no mundo centenas de máscaras,

amando, chorando e sofrendo e rindo sob diversíssimos nomes, fazendo com bondade e paciência outros artistas no mundo real; e assim se conservou até ao último dia, para se dar a si mesmo a certeza de que jamais envelhecera, a ponto de nos seus livros dizer tudo, menos—a idade que desejava ignorar...

Sejamos para os criadores de ilusão com o respeito pelo que êles amam, causa da sua obra. Nestes quatro anos de guerra, sem ir à guerra, morrem génios e temperamentos admiráveis. Não recordemos Augusto Rosa como se êle tivesse morrido velho. A melhor homenagem para êsse que foi sempre o adolescente entusiástico é vê-lo sumir-se e dizer docemente:

— Esplêndido Augusto! ; Como é jovem no seu dia de labor!

Não só agradecemos ao artista o bem que nos deu, como só assim lhe damos a eternidade das belas obras que interpretou.

A primeira tragédia
de Óscar Wilde

A primăra tragedie
de Oscar Wilde

DIFÍCIL compreender o artista. Principalmente compreender o esforço assustador que êle faz para agradar, para conquistar a autoridade. Shakspeare era um génio da Natureza. Impossível dizer hoje as páginas escritas no intuito de captar o agrado; as enormes criações feitas para insinuar indirectamente a verdade, com o aplauso necessário — «o aplauso, alimento do Artista». Fatalmente, a têtça parte pelo menos da obra do génio, devemos-la a essa envolvente influênciã. Com tantos excepcionais acontece o mesmo. Quanto mais agradam, mais a sua obra é do agrado, vincada do processo que satisfaz. Super-homens houve que se perderam no desejo de estar sempre dentro da segunda individualidade composta parte do juízo contemporâneo a seu respeito, parte das ideas próprias com volição capaz.

Bastará um pouco de análise das almas para ver que os grandes artistas são na sua essência, almas de generais, de santos,—conductores messiânicos. A fôrça da intelligência

dá-lhes tremendas propriedades. Restringindo, sintetizando a vontade, qualquer grande Artista podia ser só general, só santo, só herói. Como essa fôrça, porêem, projecta-se num campo imenso da compreensão e abarca a humanidade, o Artista fica o general sem batalhas, o santo sem milagres, o herói sem provas imediatas, e sente profundamente a calamidade. Por isso não há Artista que não seja ensinador, guiador, e não há absolutamente nenhum digno dêsse grave e austero nome que não seja um moralizador.

Coisa atroz dos grandes génios — fazer quási sempre no seu zénite sóis truncados:— a contingência da vida, a necessidade da opinião, perenemente. Poder-se-ia chamar tal coisa jornalisticamente: o imposto político da celebridade. Êsse imposto esteve ao lado de homens como Hesiodo, como o vaidosíssimo Píndaro. Êsse imposto continua. Está em Zola, cuja obra inteira era a espera de realizar *Os Quatro Evangelhos*, como esteve no profundo Esquilo.

Dos homens antigos é hoje impossível documentar a tremenda tragédia que foi a de, na juventude, submeter o génio ao agrado público para fazer opinião. ¿Que extraordinário volume seria escrito por exemplo a respeito de Platão, um dos mais subtis fascina-

dores da terra? Dos modernos, porêem, mais fácil se torna dizer a tortura, provar de como a vontade do ambiente torce a sua vontade inicial, e de como êles sofrem de tal coisa em pleno fastígio. No mundo latino, a amargura é menos evidente talvez. Na arte inglesa tem por momentos aspectos horrendos de lutas a faca na sombra, tais os duelos mexicanos. Quando o homem acaba lorde, coberto de honrarias como Tennyson, concordou tanto com o público que tem permanentemente um ódio difuso a tudo e a todos. Quanto a opinião não o teem, como a Meredith, êste falece numa atitude de cólera expectante. E acontece a muitos tomarem de um chicote e a multidão achar essa feição do espírito divertidíssima, de modo que êles nunca mais podem deixar o látigo, que apenas estala e não magoa ninguém — como nos circos...

¿Óscar Wilde não está própriamente em nenhum dêesses casos? Êle é o artista contemporâneo que, professando embora a diferenciação radical entre a obra e o autor, mais se confessou no que escrevia. Outro dia, ao re-ler alguns dos seus volumes com atenção — encontrei a primeira tragédia de Wilde. Precisamente o seu primeiro choque com a opinião, o que decidiu a sua atitude de paradoxo, de impertinência.

Óscar Wilde foi uma grande alma de bondade, sábia e inocente, até à morte. Ao escrever *Intenções*, já resolvido a conservar o êxito, escreveu com presciência espantosa tudo quanto lhe ia acontecer. A sua obra é, entretanto, a do Anjo Revel, porque no fundo Wilde era o messiânico, o espírito diligente desejoso de salvar a terra das imundícies, o triste que sorria para não soluçar, e a-pesar-de tudo, ia realizando o seu vivo protesto.

Imaginaí um rapaz, dotado de génio, saído de um ambiente escolar angustiosamente medíocre. Medíocre como tôdas as escolas, pela falta de animação e interpretações novas, medíocre pela norma, pelo carrancismo, por êsse sentimento restricto do professor que acha o mundo concluído e cada homem futuro um repetidor. Imaginaí êsse rapaz, com uma porção de ideas mal definidas, ávido de mostrar leituras e o seu carácter excepcional. Escreve um ensaio — *Origens da Crítica Histórica*. Não obtêm o prémio — o que lhe irrita o temperamento combativo de conquista. Como dominar? Como ter o público? Publica versos. Cada publicação, conforme o aplauso é uma indicação. E o rapaz edita o seu volume de versos, e vê que lhe acham a superioridade do talento porque o atacam, o achincalham — (a crítica e o jornalismo como sempre) e o

enaltecem com delírio — (os *snoobs*, prolífica raça de transformadores inconscientes). Mas que ninguém, absolutamente ninguém compreende o drama da sua alma.

Que fazer? Curvar-se aos primeiros? Manejar os segundos? Naturalmente prefere os segundos.

Wilde desde criança queria ser católico. Seus filhos acabaram frades.

Wilde era republicano.

Wilde amava a sua pátria.

Wilde amava a Liberdade, porque amava a Vida.

E Wilde foi feito o breviário do artificialismo, pela necessidade do aplauso. Durante a sua breve vida de êxito alarmante, o seu gênio adoptou a máscara imposta pelo snobismo para dizer verdades tão amargas como as dos Padres da Igreja. Não há um trabalho seu, fascinante e paradoxal, que não possa ser traduzido por uma lamentação de Jeremias ou um trecho de Apocalipse, quando não é na sua essência, (e isso acontece à maioria) a palavra do próprio Cristo.

Também, quando os escravos perceberam que o Satanás camarada, inofensivo e divertidor, era no fundo o anjo fulminador — mataram-no.

Mas a tragédia prólogo dessa tragédia de

Mefistófeles de Sybaris em que se mascarara um divino espírito está nos *Poems*. Todos os rapazes de vinte anos, que lêem com o sentimento dos snobs o *Dorian Gray*, a *Salomé* e o *Happy Prince*, deviam meditar as causas dos *Poems*. Pensando na própria alma, pensando na indelicadeza com que a crítica e o jornalismo recebe os seus primeiros trabalhos, pensando de como vão deixar de ser êles próprios na necessidade imediata do êxito...

Há estúpidos que falam da sinceridade na Arte e citam o artificialismo de Wilde, a sua superioridade indiferente à humanidade.

No *Soneto à Liberdade* está tôda a alma de Wilde anárquica, revolucionária. Mais tarde Wilde desenvolverá num ensaio originalíssimo o seu socialismo cheio de dor, de piedade, de orgulho e de glória à hierarquia da Inteligência. Nesse soneto está porêm a idea capital do ensaio.

Not that I love thy children, whose dull eyes
 See nothing save their own unlovely woe,
 Whose minds know nothing, nothing care to know, —
 But that the roar of thy Democracies,
 Thy reigns of Terror, thy great Anarchies,
 Mirror my wildest passions like the sea, —
 And give my rage a brother — ! Liberty!

For this sake only do thy dissonant cries
 Delight my discreet soul, else might all kings
 By bloody knout or treacherous cannonades
 Rob nations of their rights inviolate
 And I remain unmoved — and yet, and yet,
 These Christs that die upon the barricades,
 God knows it I am with them, in some things.

Livremente traduzindo, para perder a beleza dos ritmos e só conservar a idea:

— «*Não amo os teus filhos cujos olhos mornos mais não vêem que a própria miséria sem nobreza, cujo espírito nada conhecesse vem ainda de conhecer. Mas o rugido das tuas Democracias, Os Reinos do Terror, as grandes Anarquias, reflectem como o mar, as minhas mais ardentes paixões e dão à minha raiva um irmão — Liberdade! Por isso, unicamente por isso, encantas-me a alma profundamente. Sem isso, todos os reis, com Kuvut ensangüentado ou a metra. Uma traidora, poderiam despejar as nações dos seus direitos invioláveis, que eu ficaria impassível. E entretanto... e entretanto êsses Cristos que morrem nas barricadas, só Deus sabe como eu estou com êles em tanta coisa...*»

¿Não é a alma inteira do Excepcional nesses catorze versos? ¿Não é a obra depoi-

mento explicativo do anarquismo de todos os Artistas?

Êsse sentimento de liberdade, é muitíssimo maior em Wilde do que o seu desejo de estetização de atitude e por consequência de fixação simbólica, deixa entrever no soneto. Um dos seus mais belos poemas é de-certo o *Ave, Imperatriz*, à Inglaterra.

Êsse poema é um sermão genial, é uma prédica rígida, é um ataque de coragem quasi impossível num país como aquele, é o *memento* mais dramático que se gritou aos ouvidos de Albion, *memento* que hoje, após a guerra, ela ouviria com alarma, tão grandes verdades contêm. Wilde diz no final do *Ave, Imperatriz*:

— *¿E agora que ganhamos nós em prender o globo terrestre em malhas d'ouro, se dentro do nosso coração encontramos escondido o cuidado que jamais envelhece?*

¿Para que nos serve cobrirem os nossos barcos como florestas de pinheiros a extensão dos mares? A ruína e o naufrágio la-deiam-nos, guardas sombrios da Casa da Dor.

¿Onde estão, os bravos, os fortes, os rápidos? Onde a cavalaria inglesa? Hervas selvagens servem-lhe de sudário e o soluço das vagas é o seu fúnebre lamento.

¿Ó bem amados que dormis bem longe que palavra de affecto podem enviar os lábios mortos? ; Ó poeira perdida, ó argila insensível! ¿Era para acabar, para acabar assim?

Paz! Paz! É ofender os mortos atormentar mais o seu sono solene. Bem que privada dos filhos, a cabeça coroada de espinhos, a Inglaterra devia subir a escarpa.

E entretanto quando êsse penoso esforço acabar, os que velam assinalarão de longe a jovem República, como um sol a surgir das ondas purpurinas da guerra.

Peace, peace! we wrong the noble dead
To vex their solemn slumber so:
Though childless, and with thorn-crowned head,
Up the steep road must England go,

Yet when this fiery web is spun,
Her watchmen shall descry from far
The young Republic like a sun
Rise from these crimson seas of war.

Há um momento na mocidade de Óscar Wilde em que sinceramente êle se debate entre essas duas ideas gravíssimas:—a pátria, e a igualdade social. Nem sempre é o vate como no *Ave, Imperatriz*. Em compensação é sempre o Artista, vendo a pátria pelos seus

maiores artistas — que são a verdadeira expressão moral do espírito das pátrias.

Assim é a Milton que êle se dirige no seu célebre soneto:

— Dir-se-ia que o século virou em pantomima, em que desperdiçamos as horas acumuladas d'outros séculos;

Porque, com tôda a nossa pompa e o nosso luxo e os nossos poderes, nós já não prestamos.

Pois esta ilha por nós ocupada, esta Inglaterra, leão dos mares, está a soldo de demagogos ignorantes, que não a amam. ¿ Deus de bondade, é mesmo êste o país que nas mãos sustinha um império tríplice quando Cromwell pronunciou a palavra Democracia?

And the age changed into a mimic play
Wherein we waste our else too-crowded hours:
For all our pomp and pageantry and powers
We are but fit to delve the common clay,
Seeing this little isle on which we stand,
This England, this sea-lion of the sea,
By ignorant demagogues is held in fee,
Who love her not: Dear God! is this the land
Which bears a triple empire in her hand
When Cromwell spoke the word Democracy!

E logo depois, aquele que encontrava tantas semelhanças entre a sua e a alma dos li-

bertários, produz êste soneto *Libertatis Sacra Fames*:

Albert nurtured in democracy,
 And liking best that state republican
 Where every man is Kinglike and no man
 Is crowned above his fellows, yet I see,
 Spite of this modern fret for Liberty,
 Better the rule of One, whom all obey,
 Than to let clamorous demagogues betray
 Our freedom with the kiss of anarchy.
 Wherefore I love them not whose hands profane
 Plant the red flag upon the piled-up street
 For no right cause, beneath whose ignorant reign
 Arts, Culture, Reverence, Honor, all things fade,
 Save Treason and the dagger of her trade,
 And Murder with his silent bloody feet.

Soneto traduzido, exactamente:

— «A-pesar-de nutrido na Democracia,
 a-pesar-de preferir a tudo a República em
 que cada homem é como um rei e nenhum
 dos outros se distingue por uma corôa,
 a-pesar-de tudo, a-pesar-de esta sêde de Li-
 berdade, prefiro o govêrno de um só obe-
 decido por todos, ao dêsses demagogos
 zurradores que traem a nossa independên-
 cia pelos beijos que dão à anarquia.

Tambêm não tenho simpatias pelos que
 com mão sacrílega plantam bandeiras ru-

bras nas barricadas das ruas, sem defender causa justa, estabelecendo o reino da ignorância:

Se assim fôsse, artes, civilização, polidez, honra, tudo desapareceria só restando a traição com o punhal seu único instrumento e o assassinio de silenciosos pés sanguinolentos.»

Os admiradores da pirotecnia verbal de Wilde nas obras dramáticas e no romance, do Wilde sempre um moralista excessivamente tímido no fundo, poderão sorrir do grande lugar-comum que é o soneto. Em geral, se os poemas fôsem postos em prosa, poucos poemas seriam tomados a sério. Estas rimas de Wilde, mesmo com o prestígio do ritmo tem o ar conselheiral de uma velha banalidade lida na hora dos licores por um cidadão que faz relações na alta sociedade. Mas êste soneto é um dos momentos de fraqueza diante da crítica oficial do jornalismo. Wilde curva-se pedindo aplauso. Anos depois diria na *Alma do Homem* outra coisa com outra elevação e em prosa...

Mas o interêsse é o drama de Wilde na sua mocidade, lutando no desejo das coisas graves.

Há um sonetô *Quantum Mutata*, em que se culpa a decadência moral da Inglaterra de

não defender como dantes, os que se batem pela liberdade. E isso porquê? ¡Porque o luxo enche de produtos estéreis a porta por onde deviam entrar os nobres pensamentos!

— Sem isso, clama o poeta, poderíamos ser ainda os herdeiros de Milton.

How comes it then that from such high estate
We have thus fallen, save that Luxury
With barren merchandise piles up the gate
Where nobler thoughts and deeds should enter by:
Else might we still be Milton's heritors.

Os *Poems* de Óscar Wilde apareceram em 1881 e tiveram a opinião dividida a respeito do mérito do poeta. Uns julgavam o livro o «credo novo», outros o autor alambicado, outros finalmente todos aqueles versos ensaios de um colegial falho de originalidade. A crítica é sempre errada ou quási sempre, e talvez eu mesmo esteja a errar. O livro de Wilde era porêm o livro de um colegial da vida. E, por isso, de uma ingénua sinceridade. Nada mais delicado do que deitar opiniões sôbre as primeiras tentativas de um jovem, que sente em si a chama do génio e tem a ambição do êxito. Todos teem a ambição do êxito. Mas o êxito na arte é o êxito sôbre os espíritos, é o domínio sôbre os cérebros, é a con-

quista do mundo que se vê mas se ignora desejando infinitamente prendê-lo.

Wilde quis o triunfo imediato. E' um sentimento geral na sua raça oprimida e inteligente; é um sentimento que na Inglaterra, opressora da Irlanda, se tornou pessoal e colectivamente o frenesi perpétuo, a própria vida, que é uma vida de *performances*, de *handicaps*, a geral *sporting life*. O seu génio amava o império pessoal com pompa e beleza. A sua alma era platónicamente pura. Outro ambiente poderia moldá-lo apostolar ou épico. O desejo da glória instantânea e o meio desportivo forçavam-no a essa espécie de corridas secretas de experiência. Mas com a Dor e o Orgulho daqueles de quem Deus tem receio porque dêle se aproximam — os artistas.

O futuro autor da imperecível *Balada do Prisioneiro de Reading*, imitava, sim, alambicadamente os quatrocentistas, expandia-se em paisagens superpostas de cromo, fatigava-se em elogios àqueles que já haviam obtido a sempre tardia consagração da Inglaterra. O seu temperamento não tinha a alegria carnívora de Byron, a saúde aventureira dêsse outro génio, que produziu a maior gargalhada lírica do universo no *Don Juan*. Era aos vinte anos, moldável. Mas sincero.

A crítica e os círculos literários londrinos não notaram a afabulação do seu conto *Charmidés*, em que o belo pastor morre por amar a sabedoria, Palas, e para o qual a própria Vénus só consegue, depois de tamanho crime, o amor natural *post mortem* na morada de Proserpina. Com a mesma trama anos depois o génio faria em prosa um dos seus eternos apólogos. A crítica e os círculos literários londrinos não viram na sua beleza ingénua os gritos dêsse grego pela Vida, o entusiasmo da *Pantéa*:

— «*Vamos de fogueira em fogueira, do sofrimento paixão à volúpia mortal. Sou muito jovem para viver sem desejo e tu muito jovem és para perder esta noite de verão em perguntas vãs que há muito os homens fizeram ao vidente e ao oráculo sem obter reposta.*»

Ou o hino lucreciano em que a unidade do patos é renovada no sôpro lírico da expressão:

And we two lovers shall not sit afar,
 Critics of nature, but the joyous sea
 Shall be our raiment, and the bearded star
 Shoot arrows at our pleasure! We shall be
 Part of the mighty universal whole,
 And through all aeons mix and mingle with the Kosmic Soul!

We shall be notes in that great Symphony
 Whose cadence circles through the rhythmic spheres,
 And all the live World's throbbing heart shall be
 One with our heart, the stealthy creeping years
 Have lost their terrors now, we shall not die,
 The Universe itself shall be our Immortality!

A crítica e os círculos literários de Londres não notaram a continuação da *Pantéa* que é o poema *Humanidade*, com muitas inocências filosóficas porque são repetições de lugares comuns, mas com estrofes devinatórias e afirmativas de um supercosmos moral como por exemplo esta:

— «*A vida é a mais augusta omnipresença e por esta o intellecto dotado de razão encontraria na paixão a sua expressão. Os sentidos que doutra forma são ignóbeis comunicariam a chama ao espírito e êsse todo formaria a mais mística harmonia que a unificadora das estrêlas do céu.*»

Ou esta:

— *¡Não, não, nós não passamos de crucificados, e pôsto que da frente nos caia como chuva o suor de sangue, que nos arranquem os pregos e desceremos da cruz, eu o sei! ¡Que nos sequem as chagas rubras e tornaremos a encontrar a integridade! Não precisamos do misope oferecido na*

ponta de uma vara. ; O que é puramente humano é também de natureza divina, é também Deus!»

Nay, nay we are but crucified, and though
 The bloody sweat falls from our brows like rain,
 Loosen the nails—we shall come down I know,
 Stanch the red wounds – we shall be whole again,
 No need have we of hyssop-laden rod,
 That which is purely hyman, that is Godlike that is God.

A crítica e os círculos literários, com a obtusidade peculiar à Inglaterra, atrelaram-se aos velhos carros da compreensão e não puderam ver senão o homem querendo espan-tar, chamar a atenção. Os snobs proclamaram então a nova lição, onde não havia lição alguma. Wilde dissera sem a menor intenção, como artista apenas, no *Jardim de Eros*:

—«*Espírito de Beleza, fica ainda um pouco, não morreram todos, os teus adora-dores de outrora.*»

E os snobs nesse delicioso poema viram o credo da arte pela arte.

Wilde tinha as cóleras de um patriota apos-trofando a Inglaterra no *Theoretikos*.

—«*Não és feita: minha alma para habi-tar esta vil morada em que os traficantes põem em hasta pública a sabedoria e o respeito, em que o povo grosseiro grita em*

fúria de ignorância contra o que é o legado dos séculos.

Isso perturba-me a calma. Também o meu desejo é violar-me nos sonhos d'arte e de suprema cultura sem ser partidário nem de Deus nem dos seus inimigos.»

Os snobs, como acontecera na admiração preciosa dos *Iaquistas*, ou dos presafalidas faziam dessa dor, que não só Wilde sentiu mas que na Inglaterra e em outros países tantos artistas teem sofrido, uma teoria de exclusivismo estético.

E a velha crítica, achando impossível insultar a Grande Inglaterra, mesmo dizendo em verso verdades indiscutíveis, decretava o artificialismo dêsse jovem que quer dar na vista.

De modo que o sentimento de grandeza da pátria tão sincero em Wilde que na *Canção de Vys* escrevera êste verso:

This English Thames is Bolier far Than Rome.

O seu ímpeto de vida cheio de solidariedade humana, o seu sentimento religioso, a sua austeridade moral, o seu amor à Beleza — tudo isso não existiu, porque para os vazios da Moda havia apenas o encanto do artificial.

Wilde viu que êsses eram os seus únicos admiradores e que só exagerando o seu

decreto, com insolência, despropósitos, impertinência, poderia dominar Londres e os seus arredores.

Então escreveu êsse *Helas!* do génio que se reconhece, que se deplora e se atira ao abismo duvidando de poder salvar o patriotismo da própria alma:

To drift with every passion till my soul
 Is a stringed lute on which all winds can play,
 Is it for this that I have given away
 Mine ancient wildom, and austere control? —
 Methinks my life is a twice-written scroll
 Scrawled over on some boyish holiday
 With idle songs for pipe and vielay
 Which do but mar the secret of the whole.
 Surely there was a time I might have trod
 The sunlit heights, and from life's dissonance
 Struck one clear chord to reach the ears of God:
 Is that time dead? lo! with a little rod
 I did but touch the honey of romance —
 And must I lose a soul's inheritance?

Depois acentuou o paradoxo que é dizer com brilho verdades profundas, inverter o sermão em prédicas cínicas; derrubar a perversidade, a suficiênciã, o carrancismo, dizendo-lhe de chofre e d'alto tudo quanto sentia. Andou de gibão pelas ruas de Londres com um lírio na mão, êle que era de uma rara

elegância sem exagêro, prègou o artificialismo. E os jornais, e as senhoras, e os palermas coroaram-no o Supremo Esteta.

Um sujeito mediocre teria sossobrado. Wilde aproveitou o êxito para ousar tudo, para ousar ser o espírito do *Sermão da Montanha* na serenata de sóis cantada por Lúcifer, que é a sua obra. Sim. Êle ensinou a necessidade do bem, o desastre do diabolismo, a glória de criar. Nenhum dos honestos literários teria mostrado à humanidade de maneira tão sedutora e pungente o carinho e o respeito que se deve ter pela mulher sofredora, ninguém mostrou tão perversamente o desastre das perversidades como Wilde em *Dorian Gray*, ninguém no século alçou uma voz de profeta como a do poeta de *Salomé* e de *Esfinge*. E nenhum dêsses filósofos místicos do obscuro contemporâneo pôs à vida um friso mais doloroso da fatalidade do que Wilde nos seus contos e nos seus apólogos.

E' impossível ao homem de génio fugir aos rótulos que à sua obra dão as sociedades em que vivem. Principalmente agora em que a opinião pública descansa no jornalismo que é a ignorância envenenada da pequena inteligência. Se Platão surgisse no actual momento na Inglaterra ou no Brasil seria considerado

um sujeito frívolo e paradoxal. Cristo definitivamente seria um imoral. Para Wilde, contra Wilde ainda houve um processo por um crime que a miséria, a hipocrisia e a torpeza da selvageria civilizada do universo considera, pelo menos em leitura, um aperitivo ou um consôlo às suas secretas infâmias anónimas. Wilde foi explorado como se exploram as edições sem nome de editor, em todo o mundo. ¿Que importava Wilde monstro na vida — je êle tão dolorosamente se queixava desde Oxford dos companheiros que pareciam Messalinas! je êle com tanto desejo pedia ao velho pai para ser católico como meio de salvação! — ¿que importava o Wilde homem assustador e aliás amado pela espôsa e pelos dois filhos, se na sua obra nada havia senão de profundamente nobre?

Ainda assim o desastre do homem que quisesse o êxito imediato, prisão, tormento, escarro da canalha geral, — serviu ao génio para esculpir a *Balada do Prisioneiro* e trazer à eternidade o géiser de uma alma na confissão do *De Profundis*.

Li em Harborough Sherard que Wilde era principalmente um homem de acção. Era. Êle poderia ser um apóstolo como S. Paulo, um vencedor de consciências, um reformador político, um vate excitador de povos para a gló-

ria e o futuro, um místico capaz de mostrar às almas as invisíveis escadas de luz que levam ao céu onde existe na nossa esperança a integridade da nossa consciência. O meio não o consentiu. Êle foi o crucificado do preconceito no momento puro da vida. Então o Reprovador Jovem, o Sonhador da Unidade pela Piedade começou do alto da Cruz a prègar os seus sermões doutra forma, com o ar de quem concordava com a multidão tão fulgurantemente que parecia a tentação nova. Os crucificadores despregaram-no, coroaram-no, levaram-no em triunfo. Em meio do caminho viram porêm que todo aquele fulgor apontava-lhes a mesma Verdade, que tôdas aquelas palavras enebriantes guardavam a essência do mesmo sermão do Reprovador porque o sermão era a essência da sua alma.

Caíram-lhe em cima.

— Tu és homem como nós e nos enganas diabólicamente.

Não o crucificaram de novo, com mêdo à tentação irresistível da voz. Afogaram-no na lama de todos reunidos pelo Código. E na lama floriam os lírios de sangue da *Balada* e do *De Profundis*.

Mas isso foi depois. Todos êsses dramas foram depois.

A primeira tragédia, a grande tragédia de

Wilde está nos seus primeiros versos. E' o génio moço levado pelos fariseus da vida. E ninguêm saberá jamais a dor e o esforço e a coragem atónita de um jovem, no instante em que é mister agradar...

First paragraph of faint text, appearing to be the beginning of a section.

Second paragraph of faint text, continuing the narrative or list.

Third paragraph of faint text, showing further detail or continuation.

Fourth paragraph of faint text, possibly a transition or a new point.

Fifth paragraph of faint text, continuing the main body of the document.

Sixth paragraph of faint text, likely the concluding part of the page.

O Segundo Olavo Bilac

— Bilac morreu!

Uma grande dor alanceou-me. O outro continuava:

— Pela madrugada...

Era a bordo. O barco ia partir. Três dias antes ainda vira o grande homem, na rua do Ouvidor, em frente a certa montra de cartões postais.

O meu informador continuava, dando pormenores acêrca dos últimos instantes. O Poeta passara bem, muito melhor. De repente entrara em agonia. «Dêem-me tinta! quero escrever!» E morrera assim.

¿Que outra dor podia haver maior para o Brasil, para quantos possam amar o sol da Inteligência?

Bilac, nos últimos tempos, como se confessava em versos de uma profundez e de uma beleza inatingidas pelos maiores poetas do último meio século. Encostado à amurada do barco, eu tornava a vê-lo, a face cansada e amarga, magro, mas de pé, ainda elegante,

sempre fascinante, e lembrava um dos seus últimos sonetos.

Cabelos brancos! dai-me, enfim, a calma
A esta tortura de homem e de artista:
Desdêm pelo que encerra a minha palma,
E ambição pelo mais que não exista;

Esta febre, que o espírito me encalma
E logo me enregela; esta conquista
De ideas, ao nascer, morrendo na alma,
De mundos, ao raiar, murchando à vista;

Esta melancolia sem remédio
Saudades sem razão, louca esperança,
Ardendo em choros e findando em tédio;

Esta ansiedade absurda, esta corrida
Para fugir o que o meu sonho alcança,
; Para querer o que não há na vida!

¿ Não era a história de todos os grandes artistas? ¿ Não fôra de-certo assim pensando que eu o vira pela última vez, na rua do Ouvidor, *despedindo-se da cidade*, no breve hiato que lhe deixara a luta sôbre-humana com a Morte? Mas o meu informador tinha diante dos olhos a scena da extinção do mais formoso espírito que em língua portuguesa inspiraram as musas. E dizia, baixo:

— ; Que estranha vontade tem o génio e que presciência!

As últimas palavras de Bilac foram:—quero escrever! Tempos antes o Poeta escrevera o soneto *Eutanásia*:

Antes que meu espírito no espaço
Fuja em suspiro etéreo e vago fumo
—Em versos e esperanças me consumo,
E espalho sonhos pelo bem que faço.

Até no instante em que seguir o rumo,
Para o sono final, no teu regaço,
O' Terra, eu sorverei no extremo passo,
Da vida, em febre, o capitoso sono.

! Seja a minha agonia uma scentelha
De glória! E a morte no meu grande dia,
Pairando sôbre mim como uma abelha,

Sugue o meu riso de última alegria,
O meu beijo supremo, flor vermelha,
Embalsamando a minha bôca fria!

O seu último instante foi scentelha de glória. A morte sugou a explosão derradeira dos seus últimos sonhos como um beijo supremo, flor vermelha...

Nunca fui íntimo de Olavo Bilac, a-pesar-de o conhecer desde os mais tenros anos. Nunca fui íntimo por uma questão de respeito. Os grandes artistas, absolutamente excepcionais sempre em tôdas as terras e em todos os tem-

pos, por mais alegres e civilizados, são o eco doloroso das dores e dos esforços da Humanidade. Conseqüentemente pela sua altitude moral — isolados. A amizade é um dos maiores e mais delicados sentimentos. O grande artista pode ter estima por um pobre diabo, pelo medíocre, pelo homem de talento mesmo. Mas é êle que admite a intimidade da amizade. Solicitá-la com o cortejamento assíduo, a lisonja seguida, a presença contínua pareceu-me sempre uma afronta ao sentimento da intimidade. ¿Quantas pessoas se dizem nossas íntimas amigas por nos falarem a cada instante, sem nunca ter compreendido uma ponta do mistério que somos nós, sem nunca passarem para nós de conhecidos desconhecidos?

Mas eu era menino de primeiras letras e já conhecia Bilac, graças a relações de família minha com casas onde Bilac ia, onde se falava de Bilac. Era no fim da monarquia. O bando literário — aquella fulgurante geração que deu o génio de Aluizio Azevedo, deu Coelho Neto, D. Júlia Lopes de Almeida, Artur Azevedo, Luís Murat, Guimarães Passos, José do Patrocínio, Ferreira de Araújo, geração que fêz a Abolição, fêz a República e foi a última geração literária do Brasil — dominava a cidade. Havia muitos talentos. Por êsses talentos e por todos que liam, Bilac

era considerado o Grande, o Incomparável. Alcibíades Poeta! As legendas corriam; as facilidades abrolhavam a seus pés. As suas palavras eram decretos, a sua palestra um fogo central de maravilhas. Há impressões de infância que nos ficam para sempre na memória. Nunca mais esqueci aquele momento em que eu criança, me batia contra um enorme sorvete de creme na Confeitaria Pascoal, e ouvi a baronesa de Mamanguape dizer:

— Oh! Senhor Olavo Bilac!

Estava diante da linda senhora um jovem radiante, seguro da sua fôrça, que eu não podia dizer se era feio, se era bonito, porque era fascinador, irresistivelmente fascinador. Foi a primeira vez que vi o Poeta. Eu desejava ser assim e tinha talvez sete anos. Depois, várias vezes tornei a vê-lo. Mas a admiração pelo prestígio social, pela fascinação de Bilac, eu as senti, já com pretensões a escrever, ainda estudante de preparatórios no *Clube dos Repórteres* e num sarau literário no Lírico. No Lírico vários homens notáveis haviam falado com a impaciência da platea, vários poetas aureolados tinham gorgoeado rimas, com o sentimento exquisito de que o público esperava o fim. E de repente Bilac avançou. Era o mesmo. Creio que Bilac passou vinte e cinco anos sem envelhecer. O

teatro inteiro demonstrou a sua satisfação em aplausos.

— Tentação de Xenócrates! disse o Poeta.

Eu admirava a elegância de sua casaca, o seu impecável peitilho reluzente e as suas polainas de sêda branca sôbre os botins de polimento. Essas polainas desnorteavam-me. Mas Bilac tinha todos os poderes. Em geral os poetas recitam mal, principalmente os próprios versos. Bilac recitava como um grande actor. A sua voz quente era evocadora, o gesto sóbrio como traçava o desenho da tela em que as suas rimas de luz scintilavam côres e ideas e sentimentos. O poema crescia, poema grego cheio de irremediável.

No dia seguinte no *Clube dos Repórteres*, fundado pelo repórter Ernesto Sena, havia o *jornal falado* em que Bilac, príncipe da crónica, fazia a crónica. Eu tinha ido cedo. Vi todos os literatos de fama chegarem, vi os homens de situação na política, na sciência, no mundanismo — sem maior atenção de cada um. Mas desde que Bilac assomou à porta, todos se voltaram, todos foram cumprimentá-lo. Procurando estar perto do Poeta, o meu coração de criança batia. E ouvi-o distintamente dar a explicação das suas polainas.

— Pois não falaram das minhas polainas?

¿Esta gente não vai até censurar as minhas polainas durante o dia? Ontem resolvi. Polainas de sêda branca, à noite.

Todos riam. Era o Triunfador.

Depois, passados anos, ao terminar o meu curso, eu quis também escrever um artigo. Era contra os nefilibatas, rapazes insuportavelmente medíocres que se julgavam génios. Eu queria a reacção da verdade na arte. Fui dizer essas coisas solenes a José do Patrocínio, grande homem, generoso, bom, com a volúpia das virgindades mentais. Patrocínio queria os moços a seu lado, queria estreá-los no seu jornal. Nessa época, a *Cidade do Rio*, jornal boémio, nadava em dinheiro. Patrocínio dava gargalhadas à minha ingenuidade reaccionária.

— Mas o artigo. Fêz você o artigo.

Momento decisivo, tremendo, horrível. Entreguei-o trémulo. Patrocínio chamou o paginador.

— Componha isso. Sai hoje.

À noite eu vi o artigo idiota e cheio de gralhas. Ia pela rua do Ouvidor, quási chorando da minha mediocridade, e de repente parei aflito, sem poder falar. Patrocínio saía do Pascoal com Olavo Bilac, Guimarães Passos, Emílio de Menezes, outros. ¿Teriam visto o meu artigo? ¿Que haveriam di-

to, a Patrocínio, sempre tanto pela opinião dêles?

Mas Patrocínio chamou-me:

— Não pensei que você já fôsse assim. Quer então cair nessa tolice de escrever? Pois vá trabalhar no meu jornal. Amanhã, com o número de aniversário, iniciamos a remodelação. Bilac escreve. Vamos para lá agora, adiantar o número.

E logo, levando-me para um canto.

— Tome pelo seu artigo...

Era uma soma que em Portugal seria o ordenado de um ministro e no Brasil, mesmo agora, cifra inatingida pelos maiores cronistas. Assim anda o engano tentando os humanos. Com que convicção e com que terror eu subi a *Cidade do Rio!* Como o jornal era da tarde, não havia gás. Os grandes escritores escreviam à luz de velas fincadas em garrafas vazias. Havia também muitas garrafas de cerveja cheias, que no fim podiam servir de castiçais às velas. Os literatos escreviam e conversavam. A crónica que Bilac escreveu nessa noite, o quadro da escravidão, não se perdeu. Está num dos seus livros de crónicas, o último...

Depois, quatro anos depois, na esperança ansiosa e na luta em que tinha de viver, eu conheci de perto o triunfador. Eu escrevia

nos jornais em que se lhe rogava a êle que escrevesse; pela sua bondade e a de Medeiros e Albuquerque, um dos corações mais dignos que conheço — entrei na série primeira dos luminares que iniciavam as conferências literárias do Instituto, à sua gentileza devo as palavras animadoras de um artigo quando publicara o meu primeiro volume. Em tão largo período de convívio diário, mesmo sem intimidade, podia julgar do homem e do artista.

Devo dizer que analisando o homem de sociedade difícil de se entregar, raramente deixando entrever a sua rara e profunda sensibilidade, e o artista admirável, jamais poderia imaginar, que dentro dêsse Bilac, polido, elegante, de palestra sempre propositadamente alegre e frívola, do homem querido e louvado justamente, a cuja qualquer nova manifestação mental a multidão acorria em apoteose, houvesse o segundo Bilac, grande como Sófocles, animador como Píndaro, triste e imenso como Prometeu.

Homem, Olavo Bilac era numa cidade de trato desarticulado e sempre excessivo, o *gentleman*. O desejo de o festejar e de o conservar manifestado pela sociedade elegante, vinha justamente disso. Das rodas literárias êle afinal sempre procurou isolar-se, mantendo os velhos amigos de rapaz, dizendo

gentilezas raras aos jovens, mas sempre distante. A futilidade alacre de palestra era uma defesa, era o Bilac terra a terra, de quem todos eram forçados a serem amigos, mas que todos respeitavam como o sujeito infinitamente superior desde que a palestra deixasse de ser o brinco organizado pela scintilação prosaica que o Poeta estabelecia.

Para conservar a saúde da alma e do corpo, recorrera ao método. Dormia cedo, trabalhava desde madrugada, correctamente vestido, como se fôsse sair, num gabinete limpo e em ordem como qualquer escritório de médico da moda. Os seus estudos de medicina, continuados nessa época fora da Escola pelo receio da moléstia, como que lhe pautaram regras de vida mesmo social. Nunca o vi discutir arte, literatura. Raramente dava opinião. Contava anedotas ou fazia pilhérias. Fôra-se o tempo em que tôdas as tardes lia alto o artigo de Patrocínio para a roda do Pascoal e para o próprio Patrocínio que ficava doente quando Bilac não lhe ia dar êsse prazer celeste. Mais do que tudo êle guardava a sua sensibilidade de extraordinária. Como se temesse o ridículo de ser sensível.

Correctíssimo na sua vida de cidadão, jamais consentiu que lhe anotassem o exemplo dos seus actos. Trabalhando enormemente

para vários jornais, foi êle que manteve sem ninguém saber, a agonia de Guimarães Passos até à morte. Nunca vi ninguém pedindo a Bilac. Bilac servia e empregava uma porção de gente. Ao lado da sua elaboração de artista, Bilac tinha vários planos práticos — um dicionário analógico, em que trabalhava todos os dias, uma agência telegráfica nacional — que era não só um plano prático mas uma defesa política.

Uma vez fui encontrá-lo no balcão da *Gazeta* vendo um jornal de crianças.

— E' de meu sobrinho. Parece que o pequeno tem talento. Para quê?

Havia imensa ternura no seu olhar. Mas foi um instante. Logo indagou do gerente, que chegara:

— ¿Terás obra de oito contos para emprestar a um homem que precisa ir a Europa?

Era uma das suas habituais pilhérias.

Doutra vez, num bonde das Laranjeiras, conversava:

— Bem que desejava partir, repousar. É preciso pôr tanta coisa em ordem, assegurar a mesada de minha mãe... Isto, porém, não interessa a ninguém.

Certa ocasião falávamos do êxito de uma das suas conferências — êxito de concorrência fenomenal.

— Estava com a minha terrível dor de cabeça, esta dor que não me deixa. Um médico, o meu médico foi assisti-la. Também é o único que lhe avalia o trabalho. «Quantos livros de medicina deves ter lido para dizeres aquilo...»

Sentia-se o pezar, a tristeza, o desencantamento dos artistas, mesmo aclamados, diante do público...

Quando organizava o *Momento Literário*, escrevi de memória bocados de palestra do Poeta. Mas precisava do seu consentimento para publicar e principalmente do ambiente em que queria localizar a entrevista. Fui a sua casa pela manhã. A entrevista saíu em S. Paulo. Eu descrevera uma porção de coisas bonitas, que não existiam na sala — de Bilac. Êle encontrou-me, pela primeira e única vez, realmente sensibilizado.

— ¡Você foi inventar todo aquele luxo!...

E tal era o seu carinho que lembrei a frase de Rusquin sôbre a necessidade do luxo.

Mas no labor tremendo para assegurar a vida, na higiene, no regimen para manter o equilíbrio necessário da saúde, a sua elegância, a sua inteligência, a medida harmoniosa e discreta que em todos os seus actos punha, tinham-no feito o deus da simpatia extáctica de todo o Brasil. Foi nesse período que eu o

vi, vestido como só vestem certos privilegiados de Mayfair, adulado por uma sociedade inteira numa batalha de flores, de que êle era o *artista*. Foi por essa época que a sociedade brasileira, senhoras e cavalheiros lhe ofereceram um banquete tão grande que foi preciso a platea de um dos nossos maiores teatros para contê-lo. Foi nesse momento que êle pronunciou o seu discurso, tão descontente secretamente com a obra que até então tinha produzido.

A obra! Eu acreditava Olavo Bilac, um fino artista, com a capacidade de sedução incomparável, bem um *espírito ateniense*.

Coisa a averiguar seria se o *espírito ateniense* foi inerente aos filhos da Ática. Os possuidores de cultura sem pormenores e o povo em geral teem da Grécia e de Atenas uma impressão global: — a terra em que cada cidadão era o privilegiado da Beleza. O *espírito ateniense* como hoje o parisiense, era, entretanto o privilégio irradiante de meia dúzia que formavam um ambiente restricto. Pode haver atenienses agora na Rússia, na América, no Turquestan e havia, de facto, no ponto de vista de espírito poucos atenienses em Atenas — cidade prosaica, democrática, grosseira, inimiga dos artistas; e tão cheia de estrangeiros, de metécas, que, com 120.000 habitan-

tes, 96.000 eram da Macedónia, da Colchida, da África, da Trácia.

Nós no Brasil não temos nem arte nem literatura. Não podemos ter, porque somos um povo por constituir, à espera das ideas estrangeiras, e cujo desenvolvimento violento, quando se der, terá de ser rural—industrial. O artista é o fenómeno, o infeliz dotado dessa scintilla de compreensão divina, que chamaram *espírito ateniense*. Eu julgava Bilac um dêsses. Poéticamente êle era para mim no Brasil um Herédia, um Banville, um Gautier: Eu não vira, senão pelo seu lado estético, a tentativa do único poema épico que nos fôra permitido escrever com razão: os *Bandeirantes*, eu não vira, senão como uma formosa prova de cultura, o seu esplêndido discurso do *D. Quixote*, eu não vira senão como necessidade a sua obra de pedagogia patriótica. Eu não vira exactamente o que êle era e o que êle foi:—o génio, o único génio das letras nas terras brasileiras.

Mas em pleno triunfo, até então sem nunca ter sido atacado, Bilac deparou um dia com a agressão insólita. A história dos nossos costumes neste período feroz de transição da forma burguesa bonacheirona lusitana para a atoarda assaltante norte-americana terá sempre uma grande falha: a documentação sôbre

a imprensa. Seria preciso inventar um observador imparcial como para outros aspectos da vida. Êsse observador é totalmente impossível — porque se a imprensa impressiona tôdas as classes, o mêdo do seu poder destruidor é tremendo nos que dela fazem parte. O público, porêm, que acredita ou se encoleriza contra a palavra impressa, jamais saberá que essa imprensa, comparativamente infantil e ingénua em se tratando do modo de discutir e conduzir a opinião nos factos polífticos ou nos interêsses de tôda a gente, ensaiou a sua faculdade de arrasar valores exactamente em casa. Começou pelos seus. E nos que atacam ou descrevem só poderemos encontrar o parcialismo da paixão, do despeito, da cólera.

E' fácil, entretanto, provar que no primeiro momento da transformação yankee, os homens de letras deixaram de dirigir, como até então acontecia, os jornais para serem assunto dêles. E que no rompimento do dique do respeito, as hierarquias mentais desapareceram, para permitir apenas a publicidade. Como a publicidade literária é gratuita, isso desintereza de modo geral. Desde que o escritor não se fêz amigo dos donos dos jornais ou não tem a sua simpatia, qualquer energúmeno pode atacar os autores dessa planta sem raízes — a arte. Quanto ao noticiário encomiástico êle

é feito por camaradagem e sem leitura das obras de que fala. Resultou dêsse estado de coisas que a mediocridade insinuante pode ter o seu período de elogio. Mais. Como não é possível criticar, censurar, menoscar as inteligências com a aceitação pública, a imprensa levou para certos artistas no apogeu os processos do ataque político, do ataque pessoal. Ressurgia por exemplo, escrevendo em português Milton, que como ninguém ignora foi sempre amator de efeitos sensacionais. Êsse cidadão implicava com Milton e não se lembrava do *Paraíso Perdido*. Vingava-se do génio de Milton, chamando-o diárricamente de ladrão, peculatório, símbolo de vícios infames. E tudo isso, com piada, às gargalhadas.

O efeito de tal proceder no público acabou, graças à insistência, por ser desastroso para os intuitos dos seus autores. Se o primeiro momento foi de pasmo, sucedeu logo o desgosto e em seguida a incredulidade scéptica. Mas essa incredulidade scéptica pode ser traduzida por um fenómeno único nas democracias pacíficas como a nossa: a confiança, o pé de igualdade em que todos se acharam com as inteligências excepcionais.

— Tu és génio, mas eu valho mais do que tu, porque os jornais não me atacam.

— Tu tens talento, mas serei eu a te proteger porque os jornais não me atrapalham ou insultam.

No movimento geral isso não tem importância. Ou tem muita. Na tentativa de estudo do segundo Bilac a necessidade de tal argumento impõe-se por mais que o remorso tenha procurado apagar a impressão das agressões, por mais que os amigos de Bilac, diplomáticamente não toquem no assunto. Mas Bilac não teria sido a voz de Prometeu, a voz do Brasil, se o sofrimento austeramente disfarçado, não lhe tivesse atacado a maturidade.

Tenho nos olhos o quadro do que depois eu poderia chamar *Partida de Bilac para a Perfeição*. Era no cais Faroux o seu embarque para a Europa. Êle deixara o cargo de secretário da Prefeitura. Autoridades tinham à sua disposição lanchas oficiais. A sociedade inteira no que tem de mais representativo estava presente. Quando as lanchas partiram, aclamaram-no. A bordo, multiplicavam-se as corbelhas de rosas enviadas pela admiração, tantas que algumas ficaram no tombadilho. Eram duas da tarde na luz de diamante azul da baía.

— O navio só parte à noite.

Bilac pôs o seu boné de viagem.

— Que importa? Começo a ficar só, já.

Quando voltei, olhei da lancha aquele homem na amurada. E não me lembra de ter visto jamais uma tão impressionante figura de tristeza heróica.

Para concordar com o meio termo e o bom senso direi que a «vida é um combate», que só são atacados os valores reais, que as agressões a Bilac na unanimidade admirativa eram insignificantes. Não há dúvida. Um homem de negócio teria rido e procurado impedir a sua propagação. Mas Bilac era um Artista. O artista está sempre acima das homenagens, mas sofre atrozmente a menor injustiça. Eu via a imagem da tristeza heróica. Era. Era o mais perfeito poeta da língua, era um dos raríssimos espíritos atenienses do mundo contemporâneo, era uma glória da sua pátria, doente, certo da moléstia incurável, depois de um seguido e titânico labor de beleza não só de poesia mas prático, que não fizera mal a ninguém e sentia trágicamente a onda da perversidade, do ataque pessoal que chegava, para feri-lo a dar-lhe moléstias que êle não tinha, moléstias terríveis...

As provas de Dor de Bilac e da sua atitude de renúncia são inúmeras. Bastam, porém, dois exemplos.

Bilac sempre sonhara patrioticamente com a necessidade de uma agência telegráfica

brasileira. Não há quem conheça um pouco de história contemporânea ignorando os resultados do fornecimento telegráfico. A Inglaterra teve uma tutela na Bolsa universal pelos seus telegramas. Na França, que dessa tutela se viu livre, o caso foi de debate público. A convivência com Rio Branco mais animou Bilac no seu desejo. Com Medeiros e Albuquerque e De Ambris êle fundou a Agência Americana. Devia ser uma obra ajudada pelo govêrno, claramente, como as congêneres de outros países o são. Mas como convencer a mediocridade perversa? O primeiro subsídio dado sem meios indirectos, honestamente, causou o ataque. Eram vinte e sete contos. Bilac foi ao ministério e contra a vontade do ministro, restituiu a importância, passando a outras mãos a Agência.

Havia jornais a atacá-lo. Bilac disse-me um dia :

— Nunca mais escrevo em jornais.

E passou dez anos e morreu sem escrever para os jornais.

Muita vez encontrei o Grande Poeta no período de quási permanente exílio voluntário. Encontrei-o a bordo, de gentileza igual para com todos os importunos, encontrei-o em Portugal, na Itália, seguidamente em Paris, algumas vezes no Rio.

— Algum tempo por cá?

— Torno a embarcar. Você sabe: estou a fazer o ferro de engomar entre Paris e Rio...

A graça, a anedota, um sentimento vago de acabar de-pressa com as companhias, sorrisos que encobriam a mágoa vinda na impertinência da amabilidade alheia... Posso dizer que nunca falei sinceramente com Bilac senão no encontro fortuito do nosso olhar — porque eu sabia a sua exquisita, rara, sensibilidade e êle a defendia como um segrêdo, da indiscrição alheia. De repente, porêm, eu o via só. Lá estava a imagem da tristeza heróica. Certa ocasião em Paris, duas horas antes eu o vira centro das atenções, fascinante pôsto que distante sempre, numa repartição brasileira. E de repente subindo a escada de um restaurant do boulevard, que tinha um enorme espelho ao centro, eu vi descendo essa mesma escada Bilac. Estava só. Descia. Era tal a tristeza daquela face vista no espelho que me encolhi confrangido e fugi para não lhe falar, para não o perturbar, para não o forçar a angustiosa banalidade da palestra amável.

A ausência de queixas, o horror às discussões, a defesa do segrêdo da sua inumerável mágoa, eram nesse homem elevação moral. Nunca encontrei expressão mais exacta e viva do aristocrata no sentido grego. Mas nesse

imenso tempo de mais de dez anos em que foi quasi sempre o exilado voluntário da sua pátria e em que lhe atribuíam neurastenias, esgotamento, morte para o trabalho deu-se em Bilac um estranho fenómeno. O homem, sabendo que ia morrer do coração cuidava do corpo seguida, contínua, ciosamente, como se fôsse possível da redoma de argila fendida cuidar a luz que do aconchego da redoma viva. O espirito desprezava a miséria polimorfa, mas do pagão inebriante se fazia o estóico para si mesmo e o doador de esperança entusiástico para a humanidade.

E melhor do que ninguêm, êle próprio, Olavo Bilac, sentia essa evolução, do corpo para a morte, do espirito para a profundez celeste. Da moléstia palestrava scepticamente, com termos técnicos, com o ar de professor de clinica, na enfermaria, sôbre outro corpo. De sua transfiguração nada dizia. Despira-se da vaidade, repelira a publicidade, queria o isolamento. E cada verso seu, com o cunho da eternidade, era um soluço imenso e profundo. ; Como êle ensinou, como viu, como foi só êle mesmo — o Vate!

O seu nojo pela miséria humana êle o deixou nos sonetos que parecem colhêr o motivo na crónica do Padre Simão de Vasconcelos, naquele trecho em que o membro da

Companhia de Jesus dava conta das nações monstruosas que, diziam, havia no Estado do Brasil:—a dos anões, a dos gofarris pequeninos, a dos Mutuiús, a dos Curiqueans, a das Amazonas. E Bilac escreveu *Os Monstros*.

Não me perdi numa ilusão... Perdi-me
Na existência, entre os homens. E encontrei-os,
Vivos, bem vivos!—estes monstros feios
Cujo pêso afrontoso a terra oprime

Mas há monstros no bem, como no crime
Outros houve, que em hinos e gorgeios
Talvez viveram e morreram, cheios
De extrema formosura e ardor sublime.

Ah! no dia da cólera tremenda,
Os monstros bons, agora fugitivos
Desta mímica de fé que nos infama,

Ressurgirão no epílogo da lenda:
Os mortos voltarão varrendo os vivos,
E os maus se afogarão na própria lama.

Os Monstros são cinco sonetos só. E na obra de Bilac a única prova transparente da sua cólera, do seu nojo, e ainda assim com uma elevação purificadora esplendente. Se, por exemplo, o segundo soneto grava a tor-

peza inútil dos agressores, dizendo exactamente o que êles são e o que vale o seu ataque:

Ainda viveis, espíritos obscuros
Como nos dias do Brasil inculto
Na intelligência anões como no vulto;
Como no corpo, no moral pequenos.

Espremeis a impotência do ódio estulto
Em pérfidos esguichos de venenos...
Tendes baixeza em tudo: j nem ao menos
Fôrça na inveja e elevação no insulto!

Répteis humanos, no coleio dobre
De rastos babujais templos e lares;
Contra os bons, contra os fortes de alma nobre,

Línguas e dentes dardejais nos ares:
Mas só podeis ferir, na raiva pobre,
Em vez dos corações, os calcanhares.

Se êsse soneto e os outros são sátiras de ferro em brasa, o soneto-fecho à *Amazonas* — é uma alvorada:

Nem sempre durareis, eras sombrias
De miséria moral! A aurora esperas,
O' Pátria! e ela virá, com outras eras,
Outro sol, outra crença, em outros dias!

David renascerá contra Golias,
Alcides contra os pântanos e as feras
Os corações serão como crateras,
E hão de em lavas mudar-se as cinzas frias.

As nobres ambições, fôrça e bondade,
 Justiça e paz virão sôbre estas zonas,
 Da confusa fusão de ardente escória...

¡ E, na sua divina majestade,
 Virgens, reviverão as Amazonas
 Na cavalgata esplêndida da glória!

¿ Em que data teria Bilac escrito êsse baixo relêvo contemporâneo dos *Monstros*? Julgo absolutamente impossível que alguêm tenha obtido de Bilac uma intimidade que fôsse uma transfusão de almas, uma confidência. Sempre o senti nessas coincidências fortuitas em que o seu olhar percebia que o meu olhar o via de uma sensibilidade d'harpa eólia. Os seus versos foram os seus únicos confidentes. E a defesa em que se murava, a defesa que obrigava os outros a pararem diante da porta fechada do seu coração, êle mesmo a confessa num soneto justamente intitulado *Defesa*, cujos primeiros versos são estes:

Cada alma é um mundo à parte em cada peito
 Nem se conhecem, no auge do transporte,
 Os jungidos do vínculo mais forte

cujo terceto final diz assim:

E os dois sêres sentindo-se tão perto,
 Até num beijo, são duas montanhas
 Separadas por léguas de deserto

Explico a sua dor, a sua renúncia colérica,
dando como causa a miséria dos ataques, não
só pela altitude de exílio—protesto, como
pela sua própria musa confessada no soneto
Palavras

As palavras de amor expiram como os versos,
Com que adoço a amargura e embalo o pensamento:
Vagos clarões, vapor de perfumes dispersos
Vidas que não têm vida, existências que invento;

Esplendor cedo morto, ânsia breve, universos
de pó, que um sôpro espalha ao torvelim do vento,
Raios de sol, no oceano entre as águas dispersas,
— As palavras de fé vivem num só momento

Mas as palavras más, as do ódio e do despeito,
O «não!» que desengana, o «nunca!» que alucina,
E as do aleive, em baldões, e as de mofa em risadas,

Abrasam-nos o ouvido e entram-nos pelo peito:
Ficam no coração, numa inércia assassina,
Imóveis e imortais como pedras geladas.

E' o máximo para o alto espírito que escre-
vera na *Penetrália*

Quando amo, amo e deliro sem barulho;
E quando soffro, calo-me e definho
Na ventura infeliz do meu orgulho.

Dez anos, Olavo Brás Martins de Gui-
marães Bilac passa solitário na floresta da

tristeza. Nesse longo tempo, a certeza da própria morte é muito mais cruel que a contemplação das caveiras a que se entregavam os santos em caminho da perfeição. Êle vê a vida amaríssimamente. Tudo quanto amara outrora, nos momentos da glória a que renunciou, tudo é amado de outra maneira.

Sou como um vale, numa tarde fria

O Artista ainda pensa na forma, o seu ardente credo de jovem. Por duas vezes êle ensina, êle repete a profissão de fé nas *Poesias*. Numa, ansiado, considera inatingível a cidadela da Perfeição. Noutra, diz:

...A Beleza, gémea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
E' a fôrça e a graça na simplicidade.

Definição helénica, expressa doutro modo que nas *Poesias*. Mas o mesmo conceito de um raro espírito ateniense, só por acaso surgido no Brasil.

O poeta do Amor, o ardente poeta do *Dentro da Noite*, o homem cujos versos eram beijos e que tôdas as mulheres inebriadas liam, tem uma outra noção do Amor. Êle vê a destruição, o desastre nos sonetos célebres dos *Amores da Aranha*, e *Amores da Abe-*

lha. As mulheres são insaciáveis de presentes como a *Rainha de Sabá*, o sorriso da *Giocônda*.

É a dobrez ancestral, a malícia primeira
Da Ísis da pecadora altriz do Paraíso

A alguêm que lhe deu de beber como a Samaritana a Jesus, murmura:

Com a água que me deste (i que contraste
De ti para a mulher de Samaria!)
A bôca e o coração me envenenaste:

Maior do que a sêde, êste tormento,
Esta ânsia singular, esta agonia
i Que é de saudade e de arrependimento!

Velho de Dor, o amor pessoal, o seu desejo com outro desejo, parece-lhe horrível.

i Se amas, se da velhice entras a porta escura,
Maldize o teu amor que é um triste adeus à Vida!
i Porque no teu amor de velho se mistura
Ao enlêvo de um noivo a angústia de um suicida!

Para êle o melhor amor foi o que não passou do prólogo.

Para conter aquela imensa chama
Os nossos corações eram pequenos:
Tivemos mêdo da paixão... E ao menos,
i Não vimos tanto céu mudado em lama!

Essa transformação é natural. Na sua meditação êle vê a fatalidade inexorável, êle entra no grave e doloroso segrêdo das coisas. Para o Poeta do Amor o Amor é agora *Criação*. A sua sensualidade, a sua volúpia são pasmos religiosamente universais. Nessa luxúria de infinito é incomparável de beleza o soneto em que entre duas bôcas soluçantes

i Rola todo o Universo, em harmonias
E em glorificações, enchendo o espaço!

Bilac ouve e vê a montanha, as nuvens, os rios, os astros, a terra. A sua concepção do amor é outra. O Poeta era também o Poeta das Estrêlas. Êle ouvia estrêlas e dizia que quando uma virgem morre uma estrêla aparece... Na floresta da dor a sua meditação volta-se para os ocasos. Mas as estrêlas continuam a amá-lo. Apenas êle as sente com uma tristeza tal que os versos são de pranto. E ao falar às estrêlas êle já não as ouve, ouve Deus.

— Uma divina música serena
Desce rolando pela vossa luz:
Cuida-se ouvir, ovelhas de oiro, a avena
Do invisível pastor que vos conduz.

Êle chora, êle soluça baixinho, nesses momentos. Mas o horror arde no *Crepûsculo dos Deuses*, em outros poemas. Deu-se o desmoronamento! A Morte paira. Tudo acabou! Já os homens não teem ideal. E solitário, na treva da Angústia, Bilac escreve para a Eternidade, o brado dêsse esplendoroso poema de tôdas as angústias, a *Marcha Fúnebre*:

Como se ouviu no Epiro, outrora, o extremo grito
 «Pan morreu!» — na amplidão rebôe o meu lamento:
 Torpe a ambição, perdido o amor, inane o alento,
 ; Nestas baixas paixões de um século perdido!

; Rolem trenos no oceano e elegias no vento!
 Concentrai-vos na dor do funerário rito
 O' àsas e illusões num miserere aflito
 ; E' ó flores, num responso, e ó sonhos num lamento!

Bôcas bradando ao céu de minuto a minuto
 Olhos, velando a terra em sudários de pranto
 Corações, num rufar de tambores em luto,

Guaiál, carpi! gemei! e ecoai de pôrto em pôrto
 De mar em mar, de mundo em mundo, a queixa e o espanto:
 ; O Grande Pan morreu de novo! O Ideal é morto!

Que fazer? Que fazer?

Na imensa tristeza, no atroz desconsôlo
 dos mais atrozes que em arte meus olhos vi-

ram, o génio debate-se após o desmoronamento total. Êle palpa a treva, êle ouve, êle ainda quer ouvir o nada. E de repente sente que foi outro. Êsse outro é êle próprio tal qual deseja ser, é o *cheik* com o deserto e o seu cavalo.

Mas o simun do orgulho enfumava o meu peito
E eu galopava livre, e voava, satisfeito
Da fôrça de ser só, da glória de ser triste.

Sentir-se assim é sentir a existência de sua vontade, para além dos desastres ferrestres. Mas em pouco a sua alma não se vê só como deseja ser. O génio é tudo quanto o mundo pensou e sentiu. Falam nêle, discutem nêle, sonham nêle exércitos de criaturas.

Outras almas talvez já foram tuas:
Viveste em outros mundos... De maneira
Que em misteriosas dúvidas fltuas,
Vida de vidas múltiplas herdeira!

Servo da gleba, escravo das charruas
Foste, ou soldado errante na sangueira,
Ou mendigo de rôjo pelas ruas
Ou mártir na tortura e na fogueira,

Por isso, arquejas num pavor sem nome,
Num luto, sem razão: velhos gemidos,
Angústias ancestrais de sêde e fome,

Dores grandes, seculares prantos,
Desesperos talvez de heróis vencidos,
Humilhações de vítimas e santos...

No sono põe-lhe o mal pesadelos de uni-
versos torpes. Na alma os espíritos de terra
sarabandam grosseiras paixões.

Assim, à noite, no invio da floresta,
No mistério das sombras, entre os pios
Dos noitibós, o candomblé se apresta:

Batuques de capetas, rodopios
De curupiras e sacis em festa
Em sinistros risinhos e assobios.

As noites de Bilac eram atrozes, devido às
insónias. Lembra-me certa vez que êle me
disse com um sorriso desconsolado.

— ¡O diabo são as minhas noites!

Nessas noites, repetem-se as visitas das
outras vidas. Obcecadamente o assunto vol-
ta. Êle tem de escrever. Lemo-lo como
quem lê os tormentos dos santos nas tebai-
das. ¡ Há nesses poemas alguns que são de-
sesperados gritos lancinantes como o *Introito!*
que assim começa

Sinto às vezes, à noite, o invisível cortejo
De outras vidas, num caos de clarões e gemidos:
Vago tropel, voejar confuso, hálito e beijo
De coisas sem figura e sêres escondidos...

E termina com o desejo único para escapar ao tormento :

E na sideração, que, um dia, me redima
 Liberto flutuarei, feliz, no seio etéreo,
 E, ó Morte, rolarei no teu piedoso manto,
 Para o deslumbramento augusto do Mistério

A reacção da Vida é porê m tão forte que êle fica perplexo no momento.

Talvez haja na morte o eterno olvido,
 Talvez seja ilusão na vida tudo...
 Ou geme um deus em cada ser ferido...

Não afirmo, não nego. E' vão o estudo
 Quero clamar de horror, porque duvido;
 Mas porque espero, — espero e fico mudo

No universo que é Êle, Êle feito universo pela compreensão da tristeza, a luta é horrível. A humanidade aos soluços implora vida. Bilac pode dizer no *Benedicite!*

— Mas bemdito entre os mais, o que, no dô profundo,
 Descobriu a esperança, a divina mentira,
 Dando ao homem o dom de suportar o mundo!

Êle deseja ainda, obscuramente a realização dessa esperança que o olha no seu coração — Êle anseia por tocá-la

Mas nos meus braços a ilusão se esfuma
E a mãe da água, exalando um ai piedoso
Desfaz-se em mortas pérolas de espuma.

São em grande número os estudos de crítica estético-psiquiatra em que se analisa o tédio, o pessimismo, a tristeza dos poetas. Não há pretexto mais fácil para encher páginas, e às vezes, embora raramente, dá-se o caso de algum acertar. Os brasileiros críticos ainda não resolveram a calamidade de estudar Bilac—com aquele ar enfatuado com que não compreendem os artistas. Estão por enquanto na moda de Machado de Assis. Será porê m difícil para tão solenes pessoas enquadrar Bilac no seu nominal quadro comparativo com citações. Porque a tristeza de Bilac não é nenhuma das tristezas contemporâneas, sinceras ou artificiais. A sua tristeza é uma elaboração, é a formação de outro homem, com as ideas iniciais depuradas e engrandecidas. Só nas tragédias gregas, só em Esquilo poderemos encontrar em tão poucas palavras tão grande drama de outro descobrimento na voragem de uma dor imensa. Êsses versos são o incêndio do seu sangue na treva. E é à luz dêsse sangue em chamas que êle se descobre—como se descobriu Çaki Mouni, como se descobriu Çakia Mouni,

como se descobriu Zoroastro. Nada mais trágico do que o tateamento do génio no caos; nada mais sonoro e claro do que a alba do novo sol, de que êle será o portador aos homens, triste, mas capaz de dar alegria.

Assim êle de repente encontra emfim porque são tantas almas na sua alma.

No fundo do meu ser, ouço e suspeito
Um pélago em suspiros e rajadas:
Milhões de vivas almas sepultadas,
Cidades submergidas no meu peito.

Às vezes, um torpor de águas paradas...
Mas, de repente, um temporal desfeito:
Festa, agonia, júbilo, despeito,
Clamor de sinos, retintim de espadas

Procissões e motins, glórias e luto
Chôro e hosana... Ferver de sangue novo,
Fermentação de um mundo agreste e bruto...

! E há na esperança, de que me comovo,
E na grita de dúvidas que escuto
A incerteza e a alvorada do meu povo!

Como não querer a vida? Como abandonar os homens? Êle teima em convencer-se:

! Mas a vida é um favor! De crepe ou de oiro e prata
Da injúria ou do perdão, do opróbrio ou da coroa,
! Tôdas as horas para o martírio são gradas!
! Tôdas para a esperança e para a fé são boas!

Êle próprio se condena no *Oitavo Pecado*, dirigindo-se a si mesmo «mártir e herói da própria natureza, vivendo para a morte, alegre de tristeza».

Mas não amaste! E além do Inferno, um outro existe,
Onde é mais alto o choro e o horror dos renegados:
Ali, pensando, tu, que o amor nunca sentiste

Pagarás sem amor os dias dissipados!
Esqueceste o pecado oitavo: e era o mais triste,
Mortal, entre os mortais, de todos os pecados.

Entre a Morte e a Vida, horrivelmente triste, miserere ambulante, atravessam-lhe o cérebro de súbito raios matinais. Tem essa frescura indizível, por exemplo, o soneto *Inocência*, que aliás termina com o travo da amargura.

Como em vez de uma paz desiludida
Posso eu ter, nesta idade, esta confiança.
¿Que me leva a correr a tôda brida
Na pista de uma sombra de esperança?

A transfiguração, porêm, vai se dar. Bilac, o Príncipe Feliz, que abandonou o mundo quando pela primeira vez o viu sem ideal, ignóbil, caluniador, rasteiro, Bilac que sofreu no silêncio tôdas as misérias humanas da inveja e da torpeza, aumentadas pelo seu génio, compreende que os solitários nada

adiantam, que é preciso vir ensinar aos homens, que êsses homens são os seus irmãos. O seu coração é sem vaidade, e sem ilusões, mas perdoa, esquece, apaga, redime, porque dentro dêle arde o ideal que congregará todos os corações. E Olavo Bilac desce de si mesmo para os homens seus irmãos. A sua palavra é uma *Sinfonia*.

Meu coração na incerta adolescência, outrora,
Delirava e sorria aos raios matutinos,
Num prelúdio incolor, como o alegre da aurora,
Em sistros e clarins, em pífanos e sinos

Meu coração, depois, pela estrada sonora
Colhia a cada passo os amores e os hinos,
E ia de beijo a beijo, em lasciva demora,
Num voluptuoso adágio em harpas e violinos.

Hoje, meu coração, num scherzo de ânsias, arde
Em flautas e oboés, na inquietação da tarde,
E entre esperanças foge e entre saudades erra...

E, heróico, estalará num final, nos clamores
Dos arcos, dos metais, das cordas, dos tambores
; Para glorificar tudo o que amou na terra!

Nada mais contemporâneo do que o milagre porque eterno. Nós todos assistíamos ao espanto de um milagre como aquele de Zo-

roastro, nas cidades atulhadas de inconsciência, nas províncias onde o espírito claro de nacionalidade espera o *surge et ambula* dos génios. E eu via Bilac, não já com a elasticidade física quarenta anos mantida, mas com a dureza visível que toma o esqueleto quando sente que sustentará a carne por pouco tempo — sorrir, falar, discursar, rir. Para o Poeta que voltava subiram as aclamações. Os que sem razão o haviam atacado, Bilac apertou a mão esquecendo; dos que ainda rugiam, não cuidou. Êle falava à Mocidade da Pátria, êle ensinava: «fazei-vos grandes unindo o vosso esfôrço na pátria grande», êle ligava os velhos aos moços no mesmo entusiasmo juvenil. Era a clara lição de moral e de vigor de todos os excepcionais, lição que o animal de memória, o homem, tanto esquece que quando a ouve repetida é como se fôsse coisa nova. Velhos conselheiros d'alma, parvóides pretenciosos, estátuas de pés de barro, considerações do lugar-comum tomavam à pressa posição nos andores para a procissão do Brasil Novo. E todos os moços, de norte a sul, cantavam com os corações, os músculos e a generosidade dos vinte anos, o *fiat* de nacionalidade. Nessa apoteose que se abria ao seu Verbo, sagrado por grandes e ignaros, Rei pela Humanidade da Pátria, a sua ener-

gia moral, o fogo sagrado, o desejo de Vida erguiam o seu corpo. Mas quando sorria, o seu olhar via o riso desesperadamente inexorável da Morte. Em tórno o vozeio, o alarido, o clamor de milhões de corações bradando as suas palavras de entusiasmo. Face a face Êle e a Morte disputando os dias, as horas, os minutos. Ler-lhe as lições das conferências e dos discursos, integrar a sua primeira vida na segunda, sentir como êle foi sempre o sincero, o nobre, o ilustre de medido conselho e de alma ardente, pensar nessa obra feita de sóis, e ter a certeza de que Bilac vindo de dez anos de Dor, amando a vida, compreendendo o ideal redentor da vida, sorria, falava, inflamava sem a menor dúvida de que invisível para os outros, mas visível para êle ao seu lado a Morte esperava impaciente...

Algumas vezes o vi, nesses últimos tempos, abstracto de súbito, a cabeça voltada para o lado esquerdo, a calma da fronte vencida de duas rugas de cólera. Falavam-lhe. Êle respondia, animador, logo. ¿ Porque olhava Bilac para a sinistra assim, de súbito, em cólera? Era a reposta, era o *espere*, à Morte voraz, ao chamado irrevogável.

Mas os homens celestes, que refazem o cosmos no próprio sofrimento para dar aos

homens um ideal novo, quando retornam à clareira com a manhã da Beleza nas mãos, presente do seu sangue, das suas dores, de tôdas as suas vidas, podem mandar esperar a Morte — porque são a Eternidade. Em poeira desfazem-se os ossos, em escombros rolam as montanhas, em lama e pó passam as gerações. Mas no ar fica o pólen criador de miragens, que erguem para diante os homens vindos depois. Os génios ficam como a luz — aclarando todos, mesmo aqueles que contra êles protestam. Os génios realizam a immortalidade. Vivem para o futuro em milhões de almas, e as palavras que disseram são — a verdade.

Feliz desgraçado! A dor da miséria humana fê-lo abandonar com amargura, a vida de lutas e ignomínias, logo que, Príncipe Feliz, lhe viu pela primeira vez o lado feio. Mas a Dor pôs no seu sofrer o sofrer da Humanidade, e quando, Mártir dêsse tormento inacreditável, tornou aos homens, misericordioso e bom para fazer os seus irmãos pensarem pelo seu pensamento radioso, foi para dizer a religião de todos nós, foi para que o acreditássemos espalhando o seu Verbo. Feliz, milhões de vezes felizes, o homem que é orla da floresta, com a Morte ao lado, vem e diz — para ensinar e entusiasmar. Feliz aquele que desapa-

rece deixando a certeza pan-divina de ser a pátria inteira :

¡ Pátria, latejo em ti, no teu lenho, por onde
Circulo! ¡ E sou perfume e sombra e sol e orvalho!
E em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,
¡ E subo do teu cerne ao céu de galho em galho!

Dos teus línchens, dos teus cipós, da tua fronde,
Do ninho que gorgeia em teu doce agasalho,
Do fruto a amadurar que em teu seio se esconde,
¡ De ti—rebento em luz e em cânticos me espalho!

Vivo, choro em teu pranto; e em tais dias felizes,
¡ No alto, como uma flor, em ti, pompeio e exulto!
E eu, morto,—sendo tu cheia de cicatrizes

Tu golpeada e insultada,— eu tremerei sepulto:
E os meus ossos no chão, como as tuas raízes,
Se estorcerão de dor, sofrendo o golpe e o insulto.

E foi êsse o segundo Bilac. Antes êle era o Príncipe Feliz, talvez o único ser no Brasil detentor do espírito de harmonia e proporção, herança de alguns homens de Atenas para alguns raros homens do mundo. A Dor fêz do Artista, o Vate Revelador. O segundo Bilac quis ser e é a alma da própria Pátria.

ÍNDICE

Um grande Poeta.....	5
Ao Entrar um poeta na Academia.....	35
«A Suave Ascensão» de Gilberto Amado.....	61
Carlos D. Fernandes na «Palma de Acantos»..	77
À Margem das «Solitudes» de Pereira da Silva	87
Celso Vieira, o Revelador de «Endimião».....	97
A autoflagelação de um génio patriota.....	107
Um grande actor por amor da juventude e da beleza.....	125
A primeira tragédia de Óscar Wilde.....	137
O Segundo Olavo Bilac.....	163

INDEX

1. Introduction 1

2. The History of the Church 10

3. The Doctrine of the Church 25

4. The Ministry of the Church 45

5. The Sacraments of the Church 65

6. The Church and the World 85

7. The Church and the Future 105

8. The Church and the People 125

9. The Church and the State 145

10. The Church and the Mission 165

11. The Church and the Unity 185

12. The Church and the Love 205

13. The Church and the Faith 225

14. The Church and the Hope 245

15. The Church and the Charity 265

16. The Church and the Peace 285

17. The Church and the Justice 305

18. The Church and the Liberty 325

19. The Church and the Equality 345

20. The Church and the Fraternity 365

21. The Church and the Solidarity 385

22. The Church and the Responsibility 405

23. The Church and the Accountability 425

24. The Church and the Transparency 445

25. The Church and the Integrity 465

26. The Church and the Honesty 485

27. The Church and the Humility 505

28. The Church and the Modesty 525

29. The Church and the Simplicity 545

30. The Church and the Purity 565

31. The Church and the Holiness 585

32. The Church and the Sanctity 605

33. The Church and the Blessedness 625

34. The Church and the Glory 645

35. The Church and the Honor 665

36. The Church and the Respect 685

37. The Church and the Reverence 705

38. The Church and the Awe 725

39. The Church and the Wonder 745

40. The Church and the Mystery 765

41. The Church and the Mystery 785

42. The Church and the Mystery 805

43. The Church and the Mystery 825

44. The Church and the Mystery 845

45. The Church and the Mystery 865

46. The Church and the Mystery 885

47. The Church and the Mystery 905

48. The Church and the Mystery 925

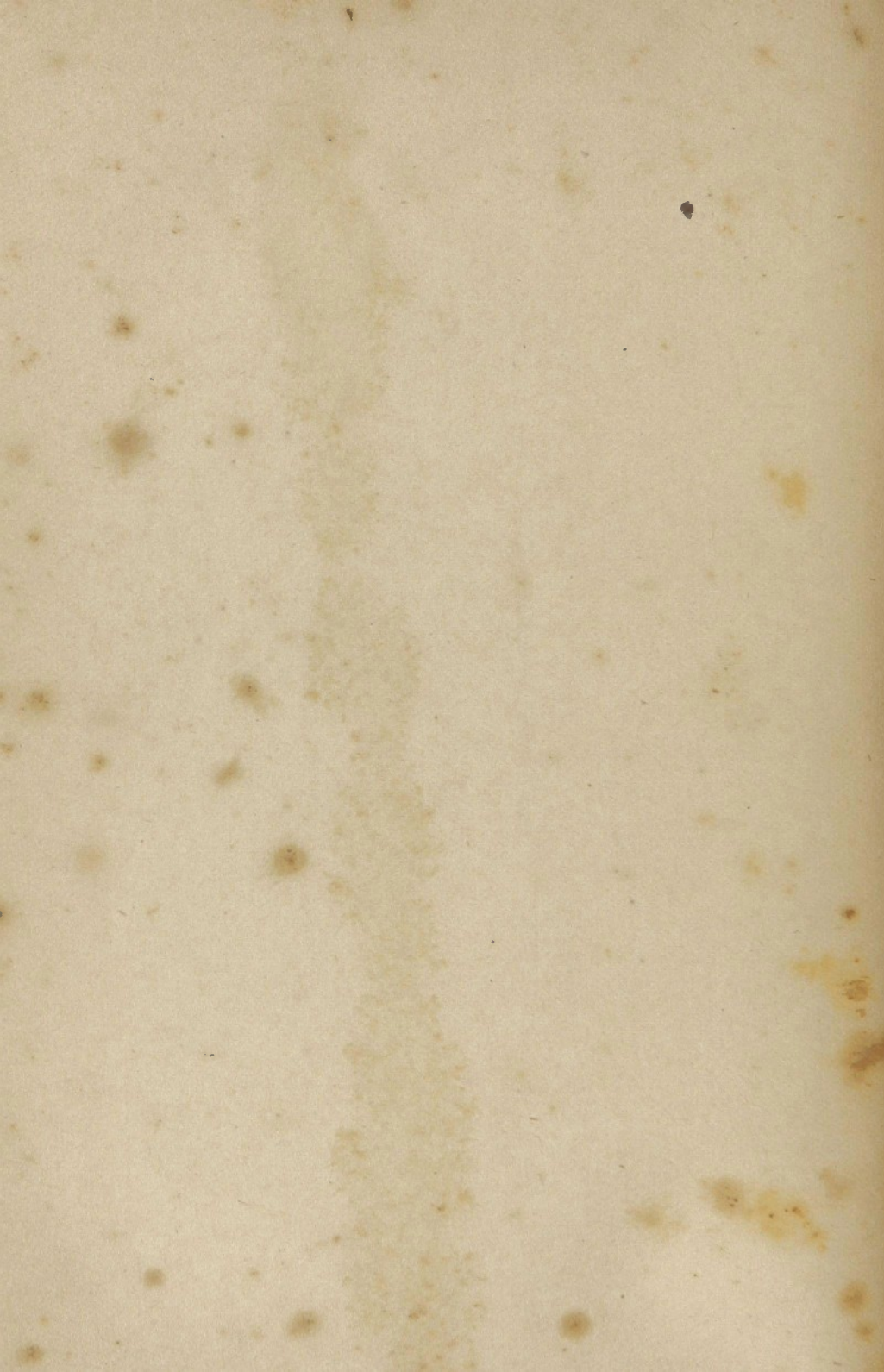
49. The Church and the Mystery 945

50. The Church and the Mystery 965

51. The Church and the Mystery 985

52. The Church and the Mystery 1005







LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Para sair brevemente:

ANTOLOGIA BRASILEIRA

ORGANISADA POR

AFRANIO PEIXOTO

Da Academia Brasileira

CONSTANCIO ALVES

Da Bibliotheca Nacional

A série da **Antologia Brasileira**, organizada com a mesma orientação que a **Antologia Portuguesa** virá a constar de uns trinta volumes, pelo menos. Não será apresentada ao publico com numeração editorial e cada possuidor a ordenará como entenda, ou cronologicamente, ou por poetas e prosadores, segundo o seu criterio e vontade.

Volumes publicádos :

José Bonifacio (o velho e o moço)

Volumes no prélo :

Joaquim Nabuco, Vieira Brasileiro e José de Alencar

Em preparação :

Gonçalves Dias, Tavares Bastos, Alvares de Azevedo,
Castro Alves, Junqueira Freire,

Os poetas da Inconfidencia, Os épicos nacionais,
Oradores Sacros, Os grandes jornalistas, Francisco Octaviano,
Pedro Luis,

Machado de Assis, João Francisco Lisboa,
Os grandes oradores Parlamentares, etc., etc.,

Dirigir os pedidos às Livrarias :

Francisco Alves — RIO DE JANEIRO
Aillaud e Bertrand — LISBOA



